



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

SHIRLEY LAIANNE MEDEIROS DA SILVA

A Marqueza ensanguentada:

O romance de Condessa Dash nos periódicos brasileiros de Norte a Sul.

Belém

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

SHIRLEY LAIANNE MEDEIROS DA SILVA

A Marquiza ensanguentada:

O romance de Condessa Dash nos periódicos brasileiros de Norte a Sul.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará como exigência para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Germana Maria Araújo Sales

Belém

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA

Silva, Shirley Lianne Medeiros da, 1984-

A marquezada ensanguentada : o romance de Condessa Dash nos periódicos brasileiros de Norte a Sul / Shirley Liane Medeiros da Silva ; orientadora, Germana Maria Araújo Sales. ---- 2015.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2015.

1. Literatura brasileira - Jornais. 2. Periódicos - Brasil . 3. Livro e leitura – Belém – Séc. XIX. I. Título.

CDD-22.ed. 869.9098115

SHIRLEY LAIANNE MEDEIROS DA SILVA

A Marqueza ensanguentada:

O romance de Condessa Dash nos periódicos brasileiros de Norte a Sul.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Germana Maria Araújo Sales (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Simone Cristina Mendonça

Prof^a. Dr^a. Lilia Silvestre Chaves

Prof^a. Dr^a Marlí Teresa Furtado

Belém

2014

À minha família e bons amigos.

Agradecimentos

No término de tão desafiadora caminhada que foi o Mestrado, voltar os olhos para o que passou exige certamente o reconhecimento e o agradecimento àqueles que fizeram parte de tudo isso.

Ao meu Pai Celestial, obrigada pela oportunidade, saúde e habilidades necessárias para a execução dessa empreitada.

À Minha Família, que como todas as famílias, tem suas peculiaridades, mas que é minha grande motivação para buscar sempre o melhor. Especialmente ao meu irmão, minha cunhada, meus sobrinhos e à minha mãe, ela que continua me surpreendendo e me motivando por ser *expert* nos quesitos lutar, superar e não desistir. Amo-os todos. Obrigada!

À minha Orientadora, Prof^a Dra. Germana Sales, o meu muito obrigada! Depois de sete anos de trabalho, quero agradecer por tudo que aprendi com esta convivência. Indubitavelmente, muito além do conhecimento acadêmico, aprendi sobre amor e compromisso para com a profissão, sobre humanidade e generosidade, sobre família e amigos, sobre como fazer mil coisas ao mesmo tempo (sem perder a elegância, rs), sobre como nunca devemos pensar em desistir. Obrigada por todas as oportunidades, pelos puxões de orelha (principalmente), pelos momentos nos quais me apoiou muito mais do que as suas atribuições exigiam e por todas as vezes em que acreditou e continuou apostando em mim em mim quando eu já não mais acreditava. Tenho muito orgulho e sou muito grata de ter sido, por todos esses anos, sua orientanda.

Aos meus colegas de projeto, pelas trocas de conhecimento e pelos almoços, cafés, bolos e afins, conferências sempre divertidas, que ajudavam a descontrair das preocupações do dia a dia.

Ao Programa de Pós-Graduação, a CAPES e ao PROCAD, agradeço pelo fomento e pela oportunidade do mestrado sanduíche na UERJ.

Aos meus professores das disciplinas cursadas ao longo desse percurso, tanto na UFPA quanto na UERJ, meu muito obrigada pelos conhecimentos repartidos e acrescentados à minha vivência acadêmica.

Às professoras Lilia Chaves e Simone Mendonça, pelas contribuições a esse trabalho na banca de qualificação e fora dela. Também por terem aceitado o convite para a apreciação final.

Aos meus Maninhos Alan Flor, Tayana Barbosa e Vanessa Suzane, muito obrigada por todo apoio e companheirismo de todas as horas, pelos momentos inesquecíveis e histórias eternizadas, pelos colos, ouvidos e palavras e, principalmente, pelo riso! Sim, o nosso riso tolo, frouxo e farto! Vocês tornam a minha vida muito melhor. Foi um enorme prazer dividir essa experiência com vocês. Amo-os!

Ao meu namorado, Leonardo Teixeira, que chegou na reta final desta caminhada para, por meio de sua postura tão amável, me trazer a tranquilidade e a paciências necessárias.

O meu sincero agradecimento aos muitos que não o puderam ser nomeados, mas que direta ou indiretamente contribuíram para esse resultado e que figuram com carinho em meu coração.

Ergueu o copo com o final do vinho, brindando a si mesma:

– À audácia desta mulher, que ousa viver em campo aberto, correndo o risco da verdade. E acredita num amor latente e latejante. Implícito e vivo como um filho no ventre ou uma semente na terra.

Como um gene. Ou uma memória – brindamos nós com ela, erguendo esta taça de escrita e leitura, também cintilantes do pôr-do-sol ou do nascer do dia.

Audácia dessa mulher – Ana Maria Machado

RESUMO

A imprensa oitocentista no Brasil foi um veículo importante de disseminação da cultura letrada e intensas transformações políticas e sociais ocorridas ao longo do século XIX tiveram o periodismo como testemunha, bem como meio de propagação de toda sorte de manifestações intelectuais. Isso incluiu certamente o fazer literário feminino, especialmente a escrita de romances, os quais elas já vinham produzindo cerca de dois séculos antes. No periodismo brasileiro, o fenômeno dos romances publicados no espaço Folhetim do jornal oportunizou a veiculação de uma infinidade de escritores e escritoras, e os leitores, por sua vez, no Brasil, apresentavam preferência pelos estrangeiros, especialmente os franceses. Este trabalho enfoca na produção da escritora francesa Condessa Dash intitulada *A Marquesa Ensanguentada*, obra de relevante circulação nos jornais oitocentistas brasileiros, a qual buscamos por meio da leitura e também por fatores externos a ela, identificar elementos que porventura contribuíram para sua relevante circulação em meio aos jornais brasileiros. De tom explicitamente moralizador, a obra direciona o comportamento e a conduta feminina em diferentes papéis que ela deveria ocupar na sociedade oitocentista. Isto coloca o enredo na posição de testemunha material de uma manifestação da escrita feminina oitocentista que circulou entre o público letrado brasileiro, não podemos dizer ao certo se norteando, incentivando ou mesmo influenciando, mas certamente entretendo.

Palavras Chave: Imprensa oitocentista, coluna Folhetim, autoria feminina, Condessa Dash.

ABSTRACT

The nineteenth-century press in Brazil was an important vehicle for the dissemination of literary culture and intense political and social changes throughout the nineteenth century had the journalism as a witness, as well as a means of spreading all sorts of intellectual manifestations. This certainly included the female literary writing, especially the writing of novels, which they were already producing about two centuries before. In Brazilian journalism, the phenomenon of novels published in space Folhetim in the journal provided an opportunity serving to propagation of many men and female writers, and readers in Brazil, showed preference for foreigners, especially the French. This work focuses on the production of French writer Countess Dash titled *The Bloodied Marquise (A Marqueza Ensaguentada)*, relevant work of nineteenth-century movement in Brazilian newspapers, which seek through reading and also by external issues to it, identify factors that may have contributed to his outstanding movement among to Brazilian newspapers. Explicitly moralizing tone, the text directs female behavior in different roles that she should occupy in the nineteenth society. This puts the plot as material witness of nineteenth-century women's writing that circulated between the Brazilian reading public position, we can't say for sure whether guiding, encouraging or even influencing, but certainly entertaining.

Keywords: Nineteenth press, Folhetim column, female authorship, Countess Dash.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Writing Home - capa.	01
Figura 02: <i>A Província do Pará</i> – 1 ² edição.	24
Figura 03: <i>A Província do Pará</i> . – Título	27
Figura 04: “Secção Official” do jornal <i>A Província do Pará</i>	29
Figura 05: “Editaes” do jornal <i>A Província do Pará</i>	29
Figura 06: “Sessão de Annuncios” do jornal <i>A Província do Pará</i>	29
Figura 07: “Folhetim” do jornal <i>A Província do Pará</i> : primeiro exemplar do romance <i>A Marqueza Ensanguentada</i>	31
Figura 08: <i>Diário do Rio de Janeiro</i> – 1 ^a edição.	36
Figura 09: <i>La Presse</i> – 1 ^a edição.	54
Figura 10: <i>Le Credit</i> – Publicação “ <i>Le Marquise Sanglante</i> ”	61
Figura 11: Anúncio de venda do romance encadernado <i>A Marqueza Ensanguentada</i> no jornal <i>Diário do Rio de Janeiro</i>	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – Trajetória da imprensa:	16
1.1 – O jornal impresso no Brasil	16
1.2 – <i>A Província do Pará</i>	23
1.2 – <i>Diário do Rio de Janeiro</i>	35
CAPÍTULO 2 – A pena feminina: percursos.....	00
2.1 – A caminhada feminina no Romance	00
2.2 – Romances, mulheres e mulheres de romance	00
2.3 – De uma Paris à outra: a trajetória dos romances-folhetins até Belém	00
CAPÍTULO 3 – Damas e folhetins: a obra de Condessa Dash dos jornais de além-mar até os leitores do Pará	00
3.1 – A Condessa, <i>A Marqueza</i> e os leitores brasileiros: percurso das edições	00
3.2 – <i>A Marqueza ensanguentada</i> : romance no jornal ou para o jornal?	00
3.3 – Damas de papel e tinta: perfis femininos, personagens folhetinescas.....	00
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS	97
ANEXOS (Em mídia)

INTRODUÇÃO

A pesquisa acerca dos aspectos literários presentes nos jornais oitocentistas tem proporcionado há muito para nós, pesquisadores dos Estudos Literários, vislumbrar um panorama rico de possíveis práticas de leitura desse público, baseadas na movimentação e demanda das obras na imprensa.

Sabemos que o jornal foi um suporte e o século XIX um momento de reconhecida consagração mundial de gêneros e autores, e dentre esses últimos, dos que alcançaram sucesso em sua escrita, alguns se perpetuaram e estão presentes entre nós até os dias atuais, outros não, e, no entanto, em seu tempo, todos ocuparam igual patamar de preferências entre seu público contemporâneo.

O meio de comunicação oitocentista “mais democrático dos meios e baluarte da cultura letrada do país”¹, como afirma Socorro Pacífico, nos surpreende por mostrar-se cada vez mais não somente um suporte para a circulação de textos, mas também um registro dos processos históricos seus contemporâneos que, certamente, definiram o que era lido, o que era preferido e preterido pelo seu público, posto que o jornal, muito mais que um veículo só de leitura, trazia em seu bojo o espaço e o calor da discussão, e mais ainda, de participação expressiva dos seus leitores.

No que diz respeito aos anos Oitocentos, um momento de transformações indeléveis em todo o Brasil (esse que tinha acabado de se transformar em sede do governo de Portugal, com a transposição da família Real para o Rio de Janeiro em 1808), Belém do Pará não esteve aquém dos processos de modernização e formação intelectual da sociedade brasileira, nem dos debates políticos que percorriam a nova metrópole e, menos ainda, das tendências de leitura que circulavam país afora.

Posteriormente, o processo de Independência, concretizado em 1822, e no Pará em 1823², abre considerável espaço para a aproximação com novas tendências de comportamento que se desenvolveriam dali por diante, principalmente francesas, em detrimento das influências predominantemente portuguesas de até então, posto que, ao longo de todo o século XIX, a França foi, sem dúvida, o ícone de modernidade, intelectualidade e padrão de civilidade do Ocidente.

¹ BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007. P. 18

² A Província do Pará só aderiu à Independência quase um ano depois da mesma declarada, em 15.08.1823. Cf. em: SALLES, Vicente. *Memorial da cabanagem: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará*. Belém: CEJUP, 1992.

Tal aproximação, ao longo do tempo, se refletiu, assim como em outras partes do país, na cidade de Belém, em inúmeros aspectos, pois em decorrência do apogeu econômico proporcionado pela extração e comercialização da borracha, aquela respirava ares de França, com a urbanização, a arquitetura, a moda, a educação e o idioma francês circulantes em toda a capital.

Conseqüentemente, essa presença francesa influenciou também nos hábitos de leitura da sociedade mais abastada que almejava transformar Belém na Paris amazônica.

Dessa maneira, a imprensa paraense incorporou também a tendência de leitura de origem europeia e que circulava abundantemente pelas demais cidades do país: a publicação dos *romances-folhetins*.

Nossa escolha em observar esse fenômeno de leitura na cidade de Belém como procedimento para esta pesquisa é fruto da Iniciação Científica, de um trabalho que começamos a desenvolver desde o ano de 2007: o levantamento da circulação dos romances-folhetins nos jornais paraenses a partir dos projetos *Lendo o Pará: a publicação de romances-folhetins em Belém na segunda metade do século XIX, 2006-2009* (CNPq/UFPA) e *História da Leitura no Pará, 2008-2011*(FAPESPA/UFPA), coordenados pela Prof^a Dra. Germana Maria Araújo Sales.

Essa experiência nos permitiu observar diversos fatores acerca dessa circulação, dos quais alguns nos chamaram a atenção, tais como: a abundante presença desses textos em prosa de ficção e a predominância das traduções de autoria francesa nesses periódicos.

Em meio a essa observação, tivemos contato com a folha *A Província do Pará*, o jornal de circulação mais duradoura sobre qual se tem notícia na região Norte (1876-1989) e que, sob esse aspecto, foi o periódico que acompanhou, ao longo da história, importantes transformações da sociedade paraense e brasileira. O pesquisador Carlos Rocque afirma: “estava escrito que A PROVÍNCIA não entraria no rol dos grandes jornais esquecidos”³, sentença com a qual somos inteiramente de acordo, posto que ao longo de seus cento e treze anos de produção, foi atuante nas cenas política, social e literária, tornando-se, se nos cabe a ousadia, uma fonte quase inesgotável de pesquisa e observação das transformações da sociedade paraense ao longo do tempo.

A partir desse manancial de informações, demos o pontapé inicial para o desenvolvimento dessa pesquisa.

³ ROCQUE, Carlos. *Antônio Lemos e sua época*. Belém: Amazônia Edições Culturais. 197[?]. p. 55.

Nosso interesse pel’*A Província*⁴ encontrou norte no fato de que, além dos aspectos da circulação dos textos ficcionais folhetinescos acima descritos, o periódico apresentava uma peculiaridade não encontrada em outras folhas cotidianas tão frequentemente: a publicação de uma considerável quantidade de textos de autoria feminina, dentre os quais figurou, acreditamos que conforme a preferência do público leitor paraense e, certamente, guardadas as devidas proporções para a época, grande número desses romances traduzidos do francês.

Dentre essas traduções, elegemos como foco de observação dessa pesquisa o título *A Marqueza Ensanguentada*, da autoria de Condessa Dash, por ter sido o primeiro romance folhetinesco publicado na folha acima referida.

A localização desse enredo no periódico paraense nos levou a considerar algumas questões: que possíveis fatores haveriam contribuído para que esse jornal, que inaugurou sua produção folhetinesca com essa obra de autoria feminina, publicasse e veiculasse essa e tantas outras obras da mesma natureza? Teria esse texto circulado em outros periódicos do país? Qual a expressividade da escrita feminina no período que corresponde ao século XIX que justificaria a circulação dessa obra? Que importância teria a produção da autora Condessa Dash em a sua época? Que informações possivelmente esse texto nos revelaria sobre o pensamento e a escrita feminina do século XIX e suas representações da sociedade?

Lançamo-nos à busca de possíveis elucidações para essas indagações, dentro das possibilidades que nos permitiram as pesquisas realizadas em fontes primárias, e que procuramos responder ao longo desse trabalho, o qual desenvolvemos em três capítulos.

No primeiro capítulo, “Trajetória da imprensa”, buscamos traçar um breve percurso da imprensa brasileira até sua chegada a Belém, destacando os possíveis fatores históricos, políticos e ideológicos conduziram esse processo. Traçamos também o perfil dos jornais que serviram de fonte para essa pesquisa: *A Província do Pará* e o *Diário de Rio de Janeiro*, dos quais extraímos a prosa de ficção *A Marqueza Ensanguentada*⁵, para posterior análise, tentando identificar que prováveis fatores influenciaram cada um desses periódicos a realizarem essas publicações.

O segundo capítulo, “A pena feminina: percursos”, dedicamos a uma perspectiva da trajetória da produção feminina ao longo da história, enfatizando, mormente a escrita de romances e destacando processos que lhes permitiram a conquista de um espaço em meio aos leitores e o direito ao fazer literário. Por meio dessa perspectiva, observamos a contribuição

⁴ Utilizaremos esta redução para nos referirmos ao jornal ao longo do trabalho.

⁵ Ao longo desse trabalho, faremos uso do título e das demais citações diretas do romance *A Marqueza Ensanguentada* em sua grafia original, no intuito de preservar as características particulares ao nosso objeto de pesquisa.

desse fazer literário feminino para a expansão do romance enquanto novo gênero, o que também incorporou a produção das publicações de romances em jornais, esses, em sua maioria, *romances-folhetins* e, portanto, validou a retomada do surgimento dessa forma de escrita oitocentista, ponto que finaliza o capítulo.

Por último, no terceiro capítulo, intitulado “Damas e folhetins: a obra de Condessa Dash dos jornais de além-mar até os leitores do Pará”, realizamos um breve levantamento de informações biográficas sobre a Condessa Dash, autora do romance escolhido e buscamos traçar um percurso editorial do mesmo nos jornais, o que nos permitiu constatar relevante e abrangente circulação do enredo escolhido em meio aos leitores brasileiros oitocentistas.

Observamos também, no que se refere ao texto propriamente dito, em virtude do suporte no qual é veiculado, sua possível classificação dentro do que a pesquisadora Marlyse Meyer estabelece acerca das publicações de romances na coluna Folhetim, se *romance-folhetim* ou em folhetins⁶.

E finalmente, em relação à análise de *A marquesa Ensanguentada*, nosso olhar recai sobre o enfoque moralizante claramente apresentado pelo discurso do “narrador-narradora” dentro do romance. Para tal, escolhemos observar duas personagens femininas apresentadas na narrativa: Beatriz, a marquesa, e Chistina Orthy, a governanta, que são, a nosso ver, dois perfis antagônicos, a representação de dois polos opostos de uma mesma sociedade, e que o romance nos mostra ser implacável para quem foge às suas convenções.

Temos então com o desenvolvimento dessa pesquisa, o intuito de estabelecer um enfoque sobre a importância das publicações de autoria feminina francesa, sendo os títulos franceses os de maior preferência entre os leitores belenenses oitocentistas, bem como destacar, a partir de nossa leitura do romance *A Marquesa Ensanguentada*, a percepção e a visão femininas circulantes em seu tempo e sobre seu tempo, o século XIX. Isto nos permite vislumbrar quais ideias foram propagadas pelo romance dessa escritora, e que, por sua vez, circularam no meio letrado de Belém do Pará, certamente contribuindo para a formação e influência desse público leitor paraense.

⁶ No intuito de evitar equívocos a respeito da nomenclatura, utilizaremos o termo *romance-folhetim*, referente ao gênero, em itálico, romances em folhetim, com letra minúscula, nos referindo à forma de publicação e Folhetim, com letra maiúscula, quando nos referirmos especificamente à coluna.

CAPÍTULO 1

TRAJETÓRIA DA IMPRENSA BRASILEIRA

1.1 – O jornal impresso no Brasil

O que era a imprensa? Era o fogo do céu que um novo Prometeu roubara, e que vinha animar a estátua de muitos anos. Era a faísca elétrica da inteligência que vinha unir a raça aniquilada à geração vivente por um meio melhor, indestrutível, móbil, mais eloquente, mais vivo, mais próprio a penetrar arraiais de imortalidade.⁷

Machado de Assis

Para abrir uma discussão sobre a imprensa nacional, nada mais apropriado que o testemunho de um baluarte do periodismo brasileiro como Machado de Assis que, em seu texto *O jornal e o livro*, promove uma reflexão acerca da importância de ambos na sociedade oitocentista, chegando a argumentar enfaticamente sobre a superioridade do jornal, como acompanhamos no seguinte excerto:

A discussão pela imprensa-jornal anima-se e toma fogo pela presteza e reprodução diária desta locomoção intelectual. A discussão pelo livro esfria pela morosidade, e esfriando decai, porque a discussão vive pelo fogo [...]. Isto posto, o jornal é mais que um livro, isto é, está mais nas condições do espírito humano. Nulifica-o como o livro nulificará a página de pedra? Não repugno admiti-lo.⁸

O autor vai além e ousa em suas ideias, defendendo o possível aniquilamento do livro pela forma periódica:

Demonstrada a superioridade do jornal pela teoria e pelo fato, isto é, pelas aspirações de perfectibilidade da ideia humana e pela legitimidade da própria essência do jornal, parece clara a possibilidade de aniquilamento do livro em face do jornal. [...] Se argumento assim, se procuro demonstrar a possibilidade do aniquilamento do livro diante do jornal, é porque o jornal é uma expressão, é um sintoma de democracia; e a democracia é o povo, é a humanidade.⁹

⁷ ASSIS, Machado de. *O Jornal e o Livro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.

⁸ *Ibidem*, p. 49.

⁹ *Ibidem*, p. 50-53.

Observamos a aproximação que o autor promove entre o periódico, o pensamento e o povo, público cotidiano desse veículo, demonstrando a popularidade e, porque não dizer, a versatilidade no que diz respeito ao alcance de ideias que esse meio possibilitava à sociedade de sua época.

O destaque que damos a essa questão não é para corroborar ou mesmo discordar do pensamento do escritor, já que, como atores do século XXI, sabemos que ambos os veículos mantêm, ainda hoje, importância assegurada no dia a dia de nossa sociedade. No entanto, acreditamos que essa reflexão e a argumentação apaixonadas de Machado para com o jornal podem nos conduzir a possíveis interpretações da relação da sociedade oitocentista com esse meio de veiculação, com a forma como era concebido e com a importância que lhe era atribuída por intelectuais da época, representados na figura do escritor.

Produto do século XIX no Brasil, a trajetória da imprensa periódica acompanha a da chegada da Família Real, em 1808, isto é, juntamente com a Corte Real, que mudara para o território da colônia a fim de escapar das ameaças de invasão e conquista napoleônica.

A acolhida da Família Real exigiu transformações de ordem econômica, política e física que suprissem as novas demandas de uma sociedade a qual até então estava organizada enquanto colônia de exploração de Portugal. Tais medidas começaram a ser tomadas tão logo a comitiva real aportou no Brasil, ainda na Bahia, primeira parada, quando, em 28 de janeiro, “d. João assinou a primeira medida régia no agora novo Império Lusitano: a carta de abertura dos portos brasileiros às nações amigas.”¹⁰, isto é, a abertura do comércio brasileiro à Inglaterra, e a quebra do monopólio mercantil português, que inundaria a nova metrópole de artigos importados nunca vistos e que estavam aquém do poder de compra da maior parte da população – os escravos.

No plano da política, tão logo chegou ao Rio de Janeiro, “em 7 de março de 1808, d. João deixou clara sua intenção de, a partir da colônia, fundar um novo império, por isso, logo pôs mãos à obra e organizou o primeiro ministério”¹¹. Contudo, no que diz respeito a esse nível de organização:

não se tratava de começar do zero: [...] a Coroa sempre administrou e controlou o Brasil com base no mesmo código legal que vigorava em Portugal desde o século XVII – as *Ordenações Filipinas*. Por isso, encontrou

¹⁰ SWARCS, Lilia Moriz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. P. 229

¹¹ *Ibidem*, p. 245.

no Rio de Janeiro e nas capitanias instituições e repartições vinculadas e basicamente assemelhadas às que havia em Portugal.¹²

E as transformações continuavam.

O espaço também foi reorganizado no local que abrigaria a capital e sede da monarquia, São Sebastião do Rio de Janeiro, para a recepção e instalação da Corte portuguesa, bem como para os locais nos quais se efetivariam os expedientes da Coroa. Para tanto, além do Paço dos Vice-Reis, os prédios mais luxuosos e bem estruturados nas proximidades do mesmo foram desapropriados e preparados no intuito de servirem à Coroa¹³.

Em meio a esse contexto de implantações, adaptações e transformações do espaço colonial à nova condição de metrópole, o primeiro prelo foi instalado oficialmente¹⁴. As prensas e todos os materiais tipográficos que chegaram às terras brasileiras foram trazidos por D. Antonio Araújo de Azevedo, que exercia então a função de responsável pela pasta da Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra ainda em Portugal. Entretanto, foi D. Rodrigo de Souza Coutinho que, nomeado por D. João, passou a exercer na nova Corte a função de responsável por tal secretaria e pelo material impresso a partir de 13 de maio de 1808 pela Impressão Régia¹⁵.

Ponto curioso no que se refere à imprensa brasileira é que, apesar de já existir uma estrutura para produção de impressos, o jornal considerado precursor do nosso periodismo¹⁶ tenha sido produzido não em solo nacional, mas em terras longínquas, mais precisamente, do outro lado do oceano, em Londres. O periódico *O Correio Brasiliense*, foi produzido por Hipólito da Costa que o

¹²Ibidem, p. 247.

¹³Essa desapropriação foi legitimada por um processo desencadeado a partir da Lei das Aposentadorias que, conforme Lilia Swarc, determinava a saída imediata dos proprietários dos melhores prédios nas imediações do Palácio Real, para o abrigo dos nobres da Corte portuguesa. Cf.: SWARCS, Lilia Moriz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 237.

¹⁴Ocorreram algumas tentativas de instalação de prelos no Brasil, ainda no século XVIII. Nelson Werneck Sodré registrou uma em Recife, no ano de 1706, sob responsabilidade do governador Francisco de Castro Morais e posteriormente, em 1746, no Rio de Janeiro, cujo responsável era Antônio Isidoro da Fonseca. Tais empreitadas foram coibidas pela ação direta do reinado. Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983. (3ª. ed.). p. 21. Aníbal Bragança também ressalta a iniciativa de Antônio Isidoro, bem como acrescenta “a figura notável de frei José Mariano da Conceição Veloso, [...] responsável pela Casa Literária do Arco do Cego” que, conforme o historiador, é possível de ser considerada a primeira editora brasileira. BRAGANÇA, Aníbal, ABREU, Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Unesp, 2010. P. 26.

¹⁵Cf. SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Impressão Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. 2007. 203 p. Tese – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2007.

¹⁶ZILBERMAN, Regina. *O jornal e a vida literária brasileira*. In: BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007. P.11-13.

fundou, dirigiu e redigiu [...], durante todo o tempo de vida do jornal. O número inaugural deste apareceu a 1º. De junho de 1808 [...]. Aceitando o jornal de Hipólito como integrado na imprensa brasileira, seria, conseqüentemente, a data de aparecimento de seu primeiro número o marco inicial, naturalmente, do nosso periodismo.¹⁷

Todavia, o primeiro periódico impresso sobre a *terra brasilis* não tardaria a aparecer. A *Gazeta do Rio de Janeiro* passaria a ser publicada dali a três meses, a partir de 10 de setembro de 1808 e era direcionada para veicular assuntos que fossem de interesse exclusivo e a favor da Corte portuguesa, como todo material produzido pela Imprensa Régia, essa, a princípio, único prelo autorizado a funcionar na recém-nascida Corte, cujas publicações (bem como os textos já impressos que chegavam o estrangeiro) eram submetidas à censura prévia.¹⁸

O jornal *Gazeta do Rio de Janeiro* é descrito por Lauro Werneck Sodré como

um pobre papel impresso, preocupado quase que tão somente com o que se passava na Europa, de quatro páginas in 4º, poucas vezes mais, semanal de início, trissemanal, depois [...]. Jornal oficial, feito na imprensa oficial, nada nêle constituía atrativo para o público, nem essa era a preocupação dos que o faziam, como a dos que o haviam criado.¹⁹

Como vemos, as transformações ocorridas a partir desse período, com o estabelecimento da Corte portuguesa no Brasil, oportunizaram um avanço estrutural e também cultural, no que diz respeito à circulação da cultura letrada, mesmo com a questão da censura estabelecida aos escritos circulantes no país. No entanto, é importante ressaltar que essas modificações, apesar de não terem ficado, ao longo do século XIX, restritas à Corte, e de terem se espalhado pelas províncias Brasil a fora, ocorreram em ritmos diferentes no espaço brasileiro, como conferiremos a seguir.

No que se refere à província de Santa Maria de Belém do Grão Pará, conforme as informações de Carlos Rocque, nas primeiras décadas do século XIX,

era uma cidade estagnada economicamente. A borracha ainda nada representava. Por demais afastada da Corte, vivia quase que completamente

¹⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983. (3ª. ed.). p. 25.

¹⁸ A pesquisadora Márcia Abreu destaca a censura aplicada aos escritos circulantes no Brasil pela coroa Portuguesa, sendo os mesmos importados ou de produção nacional. Ela declara que a 22 de abril de 1808, foi instituída a Mesa do desembargo do Paço, órgão primeiramente responsável por essa fiscalização e controle dos materiais impressos. Cf: ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação de leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2003.

¹⁹ *Ibidem*, p. 23.

isolada e praticamente esquecida. O centro era o bairro da Cidade Velha. [...] A maioria das casas tinha sua construção acanhada e baixa [...]. Nos subúrbios predominavam barracas. Os prédios mais notáveis eram o Palácio do Governo e as igrejas (Catedral, Santo Alexandre, Mercês) [...]. Nenhum monumento em praças ou jardins que merecesse um pequeno registro.²⁰

Foi ainda nessa atmosfera de acanhado desenvolvimento urbano que teve início a circulação de jornais em Belém, na primeira metade do século, em um período no qual a política paraense encontrava-se em meio à intensa movimentação com a divulgação dos ideais revolucionários da luta pela Independência e aumento de simpatizantes pela causa abolicionista em oposição aos que apoiavam a Coroa portuguesa e o regime escravista.

O historiador Vicente Salles destaca que a proximidade com Caiena acabou tendo um papel bastante relevante para a difusão de um pensamento revolucionário em Belém posto que a Guiana fosse um lugar de degredo de revolucionários europeus que traziam consigo as ideologias circulantes na Europa, o que propiciou conforme o estudioso, uma difusão em grande escala dos ideais liberais em Belém a partir do tráfico de informações. Ideias que influenciaram também o movimento popular que mais obteve destaque na cena paraense: A Cabanagem²¹.

Nesse turbilhão político das primeiras décadas oitocentistas, surge em Belém o jornal pioneiro *O Paraense*, que, de acordo com Vicente Salles:

O conteúdo ideológico e político do jornal [...] instalado em Belém cujo primeiro número data de 22.5.1822, como afinal esclareceu o pesquisador Geraldo Mártires Coelho, reflete essa inquietação, as idéias da liberdade da imprensa e da liberdade política, que se traduzia na campanha pela independência²².

Essa folha diária surgiu sob o comando de Felipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente. O jovem paraense foi estudante em Coimbra e trouxe para Belém, juntamente com o prelo, os ideais provenientes de seu engajamento para com a Revolução Liberal do Porto, posicionamento que corresponde ao aspecto que, como vimos, Vicente Salles ressalta acerca do conteúdo do jornal.

²⁰ ROCQUE, Carlos. *História de A Província do Pará*. Belém: Mitograph Editora LTDA, 1976. (?) p. 13.

²¹ Cf. SALLES, Vicente. *Marxismo, Socialismo e os militantes excluídos*. Capítulos da História de Belém. Belém: Paka-Tatu, 2011.

²² SALLES, Vicente. *Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará*. Belém: CEJUP, 1992. p. 43.

Há que se destacar ainda que, conforme Geraldo Mártires Coelho, esse não seria o primeiro periódico produzido sob o comando do jovem Patroni, tampouco teria sido o primeiro a dar importância a assuntos da província do Pará. O pesquisador põe em evidência também “a existência da *Gazeta do Pará*, organizada e publicada na Lisboa de 1821”²³ a qual “representaria os interesses do Pará nas Cortes constituintes de Portugal reunidas naquele ano, o do início de fato do primeiro liberalismo português (1820-1823)”²⁴.

Sobre o jovem revolucionário, o mesmo autor afirma que

A sua ação é destacável nos acontecimentos imediatamente anteriores e posteriores à adesão do Grão-Pará à Independência, 1823, como orador nas cortes, redator de manifestos e panfletos, arquiteto de planos subversivos. Num dos documentos que redigiu em Lisboa, a circular impressa que tratava da nova eleição da Junta do Governo, fala da união de raças e da igualdade de direitos [...].²⁵

Mas o jovem precursor da imprensa impressa no Pará não permaneceria muito tempo figurando à frente da folha que havia criado aqui. O nascimento da imprensa e seu apelo político-revolucionário renderiam a Patroni os frutos do desterro, tendo o mesmo ficado à frente do jornal apenas nos primeiros cinco números da publicação:

A imprensa surgiu assim no Pará, revolucionária e por isso logo deu lugar à prisão de seu fundador, Filipe Patroni, a 25.5.1822, no Forte do Castelo, donde foi mandado para a Fortaleza de São Julião, em Lisboa. Desta saiu após a independência do Brasil.²⁶

Contudo, *O Paraense* permaneceu firme na disseminação de ideias nacionalistas, tomando a sua frente o cônego João Batista Gonçalves Campos e o padre Silvestre Antunes Pereira da Serra, ambos trabalhando para acirrar os ideais do jornal que perdurou até seu empastelamento realizado por militares portugueses em 1823.

Salles nos informa ainda que

Até 1827 (...) circularam no Pará apenas cinco jornais: *O Paraense* (1822-23), *O Luso-Paraense* (1823), *O Independente* (1823-24), *O Verdadeiro Independente* (1824-1825) e *O Amigo da Virtude* (1825). Só *O Paraense*

²³ COELHO, Geraldo Mártires. *Letras & baionetas*: Novos documentos para a história da imprensa no Pará. Belém: Cultural CEJUP, 1989. P. 21.

²⁴ Idem.

²⁵ Ibidem, 1992, p. 19.

²⁶ Ibidem, 1992, p. 44.

pôde manter a postura de jornal de combate, de luta e de oposição, a serviço de uma causa. Os demais se classificavam como áulicos do poder..²⁷

Posterior a esses, muitos outros periódicos foram produzidos em Belém motivados pelos mais variados temas, como assuntos econômicos, religiosos, maçônicos, artísticos, literários e do cotidiano. Alguns exemplos como *A voz do Amazonas* (1827), *O Telegrafo Paraense* (1827-30), *O Sagitário* (1829-30), *Correio do Amazonas* (1831 a 34), *O Soldado Liberal* (1832), *A luz da verdade* (1832-33) e *Orpheo Paraense* (1834)²⁸ circularam em Belém na primeira metade do século, pouco tempo depois do surgimento da imprensa na região.

Todavia, a partir de meados do XIX, essa atividade se intensificou e, conforme afirma Carlos Rocque, na década de setenta, a produção periódica da cidade de Belém alcançava números surpreendentes considerando que Belém ainda não apresentava um nível tão avançado de desenvolvimento como o que seria visto dali a pouco com o auge da produção do látex, posto que nesse momento, conforme o próprio pesquisador, essa era uma cidade que comportava até então estimados 90 mil habitantes.

Tal realidade se modificou intensamente a partir do grande crescimento econômico proporcionado em virtude do extrativismo de látex na Amazônia, sobre o qual a pesquisadora Maria de Nazaré Sarges afirma ter ocorrido entre os anos de 1870 a 1910, “o maior surto econômico já verificado na região, tendo-se como principal indicador o crescente aumento da produção da borracha”²⁹. Ainda conforme a pesquisadora, nesse período de prosperidade e gradativo crescimento econômico:

Em decorrência do *boom* gomífero, Belém assumiu o papel de principal porto de escoamento da produção do látex, além de se tornar a vanguarda cultural da região. O processo de urbanização experimentado pela cidade de Belém do Pará, a partir da segunda metade do século XIX, não está assim ligado somente à intensificação da vida industrial, como ocorreu nas cidades europeias e americanas, mas pela função comercial, financeira, política e cultural que desempenhara durante a fase áurea da borracha.³⁰

A capital amazônica vivenciou um processo de modernização sem precedentes, que exalava luxo, glamour e ostentação e que transformaria as feições de Belém para sempre. A

²⁷ Ibidem, 1992, p.106-107.

²⁸ Cf. SALLES, Vicente. Op. Cit.

²⁹ SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque* (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2000. P. 48.

³⁰ Ibidem, 2000, p.89.

inspiração europeia que desenhava o novo rosto da cidade promovia também uma modificação no cotidiano dos belenenses, trazendo para as *boulevards* que agora cortavam o espaço público revitalizado e urbanizado uma rotina aos moldes da “Cidade-Luz”, Paris, ícone de progresso e luxo, bem como referência de comportamento, moda, educação e cultura no século XIX. Sobre tais transformações, Sarges destaca que:

Belém, portanto, tornou-se sob certos aspectos, uma capital agitada, pretensamente mais europeia que brasileira, dominada por um francesismo, especialmente no aspecto intelectual, que ressaltava a ligação da cidade com as principais capitais europeias, causada por um lado pela dependência financeira e comercial com a Inglaterra, e por outro, por uma relação cultural intensa com a França.³¹

Alguns dos principais periódicos publicados nesse momento eram: *Jornal do Pará* (1862-1878), *Diário do Gram-Pará* (1853-1892), *Diário de Belém* (1868-1878), *A Boa Nova* (1871-1883), *A Luz da Verdade* (1871-1877), *A Constituição* (1873-1886), *A Regeneração* (1873-1877), *A Aurora* (1875-1878) e o *Liberal do Pará* (1869-1890)³², dos quais cinco eram de circulação diária e os demais, publicações semanais ou bissetimanais. De acordo com o pesquisador Carlos Rocque, essas publicações “Eram órgãos de partidos políticos, de associações literárias, de congregações religiosas, etc.”³³

Sendo assim, é nesse contexto de uma profícua produção jornalística e grande movimentação intelectual – a julgar pela diversidade de proposta das publicações circulantes – que surge em Belém do Pará o seu 145º periódico³⁴: *A Província do Pará*, a folha de vida mais longa e polêmica que a região Norte já viu.

1.2 – *A Província do Pará*

O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva em viagem intelectual para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias levando em si a frescura das idéias e o fogo das convicções.

Machado de Assis³⁵

³¹ Ibidem, 2000, p. 112.

³² Cf. em ROCQUE, Carlos. *História de A Província do Pará*. Belém: Mitograph Editora LTDA, 1976. (?).

³³ Ibidem, 1976, p. 12.

³⁴ Cf. em ROCQUE, Carlos. *História de A Província do Pará*. Belém: Mitograph Editora LTDA, 1976. (?).

³⁵ Ibidem, 2011, p.47.

A definição feita pelo escritor e inquestionável personalidade dos jornais brasileiros no século XIX, já citado anteriormente, traduz fielmente, em forma de testemunho, a essência do que representava a imprensa periódica para o público dessa época.

A folha para a qual nos reportamos agora certamente não foge a nenhum desses aspectos destacados: “(...) *locomotiva em viagem intelectual(...) literatura comum, universal, altamente democrática (...), levando em si a frescura das idéias e o fogo das convicções*”; assim é *A Província do Pará*³⁶.



Figura 2 – Fotografia da primeira página do exemplar de número um do periódico *A Província do Pará*. In: ROCQUE, Carlos. *História de A Província do Pará*. Belém: Mitograph Editora LTDA, 1976. (?).

O periódico que começou a circular em Belém em 25 de março de 1876 foi, ao longo da história do Pará, o de maior tempo de publicação, pois cessou de ser impresso no ano de 1989, totalizando cento e treze anos de atividade, mas não ininterrupta, como veremos.

³⁶ A figura a que segue foi retirada da obra ROCQUE, Carlos. *História de A Província do Pará*. Belém: Mitograph Editora LTDA, 1976. (?), p. 73, e nos permite visualizar as más condições nas quais se encontram principalmente os primeiros anos microfilmados do jornal no acervo disponível no CENTUR, por estarem bastante deteriorados.

Conforme nos informa Carlos Rocque, os fundadores d'A *Província* foram Joaquim José de Assis, Francisco de Souza Cerqueira e Antonio José de Lemos, sendo que

Na sociedade, o dr. Assis era o chefe político de prestígio, o homem do dinheiro (possuía grande fazenda em Chaves, Marajó). Francisco de Souza Cerqueira era o homem das oficinas: cuidava da parte tipográfica. (...) E Antonio Lemos era o homem da gerencia, o que cuidava da parte comercial e também colaborava na parte redacional. Isso nos primeiros tempos.³⁷

O autor frisa “nos primeiros tempos” porque o mesmo organiza a história do periódico em três fases relacionadas às suas respectivas administrações: a primeira fase, de criação, teve início em 1876 com a fundação da folha e perdurou até 1912, quando o prédio foi incendiado por motivações políticas relacionadas à Intendência de Antônio Lemos. Durante esse período ocorreram os falecimentos dos dois primeiros sócios do jornal, Francisco de Souza Cerqueira, em 1880, e Dr. Assis, em 1889, assumindo Antônio Lemos como único proprietário até 1897 quando entrou em sociedade com os irmãos Antonio e Pedro Chermont, sendo essa desfeita em 1900, período no qual Lemos voltou a ser o único dono do jornal até 1912.

A segunda fase d'A *Província* tem início em 1920, a qual esteve sob a direção de Pedro Chermont de Miranda e redação de João Batista Ferreira de Souza. Por questões financeiras, o jornal cessa de ser publicado em 1926.

Em 1947, o *Diários Associados*, dirigido por Assis Chateaubriand adquire *A Província do Pará*, prosseguindo com sua publicação até o ano de 1989.³⁸

Na ocasião de seu surgimento, momento de nosso maior interesse, a folha abraçava publicamente a defesa da causa do partido Liberal³⁹, opositor ao governo da época. Já em seu primeiro número, encontramos explicitamente afirmado tal direcionamento pela folha: “A *Província do Pará* procurará tanto quanto permitirem suas forças, secundar o órgão do partido liberal d'esta província (...).”⁴⁰

É de imprescindível importância destacar que essa característica do jornal se dá principalmente pelo posicionamento de Dr. Assis enquanto político atuante na sociedade paraense, sendo ele um dos fundadores do Partido Liberal do Pará, bem como também foi ele

³⁷ Ibidem, 1976, p 15.

³⁸ Cf. em ROCQUE, Carlos. *História de A Província do Pará*. Belém: Mitograph Editora LTDA, 1976. (?).

³⁹ Conforme Carlos Rocque, curiosamente, após a morte dos outros dois proprietários, desfeita a sociedade, em 03 de novembro de 1889, o jornal, que até então havia sido órgão do partido Liberal passa a exibir no cabeçalho o título “Órgão Neutro das Lides Partidárias”, desfazendo-se assim a ligação e a responsabilidade do periódico com qualquer organização partidária.

⁴⁰ *A Província do Pará*. Belém. p. 2. 25abr1876.

muito envolvido com a imprensa, tendo sido um dos fundadores dos periódicos *O Pelicano* e *O Futuro*, jornais paraenses ligados à causa maçônica.

A amizade entre Antônio Lemos e Dr. Assis se fortalece a partir do periodismo, tendo esse convidado aquele para colaborar n’*O Pelicano*, mas foi muito além, sendo que tal relação foi à base para o estreitamento de Lemos com a política, o que o levaria mais tarde a tornar-se uma das figuras mais influentes, importantes e lembradas da política paraense, de acordo com Carlos Rocque: “O início dessa fulgurante carreira política de Lemos deu-se, praticamente, no dia em que fez amizade com Dr. Assis. (...) nasceram os laços que uniram os dois para o resto da vida.”⁴¹, pensamento também corroborado pela pesquisadora Maria de Nazaré Sarges quando afirma em relação a Lemos que

sua trajetória política [...] mistura-se com o exercício do jornalismo. Na verdade, a carreira política de Lemos iniciou-se quando estabeleceu amizade com o dr. José Joaquim de Assis, bacharel mineiro, rico fazendeiro e latifundiário da Ilha do Marajó, chefe do Partido Liberal tendo mais tarde se associado a Antonio Lemos e Francisco Cerqueira e fundado, em 1876, o diário “A Província do Pará”, após algumas experiências⁴² adquiridas em pequenos jornais.⁴³

Essa veia política dos proprietários, também arraigada ao jornalismo, suscitava muitas discussões envolvendo *A Província*, pois, tendo essa levantado a bandeira de diversas causas liberais como o republicanismo, abolicionismo e questões religiosas, por diversas vezes esteve envolvida em embates intelectuais com outras folhas que também circulavam em Belém, de posicionamento oposto, isto é, conservador, tais como *A Boa Nova*, sobre a qual, a título de ilustração, selecionamos a seguinte publicação d’*A Província*:

A Boa Nova de 4a. feira invoca em favor dos liberaes a protecção dos conservadores, afim de que aquelles possam fazer ao menos o terço, depois de dizer que o *Liberal* e a *Província* os desanimaram com as ultimas noticias e supplicaram isto mesmo aos seus adversários.
São realmente mui espirituosos os reverendos redatores da *Boa Nova*.
Só mesmo no sentido de fazer espírito é que podemos compreender a local do rogam da *coalição* a que nos referimos.
Entretanto tão longe já vai a época dos laranjijas.
Na semana santa é na verdade extemporânea a lembrança dos senhores padres.⁴⁴

⁴¹ Ibidem, 1976, p. 16.

⁴² Antônio Lemos iniciou sua carreira em periódicos como o jornal “O Pelicano” (1872-1874).

⁴³ SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do velho Intendente Antonio Lemos (1869-1973)*. Belém: Paka-Tatu, 2000.

⁴⁴ *A Província do Pará*, p. 2.15abr1876.

No entanto, apesar desse explícito exercício político que alimentava as colunas do periódico, *A Província do Pará* se apresentava também como representante dos demais interesses da população, como no já citado o editorial primeiro, sessão “A Província do Pará”, escrito na ocasião de sua inauguração, nos mostra: “*Advogando a causa liberal em sua parte política, a Província do Pará não se recusaria a [se] ocupar de assumptos de qualquer outra o[rdem] uma vez que eles se prendam a interes[ses de] utilidade publica(...)*”⁴⁵. Tais “*interesses de utilidade publica*” podem, certamente, ser vislumbrados frente à observação de escritos de temáticas diversas que nos foram possíveis de localizar nas páginas desse periódico.

A Província do Pará apresentava-se primeiramente, em sua materialidade, com as dimensões de 54 cm de altura por 37 de largura e era constituída de quatro páginas, cada uma, dividida em cinco colunas, como podemos notar parcialmente na figura abaixo:



Figura 3 – Título “A Província do Pará”

Na primeira página, é possível encontrar o título em fonte gótica, introduzida ao longo das transformações ocorridas no jornal e que, com o tempo, tornou-se praticamente um logotipo do mesmo. Importante destacar que, sob a direção de Antônio Lemos, o que coincidiu também com o período áureo da borracha na região Norte, *A Província do Pará* esteve em constantes transformações, tendo atingido no ano de 1897 duas grandes conquistas:

⁴⁵ Ibidem, 1876.

a mudança para o suntuoso prédio no número 21 da travessa Campos Salles e também a melhoria material do jornal (aumento de cinco para oito colunas) em virtude das modernas rotativas Marinoni, adquiridas da Europa⁴⁶. Sobre esses dois acontecimentos, Rocque destaca que

Com efeito, acontecera que, depois da capital federal, era o Pará o primeiro a inovar tão largamente os seus meios de publicidade. E como tal iniciativa coubera à PROVÍNCIA, os seus leitores revelariam o vaidoso desvanecimento com que lembrara aquele serviço.⁴⁷

Fato que nos possibilita observar toda a atualidade da folha em questão.

Retornando para a materialidade da folha, podemos visualizar também no cabeçalho da primeira página a epígrafe que acompanhou a folha desde sua primeira publicação por todo o período no qual Lemos esteve entre os administradores, a qual transcrevemos aqui, sendo essa uma citação de Vitor Hugo, da *Legenda dos Séculos*:

...mas il est permis, meme au plus faible,

davoir une bonne intention et de la dire.

(é permitido, mesmo aos mais fracos,

de ter uma boa intenção e a de a dizer)⁴⁸

No que se refere às sessões do jornal, era publicada a partir da coluna 01 (um), a “*Secção Commercial*”, composta pelas manifestações financeiras da província, tais como rendimentos públicos, movimentos dos portos e navios ancorados. Tal sessão era geralmente seguida de “*Leilões*”, “*Avisos Importantes*” e “*Secção de Annuncios*”, o que já nos dá uma ideia de que além da vertente política, *A Província* também tinha presente um forte apelo comercial.

Tal circunstância fica mais clara ainda quando observamos que a “*Sessão de Annuncios*” se apresenta no jornal em dois momentos: primeiramente na página um, como já mencionamos, divulgando normalmente uma pequena parcela dos reclames, usualmente tendo como espaço a coluna cinco e, posteriormente, a sessão reaparece em toda a última página do jornal, às vezes também tomando parte da penúltima, sendo essa sessão dedicada

⁴⁶ Cf. em ROCQUE, Carlos. *História de A Província do Pará*. Belém: Mitograph Editora LTDA, 1976. (?).

⁴⁷ *Ibidem*, 1976, p. 71.

⁴⁸ *Ibidem*, 1976, p. 18.

exclusivamente à divulgação de propagandas diversificadas, que incluem venda das mais variadas mercadorias e serviços. Diversidade que ilustramos com as imagens abaixo:



Figura 4- "Secção Official"



Figura 5 - "Editaes"

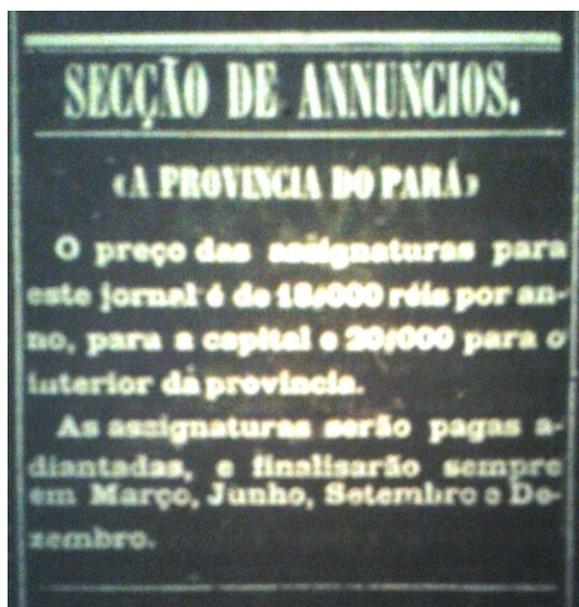


Figura 6 - "Sessão de Anuncios"

Além dos aspectos político e comercial, o periódico apresentava também outras sessões fixas como a "Secção Official" e "Editaes", com os expedientes do governo, "Boletim

do Dia”, com notícias da capital e do interior da província e nesse ponto, damos destaque ao fato de que esse periódico foi, além de apoiador, ousado noticiador de importantes fatos da história brasileira, tais como a Abolição da Escravatura e Proclamação da República, bem como denunciador de esquemas políticos, inclusive internacionais, amostra do comprometimento da folha com a proposta jornalística, como aponta Carlos Rocque:

E A PROVÍNCIA esteve envolvida, nos fins do século passado, em um autêntico escândalo internacional: denunciando um acordo secreto assinado entre Estados Unidos e Bolívia, que feria grandemente a soberania brasileira na Amazônia, levantou a opinião pública nacional, mexeu com as esferas governamentais e impediu que o Acre se transformasse em território pertencente ao capitalismo norte-americano.⁴⁹

Observamos até aqui a intensa atuação da folha em suas vertentes, sejam elas, comerciais, políticas ou noticiosas. E como veremos mais adiante, a literária também é muito presente.

Havia ainda na folha colunas que apareciam não diariamente, mas com certa frequência, tais como: “*Miscellanea*”, “*Imprensa Nacional*”, “*Colaboração*”, “*Variedades*”, “*Imprensa Estrangeira*” e “*Folhetim*”, essas apresentaram assuntos e temáticas das mais variadas naturezas, abrangendo desde textos extraídos de outros jornais, a produções poéticas, curiosidades, informações científicas, prosas de ficção, colaboração de leitores, isto é, lugares do jornal que demonstravam a multiplicidade desse periódico no que diz respeito aos assuntos contidos em suas páginas e dos quais interessa-nos sobremaneira o último citado, a coluna *Folhetim*.

Esse espaço foi, há muito, foco de diversas pesquisas em diversas regiões do país e do exterior, como podemos comprovar por meio de trabalhos como os de Marlyse Meyer no Rio de Janeiro e na França (2000), Yasmin Nadaf no Mato Grosso (2002), Antonio Hohlfeldt no Rio Grande do Sul (2003) e Germana Sales em Belém do Pará (2007).

Sinônimo de popularidade e diversidade, a coluna *Folhetim*, n’*A Província do Pará*, chamou nossa atenção por uma questão peculiar: o aparecimento de publicações de autoria feminina que, em certa medida, nessa folha, apresentaram-se de maneira recorrente nesse espaço.

A sessão *Folhetim* teve sua primeira aparição n’*A província* com um texto extraído do *Folhetim do Jornal do Commercio*, com o título “*O noivado no mar*”, denominado de conto, em 30 de março de 1876, cinco dias após o início de sua circulação. Nesse momento, a

⁴⁹ Ibidem, 1976, p. 80.

primeira publicação da sessão já demonstrava possíveis características da coluna nesse jornal: apresentava correspondência com outros periódicos, nesse caso, os da Corte, bem como a tendência à publicação de textos literários nesse espaço.

No entanto, o fator que suscitou nossa curiosidade ocorreria um mês depois do início dessa veiculação, na segunda aparição da seção *Folhetim* no jornal: a publicação da primeira prosa de ficção longa nesse espaço. A prosa de ficção em questão, era, como já vimos, intitulada *A Marquesa Ensanguentada* e foi publicada n'A *Província* em 96 capítulos durante todo o ano de 1876 - de 30 de Abril a 23 de Dezembro.



Figura 7 – Capítulo inicial de *A Marquesa ensanguentada*

A publicação, como é informado pelo próprio jornal, é uma obra francesa – que, de acordo com estudos referentes à época e com dados dessa pesquisa que apontam para a mesma conclusão, era a nacionalidade que predominava entre as autorias de prosas de ficção nas páginas dos jornais⁵⁰. Entretanto, para a nossa surpresa, o primeiro romance-folhetim publicado no recém-nascido *A província do Pará* não era fruto da pena de um autor francês,

⁵⁰ Cf. SILVA, Shirley Laianne Medeiros. *Os caminhos dos romances-folhetins*. Relatório Técnico-Científico (PIBIC/FAPESPA/UFGA), 2009, Pará e VASCONCELOS, Sara. *A prosa de ficção n'A Província do Pará*, Relatório Técnico-Científico (UFGA/CNPq). Pará, 2012.

mas sim de uma autora, mais precisamente, de Condessa Dash, pseudônimo de Gabrielle Anne Cisterne de Courtiras, Viscondessa de Saint-Mars.⁵¹

Entrecortado por outras pequenas publicações como contos, crônicas, cartas e artigos extraídos, o texto de Condessa Dash foi nesse primeiro ano de vida do referido jornal, a prosa de ficção mais extensa que circulou na coluna. A partir desse ponto inicial, nos assaltou o questionamento: Haveriam mais obras de autoria feminina disseminadas nesse periódico?

Cuidamos da busca de obras de autoria feminina ao longo do periódico. Para tanto, estabelecemos como recorte o período que vai do ano da primeira publicação, 1876, até o ano de 1886 -, acreditando que o espaço de tempo de uma década nos permitiria vislumbrar esse processo de circulação das obras de nosso interesse no suporte e observar qual foi a importância e a contribuição dessas obras nas páginas d'*A Província* para esse público leitor.

O trabalho com as fontes primárias, isto é, o próprio jornal, disponível na Biblioteca Arthur Vianna e no Acervo de microfilmes do Laboratório de Linguagem do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará, bem como a utilização de informações constantes nos relatórios de iniciação científica⁵², nos permitiram vislumbrar a dinâmica das publicações dos textos em prosa de ficção veiculados na coluna *Folhetim*, bem como observar as diferenças de circulação entre os textos de autoria feminina e masculina e, por fim, localizar um número relativamente relevante de obras de autoria feminina, dentre prosas de ficção diversas, crônicas, contos e cartas.

No que diz respeito aos textos ficcionais em capítulos entre os anos de 1876 e 1886, tivemos a oportunidade de localizar 20 romances publicados no espaço *Folhetim*, dentre os quais 12 correspondem a títulos de autoria francesa e desses, quatro são de autoria feminina, sendo que os demais títulos restantes estão distribuídos entre autorias de diferentes nacionalidades tais como: portugueses, em número de dois, brasileiros, mais especificamente paraenses, também dois e outros quatro textos dos quais desconhecemos a procedência por não termos conseguido localizar informações sobre os autores

Voltando nossa atenção mais detidamente aos textos de autoria feminina, localizamos o título já citado anteriormente, *A Marquesa Ensanguentada*, de Condessa Dash, publicado

⁵¹ Cf. VAPEREAU, Gustave. Dictionnaire universel des contemporains : contenant toutes les personnes notables de la France et des pays étrangers... : ouvrage rédigé et continuellement tenu à jour avec le concours d'écrivains et de savants de tous le pays (Cinquième édition). Vol 1. Paris : L. Hachette, 1880. 68 p. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2992011.r=comtess+dash+biografie.langPT.swf>> Acesso em 10/03/2014.

⁵² Cf. SILVA, Shirley Laianne Medeiros. *Os caminhos dos romances-folhetins*. Relatório Técnico-Científico (PIBIC/FAPESPA/UFGA), 2009, Pará e VASCONCELOS, Sara. *A prosa de ficção n'A Província do Pará*, Relatório Técnico-Científico (UFGA/CNPq). Pará, 2012.

em 1876, bem como *Dosia*, da autoria de Henry Greville, publicado em 1879⁵³, pseudônimo da escritora francesa Alice Marie Céleste Durand⁵⁴, que tem outro romance seu publicado em 1883, *Consórcio de uma artista* e, por último, da autora francesa Therese Bentzon⁵⁵, foi publicado em 1886 o título *Um remorso*, sob o pseudônimo de Th. Bentzon.

Chamamos a atenção ainda para o título *Não é bom brincar com a dor*, de autoria também francesa, cuja responsável pela obra é Madame Émile de Girardin, ou melhor, Delphine Guy de Girardin (1806-1881)⁵⁶, esposa do anteriormente citado empreendedor dos periódicos, o jornalista Émile de Girardin.

Esta obra, apesar de ser um texto em prosa de ficção de autoria feminina francesa, não foi selecionada para fazer parte do nosso *corpus* por dois fatores: primeiramente, o próprio jornal a classifica como “novela”, acreditamos que por tratar-se de um texto curto, diferente dos romances acima citados. Posteriormente, porque traz em si uma peculiaridade em relação à autoria que também a diferencia das narrativas ficcionais anteriormente citadas: a autora é reconhecida nessa publicação sendo citada com o nome do marido e não sob pseudônimo, como ocorreu com os textos previamente citados.

É importante observar também que embora os textos em prosa de ficção sejam o foco deste trabalho, não encontramos, na coluna *Folhetim*, apenas ocorrências dessas obras, mas há também uma diversidade de outras publicações, tais como crônicas, críticas e cartas, dentre as quais podemos destacar diversas criações de Maria Amália Vaz de Carvalho⁵⁷ e outros textos escritos sob que julgamos serem pseudônimos, como as obras de “Marguerite”⁵⁸, processo que demonstra a versatilidade do material que era publicado na folha pesquisada o que, a nosso ver, parecia demonstrar o quanto o perfil da *d’A Província do Pará* estava possivelmente próximo ao dos demais jornais circulantes no Brasil.

Tal condição nos levou a uma nova indagação: seria possível que alguns dos textos em prosa de ficção já citados tivessem circulado em outros periódicos do país?

⁵³ Acreditamos que a veiculação desse texto em prosa de ficção teve início em 1878, pois o mesmo começa no ano de 1879 já no capítulo 16. Entretanto, devido à ausência do arquivo microfilmado referente ao ano de 1878 nos arquivos pesquisados, não é possível precisar o momento no qual o texto começou a ser veiculado.

⁵⁴GRANDEMANGE, Christophe. Qui est Henry Gréville? Disponível em <<http://le50enlignebis.free.fr/IMG/pdf/Henry%20Gr%C3%A9ville.pdf>>. Acessado em: 05/03/2013.

⁵⁵ Marie-Thérèse de Solms. Escritora francesa nascida 1840. Cf: FLICHE, Mme. Paul. *Femmes de France: Madame Th. Bentzon*. Disponível em: <https://archive.org/details/madamethbentzon00flic> Acessado em: 05/07/2014.

⁵⁶ Escritora, poetisa e jornalista francesa. Esposa do proeminente jornalista Émile de Girardin.

⁵⁷ Escritora portuguesa de relevante representatividade, posto que foi a primeira mulher a ingressar para a academia de Ciências de Lisboa.

⁵⁸ Estão assinadas sob essa autoria algumas crônicas cotidianas.

Voltando-nos à averiguação dessas possíveis publicações em outras folhas periódicas, tivemos ainda a surpresa de, dentre as quatro obras destacadas, nos depararmos novamente com o texto de Condessa Dash, *A Marquessa Ensanguentada*, publicado em outros periódicos do país, o que, para nossa satisfação, comprovou a circulação da obra dessa autora francesa pelo Brasil e aguçou nossas expectativas em relação à mesma, ponto que nos motivou a elegê-la como objeto de análise deste trabalho e que desenvolveremos mais à frente, no terceiro capítulo.

Ademais, infelizmente, não pudemos localizar as outras obras impressas em periódicos brasileiros até o presente momento dessa pesquisa, nem determinar com precisão todos os escritos que seriam efetivamente de autoria feminina n'A *Província*, pois em virtude das peculiaridades do suporte, nos deparamos com obras anônimas ou, muitas vezes, escritas sob pseudônimo. Em ambos os casos, essas se faziam práticas extremamente corriqueiras do periodismo do século XIX.

Não podemos esquecer ainda dos textos que estão assinados, mas que não conseguimos localizar informações sobre os autores e, sendo assim, não nos foi possível definir se é legítima a autoria, como o que já foi citado, assinado sob a talvez alcunha de “Marguerite” ou ainda, crônicas escritas cuja identificação é feita pelo epíteto “Uma paraense”⁵⁹, dessa forma, nos cabe levantar também a questão de que no período analisado do jornal, não tivemos notícia de nenhuma narrativa feminina paraense que pudesse ter sua autoria confirmada, apenas menção ou indicativos em crônicas, ainda que de assinatura duvidosa.

Ainda assim, certamente podemos observar que a presença feminina nesse jornal comprovadamente se faz constante. Acreditamos que tal circunstância corrobora com a perspectiva da proposta liberal que a folha mostrou apoiar em sua primeira fase, concedendo espaço e voz às obras e, conseqüentemente, às manifestações criativas dessas mulheres intelectuais do século XIX.

Muito embora nosso foco nesse trabalho, como já foi demonstrado, está voltado para textos em prosa de ficção, acreditamos ser essencial esse levantamento e divulgação da participação feminina, como vimos, de forma representativa na vida intelectual paraense do século XIX por meio de variadas publicações periódicas.

Entendemos que ainda há muito para ser dito no que diz respeito à produção e divulgação da escrita feminina ao longo do tempo. O próprio conteúdo de *A Província do*

⁵⁹ Série de crônicas publicadas em *A Provincial do Pará* em número de oito no ano de 1881.

Pará nos mostrou que, muito embora em número inferior às produções da pena dos escritores, os textos de autoria feminina também percorreram caminhos e transpuseram fronteiras, essas, não somente territoriais, mas familiares, sociais, econômicas, ideológicas e intelectuais, dentre muitas outras.

E é sobre tais fronteiras, escritos e os caminhos percorridos por muitas mulheres que buscaremos esclarecer alguns pontos no próximo capítulo.

2.3 – *Diário do Rio de Janeiro.*

*Plano para o estabelecimento de hum útil e curioso DIARIO nesta Cidade: Zeferino Vitor de Meirelles cooconvencido da utilidade, que ao Publico resultará de hum Diario, no qual gratuitamente se imprimão todos e quaesquer annuncios (que convenham e seja licito imprimir) inclusive os dos Divertimentos e Expectaculos Publicos, que houverem de ter lugar em cada um dos dias, tem tomado a si a penosa tarefa de publicar o referido Diario[...]*⁶⁰

Com esta proposta de prestar serviços de utilidade pública ao leitorado carioca, nasceu em 1º de Junho de 1821, a folha cotidiana *Diário do Rio de Janeiro*, produzida por Zeferino Vito de Meireles, funcionário da Imprensa Régia, prelo que trazia à luz a publicação⁶¹.

A folha ganha destaque por ter sido a primeira a circular diariamente no Brasil. Em formato in 4º, agrupava informações variadas que abrangiam desde anúncios de compra e vendas, procura e localização de escravos, atividades de estretenimento como espetáculos públicos, meteorologia e movimento das marés. Como se vê, agrupava os interesses da sociedade carioca sem a principio, se comprometer com quaisquer questões políticas de então, considerando que no ano de sua fundação, 1821, mote da maior parte da imprensa da época, já era grande a movimentação política no que dizia respeito aos apoiadores da Independência.

Eis o primeiro exemplar do jornal veiculado na corte:

⁶⁰ *Diário do Rio de Janeiro*. p. 2, 1jun1821.

⁶¹ Cf. em: Fundação Biblioteca Nacional, Biblioteca Nacional Digital – Brasil. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 25/07/2014.

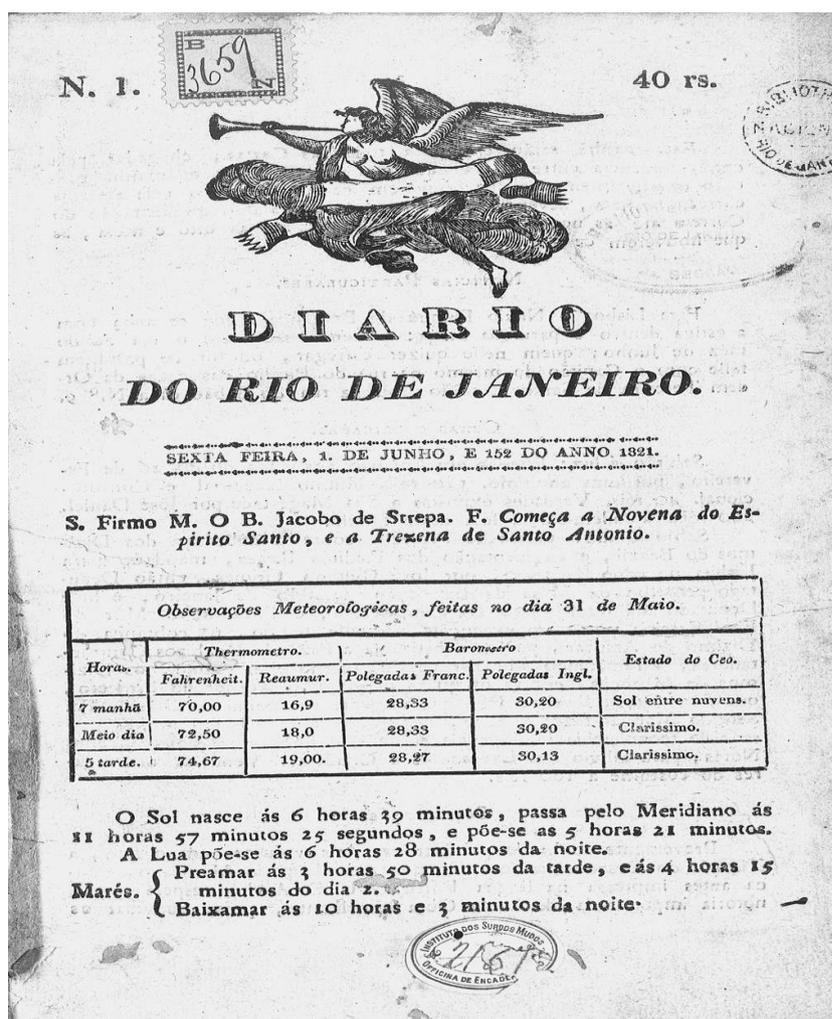


Figura 8 – Exemplar do primeiro número do Diário do Riode Janeiro.

Conforme Ilana Heineberg afirma sobre o diário, é somente “a partir de 1835 que se torna informativo e na década de 40, adere à moda do romance-folhetim”⁶² e, sendo assim, a partir de dados apresentados por essa, notamos que em meio à profusa publicação de romances nessa folha, no mínimo dois por ano, e dentre a avassaladora maioria de publicações estrangeiras⁶³, há também romances de autoria feminina.

No primeiro ano de 1841, Mme. Charles Reybaud abre alas para as senhoras com o enredo *Amor e vingança*. De 1852 a 1853, publica-se a narrativa observada por esse trabalho, *A Marqueza Ensanguentada* e no mesmo ritmo vem George Sand, com *Mont Reveche*, publicação que se estende a 1854. Em sessenta, novamente Condessa Dash faz-se presente nas páginas dos jornais no enredo *Os cabelos da rainha*. Com o enredo *A albergaria de Gaubert*,

⁶² Miméticos e aclimatados p. 500.

⁶³ Das publicações de autoria identificável, encontramos, entre os anos de 40 e 70, cinco obras consideradas romances nacionais em meio aos cerca dos 146 romances apresentados no total. Cf. em: tese

Mme. Reubaud também retorna à folha. Nos anos de 62-63, *Uma família parisiense do século XIX* faz o retorno de Mme. Ancelot ao diário e a última publicação feminina que localizamos, *Mademoiselle Marquem*, no ano de 1868 é da responsabilidade de George Sand.

Considerando que tais publicações são estrangeiras, os romances de autoria feminina no *Diário do Rio de Janeiro* superam mesmo as produções nacionais, as cinco que conseguimos localizar.

Mediante essas informações, é possível notar que essa folha foi uma importante difusora no que diz respeito à cultura letrada no Brasil Oitocentista. Em 1855, José de Alencar assume como redator-chefe desse jornal e é por meio dele que é publicada em 7 fascículos sua obra *Cinco Minutos*, mas, conforme, Werneck Sodré

o sucesso do folhetim ocorreria em 1857, quando, entre fevereiro e abril, o *Diário do Rio de Janeiro* publicou *O Guarani*, com interesse extraordinário para a época, Em 1860 o jornal publicaria, também em folhetins, *A Viuvinha*. Era, realmente, a época dos homens de letras fazendo imprensa.⁶⁴

Vemos então que, apesar de um número de romances reduzido dos autores brasileiros em face dos estrangeiros, esse diário abrigou em suas páginas obras extremamente representativas da produção brasileira oitocentista.

No entanto, é mesmo por conta das publicações femininas que tal objeto principalmente nos interessa. Vemos que essas publicações certamente não fazem frente, em números, à quantidade de textos estrangeiros de autoria masculina. Porém, fazer frente não é o objetivo aqui, e sim constatar as obras dessas autoras estiveram lá, ou melhor, cá, em terras brasileiras, circulando em periódicos brasileiros, lidas por leitores brasileiros, advindas do espírito e da vontade dessas mulheres letradas de além-mar.

⁶⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Martins Fontes, 1983. (3a. ed.).P. 220.

CAPÍTULO 2

A PENA FEMININA: PERCURSOS

2.1 – A caminhada feminina no Romance.

*O romance escrito por mulheres, comprometido na defesa de seu sexo, contribuiu, certamente, para dar a autoras e leitoras consciência de sua irmandade e sentido de pertencimento a uma comunidade de sentimentos, gostos, paixões e sofrimentos.*⁶⁵

Nos dias de hoje, comprar um livro de Jane Austen⁶⁶ ou J. K. Rowling⁶⁷, Raquel de Queiróz⁶⁸ ou Martha Medeiros⁶⁹ nos parece tarefa simples e corriqueira. As estantes materiais e virtuais do século XXI têm espaços garantidos para as criações literárias das mulheres de todos os tempos. O mundo, hoje, a passos largos se rende e apoia o fazer literário feminino e essa circunstância pode ser comumente observada a partir dos infindáveis títulos circulantes assinados por elas. Há hoje um campo sem fronteiras para as mulheres e seus trabalhos nas mais diversificadas áreas do conhecimento, onde as encontramos muitas vezes realizando um movimento cíclico, no qual elas escrevem sobre elas e, comumente, para elas. A título de exemplo, chamamos atenção para as crônicas escritas por Clarice Lispector, publicados sob pseudônimo, no *Correio da Manhã*, entre os anos de 1959 e 1961. Esses textos, dirigidos ao público feminino, foram representados recentemente no programa televisivo *Fantástico* e apontam a atualidade dos escritos. Embora não sejam crônicas literárias, mas de

⁶⁵VASCONCELOS, Sandra Guardini. *O Romance feminino do século XVIII*. In: VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Dez lições sobre o romance inglês do século XIX*. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 115.

⁶⁶ Escritora britânica nascida em 1775. Autora de obras reconhecidas mundialmente, tais como *Razão e Sensibilidade*, lançada pela primeira vez em 1811, e *Orgulho e Preconceito* editado em 1813, entre outras. Fonte: WRIGHT, Andrew H. *Jane's Austen's Novels: A study in structure*. Aylesbury: Hazel Watson & Viney Ltd., 1964. 206 p.

⁶⁷ Joanne Rowling nasceu em 1965, na Inglaterra. Autora de uma das mais populares séries das últimas décadas, os sete romances nos quais o personagem principal é Harry Potter e cujo primeiro livro, *Harry Potter e a pedra filosofal*, lançado em 1997, traz como autoria J.K. Rowling, curiosamente com as iniciais modificadas a pedido da editora por acreditar que um nome feminino não soaria atrativo para o público adolescente. Disponível em: <http://www.jkrowling.com/pt_BR/#/sobre-jk-rowling> Acessado em: 12/11/2013.

⁶⁸ Rachel de Queiroz nasceu no Ceará (Fortaleza), em 1910 [...], lançando em 1930 o seu primeiro livro em 1930 o livro de estréia, *O Quinze*, que mereceu o primeiro prêmio concedido pela Fundação Graça Aranha". In: CANDIDO, Antônio, CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 15^a. Ed. P.279.

⁶⁹ Martha Medeiros nasceu em Porto Alegre [...] em 1961 e é formada em Comunicação Social. Em 1995 lançou seu primeiro livro de crônicas, *Geração Bivolt* (Artes & Ofícios). [...] É autora dos best-sellers *Trem-Bala*, *Doidas e santas e Feliz por nada*. Seu romance *Divã*, lançado pela editora Objetiva, já vendeu mais de 50.000 exemplares. Disponível em: <http://lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=607705> Acesso em: 03/11/2013.

aconselhamento ao público feminino, a recuperação das publicações registram o quão comum é a convivência de produções femininas no mundo atual.

Mas nem sempre foi assim.

A escrita das mulheres percorreu longas e tortuosas veredas ao longo da história para conquistar o espaço que hoje nos parece ser tão seu. Sendo para driblar a submissão ou corroborar com a organização social vigente, a história das produções femininas se confunde com a trajetória política e social das mulheres ao longo do tempo.

Todavia, num mundo no qual a hegemonia patriarcal, durante milênios, cerceou o pensamento, a intelectualidade e, conseqüentemente, a escrita do “belo sexo”, ao olharmos para traz, é possível encontrar representantes ousadas engajadas na conquista de espaço e, conseqüentemente, de direito à expressão. Isto significa que o fazer literário pelas mãos femininas não é tão recente quanto podemos imaginar e mais ainda, que esteve diretamente ligado aos processos e transformações histórico-sociais, envolvendo o papel das próprias mulheres nos espaços em que elas se encontravam.

No entanto, no que diz respeito à conquista desses espaços e do prestígio das mulheres em relação à escrita, é para nós, de particular interesse a produção de romances, pois essa se mostra uma seara que ainda demonstra ter muito a revelar no que diz respeito à produção cultural e à participação feminina ao longo da História.

Para tanto, optamos pela observação desses acontecimentos tomando como um ponto de referência o período denominado por Sandra Vasconcelos como “Século do triunfo do romance”, o XVIII⁷⁰, momento de transformações profundas na estrutura social europeia no qual e a partir do qual ocorrerão fortes discussões na tentativa de estabelecer o que seria o romance moderno⁷¹, sua estrutura e sua finalidade, o que, todavia não nos impediu de recorrer a dados, obras, pensamentos e opiniões anteriores e posteriores na busca de vislumbrar o avanço das mulheres enquanto romancistas.

No que diz respeito ao gênero romance, debates da época contam com defensores e detratores questionando a nova forma, sobre a qual Sandra Vasconcelos destaca:

⁷⁰ Embora saibamos da existência de romances anteriores, como destacam Sandra Vasconcelos e Christa Bürguer, e mais ainda, romances femininos já no século XVII, optamos por focar no século XVIII pelas transformações sociais que possibilitaram uma produção profficua e nunca vista na medida em que se deu a partir desse período.

⁷¹ Conceito que se estabeleceu a partir do trabalho de Ian Watt. Cf: WATT, Ian. *A ascensão do Romance: estudos sobre Defoe, Richrdson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Nascido popular e bastardo, sem a tradição da epopeia, da lírica e da tragédia, [o romance] enfrentou sempre a ânsia normativa ou a má vontade e preconceito dos que consideravam que ele violava seja as regras do bom gosto, seja os valores morais. [...] Com o romance, a literatura deixava de ser um privilégio da “polite society” e se democratizava porque não exigia mais de seus leitores uma formação clássica e erudita. Bastava-lhes agora um nível adequado de letramento para que pudessem ter acesso às histórias de personagens comuns como eles⁷².

Como vemos, os aspectos que envolveram o romance ao longo de seu processo de afirmação entre os leitores são inúmeros.

Alvo de um sem fim de críticas, como afirma Walter Siti, “desde o início de sua história e onde quer que tenha aparecido, um gênero desacreditado”⁷³, certamente o romance o foi mais para aqueles que comungavam dos valores de uma educação erudita e circulavam em meio uma aristocracia pomposa, em detrimento dos que não tinham uma tradição educacional, e que desfrutavam de uma instrução superficial, caso de muitos dos que faziam parte da burguesia: “Sem leis nem regras, sem sequer necessitar daquele pouco de técnica necessária para os versos, o romance serve para qualquer um e qualquer um pode escrevê-lo.”⁷⁴

Sendo assim, qualquer um também poderia ter acesso, contando com as publicações mais baratas que os demais tipos de leitura, consequência de enormes tiragens. Difundido em grande escala, sem uma exigência de profunda instrução e barato, o romance, apesar das críticas aos enredos, tornou-se um gênero popular, ou melhor, se nos é permitido tal exagero, popularíssimo!

No entanto, ainda com exemplares baratos, nem toda população inglesa tinha acesso a tais publicações, principalmente os trabalhadores operários, que ganhavam quase que exclusivamente para sua subsistência (e isso incluía também as crianças). Nessa perspectiva, quem não tinha acesso à leitura, precisava encontrar outras formas de diversão: “Francis Place achava que no século XIX a única diversão da classe trabalhadora era beber; e cabe lembrar que o preço do gim tornava a embriaguez mais barata que a leitura de um jornal.”⁷⁵

Mas essa não era a única forma de distração da sociedade inglesa setecentista. Já que os altos preços muitas vezes afastavam o público da leitura, o baixo preço de entretenimentos

⁷² VACONCELOS, Sandra Gardini Teixeira. *A formação do romance inglês*. São Paulo: Aderaldo & Rothchild, FAPESP, 2007. p. 151.

⁷³ SITI, Walter. *O romance sob acusação*. In: MORETTI, Franco. *O Romance, 1: A cultura do romance*[Tradução: Denise Botmann]. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p 169.

⁷⁴ *Ibidem*. p.170

⁷⁵ WATT, Ian. *A ascensão do Romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 49

como o teatro reunia a burguesia e os operários em populosos espetáculos melodramáticos: “Só os indigentes não podiam gastar um *penny* de vez em quando para ir ao Globe Theater: o ingresso não custava mais que uma cerveja.”⁷⁶

Esse quadro ganhou aliados para sua modificação a partir de 1725⁷⁷, ano no qual surgiram as bibliotecas circulantes, que passaram a proporcionar a preços módicos uma possibilidade de leitura mais acessível para muitos. O romance mais ainda se popularizou e essa popularidade trouxe consigo ainda outras preocupações que iam além da formalidade e da excelência das técnicas de escrita dos enredos.

Observamos pelo próprio excerto de Sandra Vasconcelos destacado mais acima, que uma dessas preocupações era com a moralidade dentro do texto circulante. Era preciso atenção às estratégias que facilitaram o acesso a esses textos principalmente às mãos femininas e principalmente ao seu conteúdo, considerando que as mulheres constituíam um elemento importantíssimo para a propagação e manutenção da moral burguesa, grupo social em ascensão.

Ian Watt destaca pontos fundamentais que contribuíram para a difusão de romances na Inglaterra e conquista desse público leitor: a ocorrência de uma popularização do ensino da leitura, isto é, houve na Inglaterra desse período uma oferta de diversas possibilidades no que se referia à educação formal, desde escolas privadas em casas de senhoras à instituições religiosas que proporcionavam gratuita, embora precariamente, o ensino das primeiras letras, como mostra o autor: “Em geral a frequência a essas escolas era breve e irregular demais para que os pobres pudessem aprender alguma coisa além dos rudimentos da leitura.”⁷⁸

Watt enfatiza ainda que a circulação de diferentes materiais, tais como panfletos, jornais, obras impressas em folhas soltas, vendidas a preços bem mais baixos, viabilizaram a leitura de quem não poderia pagar por livros em um momento no qual a compra deste artefato, mesmo sendo dos mais baratos, poderia sustentar uma família inteira por uma ou duas semanas. Isso deixa mais clara ainda a relação entre o fator econômico e a popularização da leitura na sociedade inglesa

Pode-se ter uma ideia da medida em que os fatores econômicos retardaram a expansão do público leitor, em especial o do romance, pelo rápido sucesso das bibliotecas públicas ou circulantes [...]. A maioria das bibliotecas circulantes continha todo o tipo de literatura, porém o romance constituía a principal atração e sem dúvida foi o gênero que mais contribuiu para ampliar o público leitor de ficção ao longo do século. Foi também a forma literária

⁷⁶ Ibidem. p. 44.

⁷⁷ Cf: WATT, Ian. *Ascensão do Romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 45

⁷⁸ Ibidem. p. 40.

que suscitou o maior volume de comentários contemporâneos sobre a extensão da leitura às classes inferiores.

Dessa maneira, a Inglaterra assiste à consolidação do romance como gênero de preferência das massas e como já dissemos, em larga escala, das mulheres.

A indústria, que se encontrava nesse período em franco processo de expansão, opera uma significativa modificação de papéis no que se refere à organização do espaço doméstico da sociedade inglesa. A partir do momento em que ela passa a oferecer toda sorte de produtos, dos mais elaborados aos mais simples, que antes eram feitos em casa e que tal execução era parte dos afazeres femininos no lar, ocorre uma reorganização da função das mulheres no espaço privado, principalmente no que se refere às famílias de classe média, porque tal movimento, conforme expõe Sandra Vasconcelos, as retirou do mercado do trabalho e elas, ficaram com sua liberdade restrita, relativamente, ao espaço doméstico, com muito tempo ocioso e com a função única de gerenciar a casa. Sobre esse aspecto, Ian Watt declara que

As mulheres das classes alta e média podiam participar de poucas atividades masculinas, tanto de negócios como de divertimento. Era raro envolverem-se em política, negócios ou administração de suas propriedades; tampouco tinham acesso os principais divertimentos masculinos, como caçar ou beber. Assim, dispunham de muito tempo livre e ocupavam-no basicamente devorando livros.⁷⁹

Essas mudanças na organização social fizeram surgir um ideal de feminilidade que fosse condizente com a estrutura social burguesa, no qual a mulher teria como qualidades supremas a submissão, a virtude, a castidade, o bom comportamento, o temor e o domínio de umas poucas habilidades domésticas que, em alguns casos, englobava também a leitura. E para a difusão dessa mentalidade burguesa do comportamento feminino, os romances foram uma poderosa arma, tendo como lugar-comum a mulher como público-alvo e como personagem principal. Os romances setecentistas vinham dotados em seus conteúdos de um forte apelo pedagógico e moralizante destinado, principalmente, às senhoras.

Não tardou para que dois processos ligados ao romance se desenvolvessem: primeiramente, a aceitação do novo gênero pelo público leitor o transformaria em uma mercadoria extremamente rentável, o que de certo favoreceu sua abundante produção e também suscitou discussões acerca da qualidade do que estava sendo produzido, Watt corrobora com essa afirmação quando declara que “no início do século XVIII tornou-se mais

⁷⁹ Ibidem, p. 46.

ou menos habitual acusar-se um autor de escrever profusamente por motivos econômicos”⁸⁰, o que, na visão do autor foi um processo que implicou em resultados: “O [...] mais evidente da aplicação de critérios basicamente econômicos à produção literária foi favorecer a prosa em detrimento do verso”⁸¹.

Esses aspectos da produção de romances setecentistas incorreram numa outra consequência não menos importante, a notória a recorrência das obras escritas por aquelas que eram os seus próprios alvos, as mulheres. Sobre esse último acontecimento, Sandra Vasconcelos destaca:

Com tantos empecilhos e dificuldades, como explicar, então, o surgimento de uma quantidade expressiva de romancistas, digna de fazer companhia aos chamados “pais fundadores” do romance? (...) o romance foi o instrumento escolhido por muitas delas exatamente como meio de expressão, de revolta, de recusa de sua situação. As condições de possibilidade para isso foram encontradas no próprio meio em que viviam. O relativo desenvolvimento da instrução entre mulheres (...), somado ao desejo de independência financeira e à necessidade de encontrar uma distração, explica a diferença entre a situação das mulheres nas primeiras décadas do século e a partir de 1750.⁸²

Acompanhando a tendência da intensificação da produção de romances, as mulheres passam de consumidoras e personagens principais a produtoras, buscando inserção nesse meio tão consagrado aos escritores, se utilizando da escrita para a conquista de espaço numa sociedade na qual foram elas relegadas pela ideologia burguesa à condição de dependência financeira e social.

Mas a tendência da escrita feminina não ficou restrita às fronteiras inglesas. A produção romanesca francesa também esteve presente anteriormente ao século XVIII, da mesma forma que a inglesa e também se fez mais presente partir da segunda metade do século⁸³.

Devemos considerar também a importância do processo decorrido da Revolução Francesa para a organização social e a luta das mulheres pela sua valorização enquanto indivíduos integrados à sociedade. A expansão dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade foram avassaladoramente difundidos, e as mulheres europeias não ficaram

⁸⁰ Ibidem, p. 59

⁸¹ Idem.

⁸² VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 107.

⁸³ É possível observar essa forte presença de romances femininos franceses na segunda metade do século XVIII a partir da antologia *Roman de femmes du XVIIIe. Siècle*, sobre a qual nos aprofundaremos mais à frente.

alheias a eles. Sobre o impacto da Revolução nesse aspecto, Élizabéth G. Sledziowski expõe que

Considerar-se-á portanto a Revolução Francesa como uma mutação decisiva na história das mulheres [...] porque essa [...] foi a ocasião de um questionar sem precedentes das relações entre os sexos. A condição das mulheres mudou não apenas porque tudo mudava então e porque a tempestade revolucionária nada deixaria intacto. Mais profundamente, a condição das mulheres mudou porque a Revolução levantou a questão das mulheres e inscreveu-a no próprio coração da questionação *política* da sociedade.⁸⁴

Percebemos assim as transformações ocorridas também na sociedade francesa no que diz respeito às mulheres, no período durante e pós-revolucionário. No entanto, em certos aspectos as transformações não se operaram tão rapidamente, posto que, mesmo tendo sido laicizada e universalizada a educação francesa, tais moldes não se aplicavam cem por cento às mulheres, conforme explicita Françoise Mayeur quando relata que a educação formal feminina só era realizada nas escolas até os oito anos de idade, quando as meninas voltavam para casa para receberem os demais preceitos educacionais do pai e da mãe. Como declara a autora, “A finalidade é, efetivamente, a preparação das raparigas para as virtudes da vida doméstica e para os talentos úteis ao governo de uma família”.⁸⁵

Observamos assim que as transformações no que tange à mudança social de consciência do papel da mulher se operaram gradativamente, muito embora a Revolução tenha trazido essa necessidade à tona de uma maneira mais evidente. Esse processo nos leva a inferir, portanto, que esse contexto no qual as escritoras francesas produziram seus trabalhos as conduziram às estratégias de legitimação da sua escrita, como é o caso dos pseudônimos, características já apontadas nesse trabalho e que são comuns às publicações dos romances encontrados no jornal.

Após o desenvolvimento dessas questões, passaremos a acompanhar, tanto quanto possível, as autoras e seus respectivos períodos de produção, buscando dessa maneira vislumbrar a presença feminina em meio à produção romanesca.

⁸⁴ SLEDZIEWSKI, Élizabéth. *Revolução francesa*. A Viragem. In: DUBY Georges, PERROT, Michelle (Orgs.). *História das mulheres no Ocidente*. Vol. 4. São Paulo: EBRADIL, 1991. (?). p.41.

⁸⁵ MAYEUR, Françoise. *A educação das raparigas: o modelo laico*. In: DUBY Georges, PERROT, Michelle (Orgs.). *História das mulheres no Ocidente*. Vol. 4. São Paulo: EBRADIL, 1991. (?). p. 280.

2.2 – Romances, Mulheres e Mulheres de Romance.

Ao produzir um texto, a mulher de então não está interessada apenas em expressar um saber ou em dar expansão aos seus anseios, mas sim em ver-se confirmada como sujeito legítimo do fazer literário, capaz de dar conta e de propor uma reflexão de si mesma e da sociedade que até então só se reconhecia através do foco da interpretação masculina.⁸⁶

Apesar de os romances assinados por mulheres não serem tão numerosos quanto os romances de autoria masculina (podemos observar tal circunstância por meio das histórias da literatura), ainda assim, durante o processo de consolidação do gênero, as mulheres por vezes contaram com o apoio do sexo oposto na figura de pais, esposos, amantes e amigos como influenciadores de suas leituras e protetores de suas criações, ou admiradores de seus estilos⁸⁷.

O conde de Sade foi um desses apoiadores. Não diríamos que ele tenha sido um “militante” da causa feminina, para usar de um anacronismo consciente, mas minimamente um intelectual que reconhecia, já no século XVIII, o valor da criação da mulheres, desde o XVII:

[...] surgiu Mme. de La Fayette que, [...] fez-se mais interessante. Disseram, porque era mulher (como se esse sexo, naturalmente mais delicado, mais apropriado para escrever o romance, não pudesse, nesse gênero, pretender mais louros que nós), pretenderam, eu dizia, que La Fayette foi infinitamente auxiliada, e não teria feito seus romances sem a ajuda de La Rochefoucauld quanto aos pensamentos, e a de Segrias quanto ao estilo. De qualquer modo, nada é mais interessante do que *Zaída*, e nada é escrito de mais agradável do que *A princesa de Clèves*.⁸⁸

E ele continua a enumerar e exaltar os talentos:

No final desse mesmo século [XVII], a filha do célebre Poisson, num gênero bem diferente dos escritores de seu sexo que a precederam, escreveu obras não menos agradáveis, e seus *Dias alegres*, bem como suas *Cem novelas*, sempre constituirão, apesar dos defeitos, a biblioteca básica de todos os amantes do gênero.[...] Com ela rivalizaram a Srta. de Lussan, as Sras. de Tencin, de Graffigny, Élie de Beaumont e *Riccoboni* cujos escritos, cheios de delicadeza e gosto, certamente honram seu sexo.⁸⁹

⁸⁶ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. p.19.

⁸⁷ Cf. Ibidem, p. 155.

⁸⁸ SADE, Donatien Alphonse François, conde de. *Os crimes do amor e A arte de escrever ao gosto do público*. [Tradução: Magnólia Costa Santos]. Porto Alegre: L&PM, 202. p.36-37.

⁸⁹ Ibidem, p. 37-38.

No entanto, como já devemos saber, nem só de louros foi feita a trajetória feminina e, embora elas contassem, já no século XVII com tal crítica elogiosa, é contraditório, mas real, observar que ao final do XIX, pelo menos no Brasil, a censura católica ainda relegava obras femininas à marginalidade, como nos revela a crítica do editor, Frei Pedro Sinzig:

Carmem Dolores, Romance A luta Immoral. A autora parece que estava sob a influencia duma impressão estranha quando escreveu o livro. Não se comprehende que uma senhora possa escrever semelhantes immoralidades. [...] Júlia Lopes de Almeida. Seus livros, geralmente, não seguem os princípios da Igreja Catholica. Desenvolve e defende teses sociais (...) Romance mundano, (A falencia) de costumes cariocas.[...] ⁹⁰

Observamos que a moralidade ainda no XIX permanece como preocupação e como critério de observação dos romances e, no caso da crítica do Frei, se sobrepõe à observação de critérios estéticos no que diz respeito às obras femininas.

Veremos a partir de agora, que apesar das adversidades enfrentadas pelas mulheres nos contextos apresentados anteriormente, será possível observar que independentemente das condições desfavoráveis, as produções femininas foram significativas e relevantes ao longo do tempo merecendo um destaque quantitativo, malgrado as impossibilidades existentes.

Nos primeiros anos do século XVIII, surgem nomes no como os de Eliza Haywood (1693–1756)⁹¹, Mrs. Manley (1672-1724)⁹², Mary Davys (1674-1732)⁹³ e Jane Barker (1652-1732)⁹⁴. Depois de 1740, podemos destacar Charlotte Lennox (1729-1804)⁹⁵, Charlotte Smith

⁹⁰ PAIVA, Aparecida. A voz do veto: censura católica à leitura de romances. Belo Horizonte: Autêntica, 1997. p. 118.

⁹¹ Eliza Haywood (1693-1756). Atriz, romancista dramaturga e poeta[...]. Autora de mais de sessenta obras de ficção. In: VACONCELOS. Sandra Guardini Teixeira. *A formação do romance inglês*. São Paulo: Aderaldo & Rothchild, FAPESP, 2007. p. 262.

⁹²Foi uma das mais populares escritoras inglesas da Restauração. KASTAN, David Scott. *The Oxford Encyclopedia of British Literature*. Oxford: Oxford University Press, 2006. Disponível em: <<http://www.oxfordreference.com/view/10.1093/acref/9780195169218.001.0001/acref-9780195169218-e-0294>> Acesso em: 14/03/2014.

⁹³ Mary Davis (1674-1732). Romancista e dramaturga. In: In: VACONCELOS. Sandra Guardini Teixeira. *A formação do romance inglês*. São Paulo: Aderaldo & Rothchild, FAPESP, 2007. p. 268.

⁹⁴Jane Barker (1652-1727). Poeta, romancista, também escreveu sob os pseudônimos “Galesia” e “Fidelia”. In: In: VACONCELOS. Sandra Guardini Teixeira. *A formação do romance inglês*. São Paulo: Aderaldo & Rothchild, FAPESP, 2007. p.246.

⁹⁵ Romancista inglesa autora de *The female Quixote*. A autora foi muito apreciada por outros escritores de sua época, como Henry Fielding e Samuel Richardson. In: *Encyclopedia Britânica On-line*. Disponível em: <<http://global.britannica.com/EBchecked/topic/336003/Charlotte-Lennox>> Acesso em: 14/03/2014.

(1749-1806)⁹⁶, Ann Radcliff (1764-1823)⁹⁷, Mary Wollstonecraft (1759-1797)⁹⁸, Mrs. Elizabeth Inchbald (1753-1785)⁹⁹ e Sarah Fielding (1710-1768)¹⁰⁰¹⁰¹.

Observamos ainda uma abundância das produções femininas francesas do mesmo período, que, de acordo com a obra *Roman de femmes du XVIIIe siècle*, de Raymond Trousson, há pelo menos um romance de autoria feminina publicado entre os anos de 1735 a 1825, à exceção dos anos de 1742, 1746, 1773, 1779, 1790, 1809 e 1819, mas, não raro, encontramos mais de um romance publicado em cada ano.

Fez-se importante destacar que nessa reunião de autoras estão presentes 110 romancistas ente os séculos XVIII e início do XIX, das quais selecionamos as autoras com maior número de publicações elencadas, que são: Mme. Riccoboni (1713-1792)¹⁰², com sete romances e Mme. de Genlis (1746-1830)¹⁰³ com treze. Há ainda outras autoras com produções numerosas, no entanto, a rara ou total falta de informação sobre essas até o presente momento dessa pesquisa nos levaram a optar por não elencá-las imaginando, dentre as possibilidades para a dificuldade na busca de informações tratar-se não de seus verdadeiros nomes, mas de possíveis pseudônimos. Contudo, mesmo mediante a esse fato, é possível observar a maciça produção de autoras francesas nesse período bem como perceber que essas eram mulheres que faziam parte de um meio no qual circulava uma cultura letrada no qual as mesmas possível e provavelmente exerciam alguma influência intelectual.

⁹⁶ Charlotte Smith (1749-1806). Romancista, poeta e tradutora.[...]Seu primeiro romance, *Emmeline* (1788), vendeu a primeira edição de 1.500 exemplares em poucos meses. In: In: VACONCELOS. Sandra Guardini Teixeira. *A formação do romance inglês*. São Paulo: Aderaldo & Rothchild, FAPESP, 2007. p. 472.

⁹⁷ Mrs. Ann Radcliffe (1764- 1823). Romancista [...]. Admirada e louvada, foi muito popular na Inglaterra e no continente. Seu *Mysteries of Udolpho* é famoso por seu refinamento de traços góticos fundamentais. In: In: VACONCELOS. Sandra Guardini Teixeira. *A formação do romance inglês*. São Paulo: Aderaldo & Rothchild, FAPESP, 2007. p.480.

⁹⁸ Mary Wollstonecraft (1759-1797). Escritora britânica engajada na defesa de igualdade na educação formal de homens e mulheres no século XVIII. Publicou o romance *Mary: A Ficción* (1788) e a obra *A Vindication of the Rights of Woman* (1792), que se transformou em uma obra referencial para o Feminismo. In: VACONCELOS. Sandra Guardini Teixeira. *A formação do romance inglês*. São Paulo: Aderaldo & Rothchild, FAPESP, 2007. p. 467.

⁹⁹ Escritora e atriz. Sua produção se dividia entre romances e teatro. Disponível em: *Encyclopeia Britannica* < <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/284682/Elizabeth-Inchbald>> Acesso: 10/03/2014.

¹⁰⁰ Escritora e tradutora inglesa. Seus romances então ester os primeiros em língua inglesa e ela foi a primeira a examinar a vida de mulheres e crianças a partir de suas personagens. Disponívl em: *Encyclopedia Britannica* <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/206354/Sarah-Fielding> Acesso em: 10/03/2014.

¹⁰¹ Essa reunião de autoras foi vislumbrada a partir do trabalho de Sandra Vasconcelos: VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 111-112.

¹⁰² Escritora francesa e editora de periódicos, mantinha estreitas relações com personalidades do Iluminismo como Voltaire. THOMAS, Ruth P. *Marie-Jeanne Riccoboni*. Temple University. Disponível em< <http://www.gale.cengage.com/pdf/samples/sp681326.pdf>> Acesso em: 05/07/2014.

¹⁰³ Escritora, harpista e educadora francesa. Ficou conhecida por sua dedicação aos livros infantis. SAINT-BEUVE, Charles. *Les Causeries du Lundi* . Disponível em: < http://flaubert.univ-rouen.fr/bovary/bovary_6/notices/genlis.html> Acesso em: 20/06/2014.

Mas o século XVIII trouxe ainda o que a pesquisadora Conceição Flores considera o primeiro romance de língua portuguesa, de autoria de Teresa Margarida da Silva e Orta, filha do fidalgo português José Ramos da Silva, nascida em São Paulo em 1716¹⁰⁴. Sobre o romance *Máximas de virtude e formosura com que Diófonos, Climenéia e Hemirena, Príncipes de Tebas, venceram as mais apertados lances da desgraça*, publicado pela primeira vez em 1752, e dedicado a então princesa do Brasil, que viria a ser D. Maria I, Flores faz seguinte colocação:

A autora firmava o pacto ficcional, apresentando-se para os seus leitores timidamente. Designava o romance como “pequeno livro”. No entanto, a obra revela uma mulher culta, conhecedora da cultura grega, leitora de autores clássicos e de contemporâneos. (...) As personagens femininas são porta vozes do ponto de vista sobre a educação das mulheres. A trama romanesca é apenas pretexto para a defesa de princípios iluministas, entre os quais se destaca o de guia do comportamento para a educação das mulheres [...]¹⁰⁵

Notamos, dessa forma, que a educação feminina e o papel da mulher dentro da sua sociedade eram preocupações recorrentes dentro das temáticas abordadas pelas mulheres em seus romances e não só isso, a discursão dos papéis que lhes cabiam também entravam em questão.

Se a partir dos anos setecentos temos uma grande quantidade de obras femininas sendo publicadas, o século XIX mantém uma espaço também frequente para as romancistas europeias, dentre as quais podemos citar as inglesas Charlotte Brontë (1816-1865)¹⁰⁶, Emily Brontë (1818-1848)¹⁰⁷, e Anne Brönte (1820-1849)¹⁰⁸, Jane Austen¹⁰⁹, Mary Shelley (1797-

¹⁰⁴Cf. em FLORES, Conceição. *A escrita Pioneira de Margarida da Silva Orta*. In: ARRUDA, Aline Alves et. al (org.). *A escritura no feminino: Aproximações*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. 425 p.

¹⁰⁵Ibidem, p. 85-86.

¹⁰⁶ A mais velha das irmãs Brönte. Em 1846, a escritora tomou a iniciativa de reunir os poemas das três irmãs para publicação sob os respectivos pseudônimos de Currer, Ellis and Acton Bell. No ano seguinte, ainda sob pseudônimos, as três irmãs iniciaram, individualmente, a publicação de romances. Disponível em: CODE, Davyd. The victorian web: literature, historyand culture in the age of Victoria. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/bronte/cbronte/brontbio.html>> Acesso em: 10/03/2014.

¹⁰⁷ No ano de 1847, a autora publicou seu famoso romance *Wuthering Heights*, conhecido em português como *O morro dos ventos uivantes*. Disponível em: ALLINGHAM, Phillip V. The victorian web: literature, historyand culture in the age of Victoria. < <http://www.victorianweb.org/victorian/authors/bronte/ebronte/bio.html>> Acesso em: 11/03/2014.

¹⁰⁸ A escritora inglesa publicou em 1847 o romance *Agnes Gray*, sob o pseudônimo de Acton Bell. A obra ganhou uma segunda edição três anos depois. Disponível em: FRERICHS, Sarah Cutts. The victorian web: literature, historyand culture in the age of Victoria. < <http://www.victorianweb.org/authors/sewell/4b.html>> Acesso em: 11/03/2014.

¹⁰⁹ Informações sobre a autora previamente dadas na nota 53.

1851)¹¹⁰, Elisabeth Gaskell (1810-1865)¹¹¹, Frances Burney (1776–1828)¹¹², bem como as francesas Madame Cotin (1772-1807)¹¹³, Judith Gutier (1845-1917)¹¹⁴, Marguerite Eymery ou Rachilde (1860-1953)¹¹⁵, George Sand (1804-1876)¹¹⁶ entre outras¹¹⁷.

Ainda sobre a produção de escritoras francesas, Christa Bürguer, em seu trabalho *O Sistema do Amor*¹¹⁸, mostra como algumas delas procuravam se posicionar em seus escritos de forma a contestar sua condição social escrevendo a partir da temática comum abordada nas obras e especificada no título do texto – o Amor. Com base nessas produções, a estudiosa propõe que literatura feita por essas mulheres traz em si como ponto comum um teor de resistência aos moldes que são impostos pelas sociedades vigentes, normalmente organizadas numa estrutura patriarcal.

No que se refere aos romances, a autora recua um pouco no tempo e nos traz as romancistas do século XVII.

Destacamos primeiramente Madeleine de Scudéry (1607–1701)¹¹⁹, cuja ousadia, segundo a autora, está em contrariar o comportamento cortesão de intrigas e interesses que relegam à mulher um status de mercadoria de troca ou objeto sexual na sociedade francesa do século XVII, por meio da criação de uma obra que vislumbra um mundo de ternura, acessível

¹¹⁰ Romancista inglesa, dramaturga, ensaísta, biógrafa, escritora de relatos de viagem e editora, ficou mais conhecida por seu romance gótico *Frankenstein* ou O moderno Prometeu (1818). In: PABST-KASTNER, Charlotte. *The victorian web: literature, history and culture in the age of Victoria*. Disponível em: <http://www.victorianweb.org/victorian/previctorian/mshelley/bio.html>> Acesso: 12/02/2014.

¹¹¹ Romancista e contista britânica. In: *The victorian web: literature, history and culture in the age of Victoria*. Disponível em: < <http://www.victorianweb.org/authors/gaskell/bio.html> > Acesso em: 12/02/2014.

¹¹² Romancista inglesa. Seu primeiro romance, *Evelina*, foi publicado em 1778, sob pseudônimo. Em 1872, publicou *Cecília*. Sua obra é reconhecida pela crítica social presente no enredo. In: *Encyclopedia Britannica*. Disponível em: < <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/85638/Fanny-Burney> > Acesso em: 12/02/2014.

¹¹³ Romancista francesa. Teve seus romances bastante traduzidos no século XIX. Fonte: <http://flaubert.univ-rouen.fr/bovary/bovary_6/notices/cottin.html>

¹¹⁴ Escritora francesa de expressiva produção em vários gêneros, destacou-se na escrita de romances por trabalhar nos mesmos com muitas informações sobre a cultura da China, Egito, Pérsia entre outros. In: YU, Pauline. *Your alabaster in this porcelain: Judith Gautier's Le livre de jade*. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/25501716?uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21102933596837>> Acesso em: 06/10/2013.

¹¹⁵ Autora francesa que escreveu obras polêmicas em seu tempo e de posicionamento anti-feminista. DAUPHINE, Claude: *Encyclopedia Universalis*. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/marguerite-rachilde/>> Acesso em: 12/02/2014.

¹¹⁶ Romancista francesa e jornalista, iniciou sua carreira escrevendo para periódicos em 1831 e em 1832 lançou seu primeiro romance, *Indiana*. In: *Encyclopedia Britannica*. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/521896/George-Sand>> Acesso em: 14/11/2013.

¹¹⁷ Levantamos essas informações sobre as escritoras francesas com o auxílio do acervo disponibilizado pela Universidade de Cambridge relacionado ao projeto *American and French Research on the Treasury of the French Language* (ARTFL). Disponível em: <artfl-project.chicgo.edu/content/bibliography-0> Acesso em: 14/11/2013.

¹¹⁸ BÜRGER, Crista. *O sistema do Amor*. In: MORETTI, Franco (Org.). *A cultura do Romance*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naif, 2009.

¹¹⁹ Escritora francesa. In: CONLEY, John, "*Madeleine de Scudéry*", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2011 Edition). Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/sum2011/entries/madeleine-scudery/>>. Acessado em: 14/03/2014.

penas aos bons de coração, no qual prevalece o que Bürger denomina de “doutrina do amor terno”, o romance “de amor e aventura”¹²⁰, como a própria pesquisadora o denomina e que se intitula *Clélie*.

Já na obra de Madame de La Fayette (1634-1693)¹²¹, a estudiosa aponta a renúncia como ponto de resistência no texto de título *A princesa de Clèves* em diferentes momentos: a renúncia ao diálogo como crítica ao domínio do homem sobre a linguagem, que não era acessível às mulheres da época e a renúncia ao amor, posto que ao confessar para o marido seu apreço por outro homem, levou aquele à morte e a indiscrição do homem amado resultou na difamação da protagonista, o que fragiliza o ideal do amor e, sendo assim, ela opta pela reclusão ao invés de se entregar à liberdade de poder viver a sua paixão, contrariando, com essa ausência, o ideal da sociedade francesa do século XVII de um vida de exposições e aparências.

Considerada a sucessora de Madame de La Fayette, Madame de Tencin (1682-1749)¹²², em sua obra, supera a proposta de sua antecessora quando atribui à mulher o papel de heroína/mártir que a partir de sua decisão de casar para salvar o homem amado, aceita fazê-lo por conveniência e para não o infringir ciúmes, ela escolhe o mais indigno pretendente, colocando o casamento, instituição importante da estrutura social europeia do século XVIII, em xeque, posto que sendo um casamento conveniente, sua essência é nula desde o início.

Por fim, Bürger aponta a produção de George Sand¹²³, pseudônimo da baronesa de Dudevant, a partir do romance *Isidora*, no qual a autora atribui à figura de uma cortesã a função de discutir criticamente a criação rousseauiana *A Nova Heloísa*, apontando o que ela considera como erros desse autor. Nessa obra de Sand, ocorre a valorização da mulher em dois momentos sociais distintos: quando Isidora é a figura da cortesã crítica, com liberdade de pensamento para discutir a diferença entre os sexos e, posteriormente, quando a mesma personagem abre mão da vida que tem para desempenhar o papel de mãe adotiva e com isso, abandonar o “amor livre” que até então seguia, passando por um processo de elevação pelo amor materno.

¹²⁰ Ibidem, p.606.

¹²¹ Escritora francesa. Publicou sua primeira obra, *La Princesse de Montpensier*, em 1662, sob pseudônimo. Sua obra mais famosa, *La Princesse de Clèves*, veio a público em 1678. In: *Encyclopédie Larousse*. Disponível em: < <http://www.alalettre.com/la-fayette-bio.php> > Acesso em: 14/11/2013

¹²² Escritora francesa, Claudine Alexandrine Guerin de Tencin produziu romances que usualmente com inspiração sentimental e que falavam frequentemente dos infortúnios do amor. In: *Encyclopedia Britannica*. Disponível em: < http://www.memo.fr/en/article.aspx?ID=PER_MOD_007 > Acessado em: 10/12/2013

¹²³ Informações sobre a autora destacadas na nota 94.

A autora demonstra em cada uma das produções das escritoras citadas como elas se opõem às regras, à estrutura social, à ideia de sexualidade e até mesmo à própria noção de feminilidade que deveria ser seguida por cada uma em seu tempo. Em períodos que não privilegiavam a erudição feminina, essas mulheres deixaram suas percepções representadas por meio da diversidade de escritos que de acordo com a pesquisadora, mesmo que nem sempre alcançassem uma excelência estética¹²⁴, ainda assim mantiveram sua importância por registrarem o pensamento e o fazer literário feminino de cada época.

O Brasil também apresenta sua contribuição no que se refere à produção romanesca por mulheres no século XIX. O título *Escritoras brasileiras do século XIX*, organizado pela pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart nos traz nomes como os de Maria Firmina dos Reis, autora que escreveu o primeiro romance abolicionista, Ana Ribeiro, produtora de um romance católico, Anália Franco, escritora também de outros gêneros como poesias, contos e crônicas, teve em seu legado literário três romances e Inês Sabino também escritora de vários gêneros, produziu dois romances¹²⁵.

Os indícios do fazer literário feminino oitocentista também são mostrados pela pesquisadora Germana Sales¹²⁶, que aponta obras dessa natureza em 1838, com Ana Eurídice Eufrosina de Barandas e o título *Uma lembrança saudosa*. Há a extensa produção de Nísia Floresta, que além de romances, também se lançava à produção de outros gêneros como crônicas e relatos de viagem. A autora é recorrentemente citada na cronologia da pesquisadora citada a partir de 1847, sua primeira aparição. Encontramos ainda em 1852, Joana Paula Manso de Noronha; em 1852, Maria Firmina dos Reis; em 1862, Jovita Duarte e Silva; em 1863, Beatriz Francisca de Assis Brandão; em 1877, Narcisa Amália de Campos; em 1879, Gabriela de Jesus Ferreira França; em 1881, Luísa Leonardo Marquez; em 1883, Anna Ribeiro Góes Bittencourt e em 1890, Maria Benedita Câmara. Não elencamos aqui todas as autoras listadas por Germana Sales em sua cronologia, mas escolhemos nomes para representar essa produção romanesca feminina ao longo de todo o século XIX.

Certamente não há como pensar em uma equiparação no que diz respeito às produções masculinas, que são de número muitíssimo superior em termos de quantidade, e nem é esse

¹²⁴ Bürger afirma que os textos femininos muitas vezes não alcançam excelência estética por estarem demasiado voltados para uma produção com forte teor autobiográfico: “O que se limita à vida, perde o direito de pertencer à esfera da arte”. (p.626)

¹²⁵ Cf. Informações em MUZART, Zahidé Luinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

¹²⁶ A pesquisadora organizou em sua tese de doutorado uma cronologia do romance brasileiro no século XIX. Cf. SALES, Germana. *Palavra e sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas*. 2003. 387 p. TESE. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

nosso objetivo, mas comprovar a presença dessa escrita feminina brasileira e sua distribuição ao longo do tempo.

Observamos que apesar das pesquisas sobre obras femininas no Brasil ainda ser relativamente recente, já é possível por meio destas constatar a produtividade literária feminina já no século XIX.

Podemos avaliar que em um panorama romanesco, é certamente inegável a participação mulheres na produção de romances, como nos foi possível perceber pelo número de autoras que são conhecidas dos períodos aqui abordados. As transformações sociais características a cada período possibilitaram a elas talvez não o espaço, mas a consciência e a ousadia necessárias a se lançarem em meio ao fazer literário e conquistar principalmente o direito de serem escritoras de romances, gênero tão desprestigiado desde seu nascimento.

Se sua escrita foi para promover a liberdade feminina ou ratificar os valores morais que cerceavam o espaço desse público dentro de suas respectivas sociedades, não cabe a nós julgar, pois só a possibilidade de instrução para leitura e escrita desses romances já traz em si uma importante conquista para essas mulheres, independentemente de seu posicionamento.

Infelizmente, não podemos mensurar exatamente quantos romances foram produto da pena feminina ou ainda, o número exato de mulheres que desenvolviam o trabalho da escrita, isso devido ao uso de artifícios frequentes como pseudônimos ou textos anônimos. Em detrimento disso, a quantidade de escritoras que assumiram a autoria de suas obras e que, em alguns casos, tinham a pena como meio de subsistência, demonstra como, mesmo em uma situação social adversa, essas escritoras se utilizaram do recurso da escrita para reagir contra a apatia intelectual a que foram relegadas pela organização social burguesa e, no caso do Brasil, educacional e religiosa.

Destacamos ainda, no que se refere ao século XIX, que esse traz em seu bojo a definitiva supremacia do romance como gênero estabelecido e preferência das massas juntamente com muitas transformações em suas formas de escrita e veiculação.

Nesse sentido, uma das configurações de romance peculiar ao período se tornou muito significativa para a difusão do novo gênero (a essa altura já nem tão novo, no entanto, ainda com pouco prestígio): o *romance-folhetim*, modalidade seriada veiculada em periódicos da qual falaremos a seguir.

2.3 – De uma Paris à outra: a trajetória dos romances-folhetins até Belém.

O folhetinista é originário da França, onde nasceu, e onde vive a seu gosto, como em cama no inverno. De lá espalhou-se pelo mundo [...] disse eu em outra parte, e debaixo de outro pseudônimo, o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta íntima afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação.¹²⁷

Recorremos novamente a Machado de Assis, um ícone brasileiro dos escritos folhetinescos do século XIX, para nortear o início de mais essa reflexão. Ele sucintamente define a origem, o fazer e a importância do folhetim.

Primeiramente, conforme Marlyse Meyer, temos o surgimento, na imprensa francesa, do *feuilleton*:

Título geral desse *pot-pourri* de assuntos, que Martins Pena chamaria de “sarrabulho litero-jornalístico”: variétés, ou mélanges, ou *feuilleton*. Mas, esse último, repita-se, era antes um termo genérico, designando essencialmente o espaço na geografia do jornal e seu espírito.¹²⁸

Como vemos a princípio, o termo estava basicamente ligado à organização espacial do jornal, mais precisamente o rodapé, o qual abrigava publicações variadas, relacionadas aos diversos temas e formas de instrução e/ou entretenimento.

No entanto, é importante destacar que o surgimento do romance publicado em folhetins não foi aleatório, mas esteve diretamente ligado à uma situação proporcionada pela conjuntura política na sociedade francesa pós-Revoluções Burguesas, conforme podemos observar nos dizeres de José Ramos Tinhorão:

[...] o aparecimento na França das histórias escritas para publicação em capítulos, em rodapés de jornal, coincidiu em meados da década de 1830 com a tendência à democratização revelada pela imprensa da Monarquia de Julho, sob o governo de Luís Felipe, quando as massas populares de Paris começaram a forçar sua participação política através de uma inquietação logo traduzida na série de teorias de reforma social tão características do século XIX.¹²⁹

¹²⁷ ASSIS, Machado de. *O Jornal e o Livro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 70.

¹²⁸ MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. P. 58

¹²⁹ TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetim no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades. 1994. p 7

Tais reformas sociais ao longo dos anos oitocentos, na França, tiveram como uma de suas consequências, a democratização do ensino, o que gerou o surgimento de relevante número de novos leitores, é certo que muitos sem tradição em erudição, mas certamente ávidos pelo exercício da leitura, isto é, um público suscetível à leveza, ao entretenimento e não interessado nos pesados textos políticos e teóricos divulgados comumente nos jornais.

Outro fator marcante para a imprensa oitocentista foi a conquista de avanços tecnológicos relacionados à prensa, que permitiram baratear o custo das edições e aumentar o número de exemplares impressos.

No foco desse nicho de novos leitores, o jornalista Émile de Girardin lançou, em 1836, um periódico farto em inovações:

[...] o seu *La Presse* a dois sous, que era o vintém francês da época [...]. Uma dessas novidades destinada a atrair assinantes foi exatamente o folhetim (que compreendia sob esse nome, além do romance, a crônica leve sobre fatos do dia-a-dia). E o resultado não se fez esperar: segundo dados da administração dos correios da França, os assinantes de 20 jornais em 1835, que eram 70 mil em Paris, passaram no ano seguinte para 200 mil [...].¹³⁰

Como podemos notar a partir das informações de Tinhorão, as assinaturas dos jornais quase triplicaram no período de um ano e o espaço *feuilleton* do jornal ganhou notoriedade quando passou a veicular narrativas ficcionais, no *La Presse*¹³¹.

¹³⁰ Ibidem. pág 8

¹³¹ Cf: Bibliothèque nationale de France: Gallica: bibliothèque numérique. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k426720s/f1.image.r=La%20Presse%20journal%20girardin.langPT>> Acesso em: 20/05/2014.



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Imagem 9 Primeira edição do jornal La Presse

Havemos de destacar que Girardin foi pirateado por seu ex sócio, Armand Dutacq, que em 5 de agosto de 1836, tomou a dianteira e lançou *El Lazarillo de Tormes* no rodapé de seu jornal, *Le Siècle*, circunstância que não intimidaria o editor do *La Presse* a publicar o romance inédito do já renomado escritor Honoré de Balzac, *La Vieille Fille*. E conforme Antônio Hohlfeldt:

Muitos outros jornais, a maioria, quase todos, seguiriam a moda, garantindo assim suas tiragens, ampliando o total de assinantes, revelando novos escritores, e lançando outros gêneros de narrativa. Dessa maneira, fixava-se, no Romantismo, a forma romanesca quase como sinônimo de literatura.¹³²

E como diz a citação de Machado que introduz nosso tópico, o produto folhetinesco é francês, mas sendo de um sucesso tão estrondoso, espalhou-se mundo afora e não demorou muito a chegar ao Brasil.

¹³² HOHLFELD, Antonio. Deus escreve direito por linhas tortas: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.p. 19-20.

Há ainda que se estabelecer o primeiro romance-folhetim publicado no Brasil, tarefa que constitui ainda controvérsia entre pesquisadores¹³³, por isso, aceitamos a informação de Meyer que afirma ser *O Capitão Paulo*, de 1838, publicado no *Jornal do Comércio*.¹³⁴

O início dessa circulação resultou certamente em modificações relevantes para os processos de leitura e criação literária que passaram a se firmar em nosso país a partir de então. Maria Cristina Batalha, quando discute a influência, no Brasil, do romance-folhetim traduzido afirma que

as traduções vieram exercer o papel de preenchimento de um espaço que ainda permanecia incipiente e sem contornos claros, sobretudo porque, nesse subcampo [da produção escrita brasileira], a importância não é efetuada apenas pelos produtores, mas também por editores e outros agentes envolvidos no processo de escolha.¹³⁵

Marlyse Meyer também reflete sobre a importância e as influências dos *romances-folhetins* sobre a nascente produção nacional, e sobre isso, destaca:

Mais interessante do que registrar os meros imitadores seria examinar as influências concretas do folhetim à francesa na elaboração do romance oficial” brasileiro. Desde as influências temáticas, em Macêdo, *O Moço loiro* ou *Os dois amores*, por exemplo, até o senso do corte dos capítulos, que Alencar conseguiu com tanto brio em *O guarani*, sabendo manter acesa a atenção diária do público.¹³⁶

Dessa maneira, é possível entendermos que o romance-folhetim francês traduzido no Brasil trouxe de contribuição muito mais que o entretenimento, mas deixou também suas marcas no próprio fazer dos escritores brasileiros, que à época do Romantismo, momento em que teve início a circulação desses textos estrangeiros em jornais brasileiros, os escritores que aqui se lançaram a fomentar uma literatura brasileira, renderam-se também ao que lia o público e ao que liam eles próprios e se utilizaram das estruturas das narrativas francesas para compor os primeiros passos de seus escritos, bem ao gosto do que lia o público da época.

Mas, como já dissemos, as fatias de romance se espalharam Brasil a fora, aportando também nos jornais paraenses.

¹³³Barbosa Lima Sobrinho, José Ramos Tinhorão e Yasmin Nadaf defendem o título *O aniversário de D. Miguel em 1828* como primeiro romance-folhetim brasileiro publicado no Brasil.

¹³⁴ Cf. em MEYER, Marlise. *Folhetim: Uma história*, São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 32.

¹³⁵BATALHA, Maria Cristina. *O lugar do folhetim traduzido no sistema literário brasileiro*. In: *Graphos*, João Pessoa, v.8, n. 1, jan/jun, 2006. P 44.

¹³⁶Ibidem, p.311.

Conforme a pesquisa de Tatiana Mesquita¹³⁷, o primeiro romance-folhetim de que se tem notícia de haver circulado em periódicos de Belém, *O Preso*, foi editado entre 21 de setembro de 1849 a 20 de maio de 1850, sendo composto por 40 capítulos, de autoria desconhecida¹³⁸. Logo, a pesquisadora comprova que as prosas folhetinescas estão presentes entre os leitores paraenses ainda na primeira metade do século XIX.

No entanto, é na segunda metade do século que tais textos vão predominar nos jornais de Belém, principalmente nas décadas de 70 e 80. nas quais encontramos um número considerável de jornais sendo publicados acerca dos quais vêm sendo desenvolvidos diversos estudos de textos publicados em prosa de ficção dos quais podemos destacar as pesquisas de Maria Lucilena Gonzaga Costa¹³⁹, Edimara Santos¹⁴⁰, Alan Flor¹⁴¹, entre outros.

Em meio a essa profícua produção jornalística se encontra *A Província do Pará*, que, como já foi visto no capítulo primeiro, no período estudado, deu conta de 20 publicações em prosa de ficção. Dentre essas produções, 12 eram francesas e quatro, produções femininas.

Mas esses escritos femininos extrapolam a produção de romances, o período estudado e a produção estrangeira, e vão além. Fazemos tal afirmação pelo fato de nos ter sido possível localizar também publicações diferenciadas, como da autora Maria Amália Vaz de Carvalho, nomeada *Sciencias, Letras e Artes*, de 20 de julho de 1875, bem como de Júlia Lopes de Almeida, intitulado *A Primeira Bebedeira*, veiculado no dia 05 de fevereiro de 1890 e também um texto de Maria de Lemos, *O Beijo*, do dia 1 de maio de 1890¹⁴². Isto demonstra que, para além da produção de romances, a escrita feminina em estava presente em outras vertentes do pensamento e da escrita das mulheres da sociedade oitocentista.

No entanto, a produção romanesca feminina na sessão Folhetim d'*A Província do Pará* é nosso foco e é a ela que voltaremos o nosso olhar a partir de agora.

¹³⁷ MESQUITA, Tatiana de Nazaré Costa Ramos. *A contribuição do jornal O publicador paraense no incremento da cultura letrada na provincial do Pará*. 2013. 72 p. TCC. Instituto de Letras e Comunicação. UFPA. Belém, 2013. P. 31.

¹³⁹ COSTA, Maria Lucilena Gonzaga. *Gazeta Oficial: Periódico paraense noticioso e literário de século XIX*. 2008. 97 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2008.

¹⁴⁰ SANTOS, Edimara Ferreira. *Dumas, Montépin e du Terrail: a circulação dos romances-folhetins franceses no Pará nos anos de 1871 a 1880*. 2011. 110 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2011. Programa de Pós-Graduação em Letras.

¹⁴¹ SILVA, Alan Victor Flor. *Um escritor da coluna folhetim: Os contos de marques de Carvalho na jornal A Província do Pará*. 2010. 104 p. TCC - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2010.

¹⁴² Cf: VASCONCELOS, Sara. *A prosa de ficção n'A Província do Pará*, Relatório Técnico-Científico (UFPA/CNPq). Pará, 2012. (Anexos).

CAPÍTULO 3

DAMAS DE PAPEL E TINTA

3.1 – A Condessa, *A Marquessa* e os leitores brasileiros.

O jornal carioca *Diário de Notícias* informa no dia 3 de outubro de 1950, na seção “No lar e na sociedade” a seguinte nota, com título “Convém saber”:

“Condessa Dash” era o pseudônimo de Gabriela Ana de Cisterne de Courtiras, literata francesa, nascida em Poitiers em 1804. Casada muito jovem com um oficial, sofreu vários revezes de fortuna, tendo de procurar recursos para a subsistência, como escritora, publicou grande número de romances, em que são descritos os costumes aristocráticos. Publicou também “Cousas galantes da corte de Luis XV”, “Napoleão e a sua corte”, etc, e recordações anedóticas editadas com o título de “Memórias dos outros”.¹⁴³

Condessa Dash ou Gabrielle Anne Cisterne de Courtiras¹⁴⁴, como o próprio periódico nos informa, nasceu em Poitiers, na França em 02 de agosto de 1804. Viveu até setembro de 1872, não se sabe ao certo se até o dia 09 ou 12, mas sabe-se que faleceu em Paris¹⁴⁵.

De uma família tradicional burguesa, viveu no período do Antigo Regime. Com uma personalidade alegre e espirituosa, era frequentadora dos salões da aristocracia. Recebeu excelente educação e casou-se ainda muito jovem com o visconde de Poillou de Saint-Mars, oficial promovido posteriormente a general da cavalaria, é o que nos reporta Jean Arnould¹⁴⁶.

Após sofrer, como diz a nota acima, revezes de fortuna, e mais ainda, decepções e opressão doméstica¹⁴⁷, a jovem optou por seguir a trajetória de algumas outras escritoras coetâneas, utilizando da produção de romances como meio de subsistência.

¹⁴³ *Diário de Notícias*. P.3, 3out1950.

¹⁴⁴ VAPEREAU, Gustave. Dictionnaire universel des contemporains : contenant toutes les personnes notables de la France et des payes étrangers... : ouvrage rédigé et continuellement tenu à jour avec le concours d'écrivains et de savants de tous le pays (Cinquième édition). Vol 1. Paris : L. Hachette, 1880. 68 p. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2992011.r=comtess+dash+biografie.langPT.swf> acesso em 10/03/2014.

¹⁴⁵ ARNOULD, Jean. *Qui se souvient de la Comtesse Dash?* In: Bulletin de La société archéologique, scientifique et littéraire du Vendômois. Paris. 1867-1992. ISSN 11532513. pág. 85 -87. Disponível em: ftp://ftp.bnf.fr/581/N5819061_PDF_1_-1EM.pdf. Acesso em 01/07/1014.

¹⁴⁶ Ibidem, p 86.

¹⁴⁷ Ibidem, p. 86.

Pela decisão tomada, a escritora sofreu resistência da família, que impôs como condição para sua produção literária a utilização do pseudônimo.

Observamos então o sucesso dessa empreitada, pois, conforme afirma Jean Arnould:

Un romancier appartient au milieu dans lequel il vit. La comtesse Dash ne peut le réfuter. En vingt ans, elle publia plus de quarante romans dont les sujets sont empruntés aux moeurs d'un monde qu'elle connaît fort bien et aux traditions monarchiques dont elle fut nourrie. Sa fécondité alla en augmentant. Le Journal de la Librairie a enregistré jusqu'à cinq ou six romans par année.¹⁴⁸

Profícua escritora, de acordo com as informações que encontramos disponíveis na Biliotéque National Francese¹⁴⁹, informações com as quais corrobora o artigo já citado, no qual são mencionadas cerca de 66 obras¹⁵⁰ escritas pela Condessa.

Aparentemente, partindo do que nos possível observar acerca de sua numerosa produção, a Viscondessa de Saint-Mars é mais um exemplo de autora que foi além das adversidades de sua condição de mulher e utilizou seu fazer literário, quebrando os paradigmas da escrita enquanto atividade estritamente masculina. Muito embora, enfrentando barreiras da sociedade no que diz respeito a proteger o seu nome e o de sua família sob seu pseudônimo, Condessa Dash, acreditamos que, pelo fato de que, como já vimos anteriormente, nesse momento histórico no qual se desenvolvia e se afirmava o romance, a atividade laboral relacionada à sua escrita não desfrutava de grande prestígio junto à alta sociedade.

O romance de Anne Gabrielle sobre o qual nos debruçamos para a realização desta análise é o anteriormente citado *A Marqueza Ensanguentada*¹⁵¹.

Por estarmos cientes da grande aceitação e intensa circulação das traduções de romances estrangeiros, por parte do público brasileiro, postura que não era diferente no que concerne às preferências dos leitores em Belém, como declara Edimara Santos:

¹⁴⁸ Um romancista pertence ao ambiente em que vive. Condessa Dash não foi diferente. Em vinte anos, publicou mais de quarenta romances que tinham objetos morais emprestados de um mundo que ela conhecia muito bem e tradições monárquicas das quais ela foi alimentada. Passou a aumentar sua fertilidade. Le Journal de la Librairie tem registrados até cinco ou seis romances por ano. [Tradução nossa] In: ARNOULD, Jean. Qui se souvient de la Comtesse Dash? In: Bulletin de La société archéologique, scientifique et littéraire du Vendômois. Paris. 1867-1992. ISSN 11532513. P. 87. Disponível em: <ftp://ftp.bnf.fr/581/N5819061_PDF_1_-1EM.pdf>. Acesso em 01/07/1014.

¹⁴⁹ A base de dados da Biliotéque National Francese possui um acervo com numerosos títulos disponíveis para consulta denominado Gallica, no qual nos foi possível localizar romances, teatro, entre outras publicações de autoria atribuída à Condessa Dash, o que certamente nos dão uma ideia da produção numerosa dessa autora.

¹⁵⁰ VAPEREAU, Gustave. Op. Cit. p.87

¹⁵¹ Mantivemos a escrita original do título traduzido nos jornais brasileiros.

No caso do Estado do Pará, a presença dos autores franceses foi marcante, pois nas folhas dos jornais paraenses ocorreu certa assiduidade dos romances-folhetins de Alexandre Dumas pai, Ponson du Terrail e Xavier de Montépin. Estima-se que apareceram os seus textos nos jornais *O Liberal do Pará*, *Diário de Belém*, *A Província do Pará*. Assim como em outras províncias, o jornal serviu de suporte para a divulgação e publicação das prosas de ficções francesas no período do século XIX, na província do Grão Pará.¹⁵²

Interessou-nos a busca de maiores informações acerca desse texto da Condessa, para que nos fosse possível compreender em que medida uma obra e uma autora que não são lembradas por leitores brasileiros nos dias de hoje, estiveram presentes no cotidiano oitocentista desses consumidores de ficção.

O registro mais antigo da publicação do romance *A Marquiza Ensanguentada* do qual nos foi concretamente possível ter notícias data de 1849. O enredo circulou a partir das páginas do jornal francês *Le Crédit*¹⁵³, sob o título de *La Marquise Sanglante*, tendo sido iniciada sua veiculação em 13 de junho de 1849, como podemos conferir pela reprodução do exemplar a seguir:

¹⁵² SANTOS, Edimara Ferreira. **Dumas, Montépin e du Terrail**: a circulação dos romances-folhetins franceses no Pará nos anos de 1871 a 1880. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2011. Programa de Pós-Graduação em Letras.p. 36

¹⁵³ *Le Crédit* journal quotidien. Paris. p. 1. 13 jun. 1849.



Imagem 10: Primeiro exemplar de *La Marquise Sanglante* no periódico *Le Credit*, em 13 de junho de 1849. Fonte: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k255949j/f1.image.r=Le%20credit%20journal%201849.langPT>

Esse enredo foi publicado no jornal em 55 capítulos, veiculado até 08 de setembro de 1849. Uma curiosidade que nos chamou a atenção foi o fato de o romance ter sido publicado no jornal dividido em duas partes denominadas pelo próprio como “volumes”, dos quais o “PREMIERE VOLUME” é publicado entre 13 de junho e 31 de agosto e o “DEUXIEME VOLUME”¹⁵⁴, de 01 de agosto a 08 de setembro. Essa circunstância estrutural nos conduziu à hipótese de que o texto poderia ter sido primeiramente escrito não para o jornal, mas para a publicação em livro. No entanto, até o presente momento dessa pesquisa, não obtivemos informações concretas de publicações do romance anteriores ao ano de 1849 em formatos que não o periódico, e essa é uma questão que, em momento oportuno, retomaremos mais adiante.

Ainda no que diz respeito à circulação da obra, no Brasil, ao longo de nossas pesquisas, a busca se mostrou bem sucedida, já que nos deparamos com *A Marquise Ensanguentada* em localidades e períodos diversos, dando-nos a ideia da continuidade desse enredo em meio aos leitores brasileiros diversos.

¹⁵⁴ Mantivemos as nomenclaturas das divisões conforme o encontrado no periódico.

Seguindo o aspecto cronológico, a primeira aparição do romance em páginas brasileiras da qual temos notícia foi no periódico carioca *Diário do Rio de Janeiro*, conforme o trabalho da pesquisadora Ilana Heinenberg¹⁵⁵ indica; informação confirmada posteriormente em pesquisas na Biblioteca Nacional, na cidade do Rio de Janeiro.

Mais interessante ainda se fez a busca a partir do momento em que os registros do próprio jornal nos evidenciaram que o romance circulou em meio à sociedade carioca não somente em fascículos do próprio suporte, mas em formato encadernado, publicado concomitante à sua veiculação no diário, como comprova o anúncio¹⁵⁶ abaixo:



Imagem 11 – Anúncio de venda do romance *A Marquiza Ensanguentada* no *Diário do Rio de Janeiro*.

Fonte:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=094170_01&pasta=ano%20185&pesq=condessa%20dash

A narrativa circulou no periódico carioca entre 23 de outubro de 1852 e 15 de abril de 1853, dividida em 73 fascículos¹⁵⁷, o que nos pareceu especialmente interessante, pois esse

¹⁵⁵ HEINEBERG, Ilana. *La suite au prochain numéro :Formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio Mercantil (1839-1870)*. 2004. 285 p. TESE - U.F.R. d'Études Ibériques et Latino-Américaines. Paris, 2004.

¹⁵⁶ *Diário do Rio de Janeiro*, 11/03/1853, nº 69, seção *Annuncios*, p. 4, col. 4.

¹⁵⁷ Destacamos que de todos os fascículos do romance, apenas um está ausente, acreditamos que pela ausência do próprio jornal, o que não prejudica a sequência narrativa da trama.

veículo¹⁵⁸ apresentava, para nossa surpresa, o enredo praticamente completo, permitindo o acesso à trama, sem possíveis omissões que comprometessem sua compreensão.

Outro ponto a se destacar é o fato de o romance, como podemos notar a partir do anúncio acima, que expõe: “Este interessante romance, que está publicando o *Diário do Rio de Janeiro* em seu folhetim, já se acha em obra e á venda a primeira e segunda parte [...]”, ter sido publicado em quatro partes, diferentemente da edição francesa. Acreditamos que, certamente essa modificação feita na divisão do enredo corresponde a interesses estritamente editoriais, pois como o anúncio nos mostra, após o término de cada uma das partes do romance, as mesmas eram organizadas em edições encadernadas para serem comercializadas à parte, tornando a obra duas vezes lucrativa para seus impressores.

Posteriormente, a narrativa é publicada no jornal *Rio Grandense*¹⁵⁹, na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, tendo sido iniciada em 17 de junho de 1853, entretanto, sem informações sobre a data de término¹⁶⁰.

Observamos então a proximidade entre os períodos nos quais o romance foi impresso nesses jornais: o término d’*A Marqueza* no Rio de Janeiro foi em abril de 1853 e o início em Rio Grande em de junho de 1853, o que nos levou a inferir que o romance no jornal rio-grandense pudesse ser uma possível republicação ou contrafação a partir do periódico carioca. Infelizmente, não tivemos acesso à fonte em si e, sendo assim, não nos foi possível localizar referência de extração do texto e, portanto, essa hipótese não pode ser confirmada até o presente momento.

Em Belém do Pará, o texto circularia apenas no ano de 1876, de abril a dezembro, composto aqui por 96 fascículos, como já vimos. O enredo, nessa publicação, se aproxima da edição francesa no que diz respeito ao fato de ter sido publicado com a divisão em duas partes. No entanto, a superioridade no número de capítulos lançados no jornal nos permite inferir que esse enredo se estendeu por mais tempo nos jornais paraenses também como forma de estratégia editorial, possivelmente no intuito de manter o enredo mais tempo circulando entre os leitores paraenses, o que os incentivaria a consumir o jornal por ser o veículo da ficção.

Contudo, apesar dos dados relacionados à divisão de cada enredo, o distanciamento temporal entre as publicações dos periódicos mencionados anteriormente e *A Província* nos

¹⁵⁹ Essa informação está compartilhada na base de dados dos projetos *O sistema literário rio-grandino no século XIX: estudo sobre a sua formação e consolidação* (CNPq) e *Dicionário de autores de Rio Grande no século XIX*. (CNPq). Fonte:< http://www.fontes.furg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=63&Itemid=11>. Acessado em: 10/03/2014.

¹⁶⁰ Informação não disponível da base de dados dos projetos.

fez questionar se não haveria alguma possibilidade de tratar-se da mesma obra, extraída ou contrafeita, já que, muito embora, por tratar-se o jornal de um suporte cuja atuação da informação dá-se de forma imediata e efêmera, pelo menos no Rio de Janeiro, o enredo circulou em mais de um formato. Para tanto, fez-se necessário recorrer aos dois jornais.

O material microfilmado¹⁶¹ referente ao periódico *A Província do Pará* encontrava-se bastante comprometido. Seja por mutilações ou manchas no suporte original, seja pela falta de alguns exemplares, a sequência dos fascículos do romance estava desfalcada, entretanto, as páginas disponíveis ainda poderiam nos dar a resposta que buscávamos.

Já no primeiro dia de publicação do romance n' *A Província*, o jornal diário trouxe uma nota na sessão “Boletim do dia” que começaria a esclarecer fatos sobre uma relação ou não entre as publicações: “A marquiza ensanguentada – E’ o título de um romance francez, cuja versão devida à penna d’um nosso distincto amigo, começamos hoje a publicar em folhetim, para o qual chamamos a atenção dos nossos leitores.”¹⁶² A informação dá indícios de não se tratar da mesma narrativa, já que, conforme o anúncio, a obra estava sendo traduzida por um colaborador do jornal. No entanto, o fato de o tradutor não ter sido efetivamente nomeado na nota poderia ser ainda um subterfúgio do jornal para não explicitar a procedência do enredo publicado.

Sendo assim, confrontamos os textos e, a partir disso, foi possível observar claras diferenças de tradução, ilustradas nos exemplos dos trechos selecionados abaixo. Para essa observação, selecionamos excertos que não contivessem mutilações. Fizemos assim uso do primeiro capítulo de ambas as publicações, para verificar as alterações de formato.

Tais modificações são notadas logo no título do capítulo I, que aparece como A CORÔA DE NOIVA¹⁶³ [grifo nosso], no *Diário do Rio de Janeiro* e A COROA DE MARQUEZA¹⁶⁴ [grifo nosso] n’ *A Província do Pará*. Já podemos perceber com isso que as diferenças entre os textos em termos de tradução se dão desde a primeira linha.

Tais alterações são perceptivelmente constantes, mas, *a priori*, superficiais, como em mais esses dois trechos que seguem do *Diário do Rio de Janeiro* e d’ *A Província do Pará*, respectivamente: “- A senhora viscondessa está **fazendo arranjar no salão** o enxoval e **corbelha** para que **M.elle** ache tudo prompto logo que acordar. **Esta tarde** terá a grande exposição, todas as amigas de **M.elle** e todas as **pessoas relacionadas** com a senhora devem

¹⁶¹ Fizemos uso dos acervos de microfilme disponíveis tanto no departamento de microfilmes da Fundação Cultural Tancredo Neves, quanto no laboratório de Linguagem do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará.

¹⁶² *A Província do Pará*. Belém. p.2. 30abr1876.

¹⁶³ DASH, Condessa. *A Marquiza Ensanguentada*. Rio de Janeiro. p.1. 23out1856.

¹⁶⁴ “La couronne de la mariée”. In: DASH, Comtesse. *La Marquise Sanglant. Le Crèdit*. Paris. p.1. 13jun1852.

vir examinar essas **belas cousas**.” [grifos nossos] e “- A senhora viscondessa está **mandando por no salão** o enxoval e o **açafate** para **a menina** achal-os ali quando se levantar. **E’ hoje á tarde** a grande exposição; todas as amigas da **menina**, todas as **conhecidas** da senhora hão de vir examinar as **bellas cousas que ahi está**.”¹⁶⁵ [grifos nossos], isto é, as variações restringem-se a diferenças vocabulares, tais como *corbelha* em lugar de *açafate*, *mademoiselle* em lugar de *menina* e *fazendo arranjar* em lugar de *mandando por*, o que certamente é natural em se tratando de textos provavelmente traduzidos de fontes diferentes, por tradutores diferentes.

Prosseguindo, tomamos ainda um exemplo mais: “Entretanto o Sr. de Monza, mudo e absorto, **deixava tirar de sua mão** uma luva ensangüentada. **Ele ainda havia repetido em voz baixa: ‘Que desgraçado!’**” [grifos nossos], trecho do *Diário* e “Entretanto o sr. de Monza, mudo e absorto, **deixava descalçar de sua mão direita** a luva ensangüentada, **e mais uma vez repetio em voz baixa: desgraçado!”**¹⁶⁶ [grifos nossos], trecho d’*A Província*. A reunião desses excertos nos mostra que o primeiro texto é, certamente, mais objetivo, sendo a segunda narrativa, a do jornal paraense, um pouco mais descritiva, mais rica em detalhes, o que, por sua vez a torna detentora de uma atmosfera um pouco mais prosaica do que a anterior.

E os questionamentos continuam surgindo: perguntamo-nos quais possíveis circunstâncias teriam influenciado as publicações para que apresentassem essas características peculiares a cada uma das traduções.

Ao tomarmos as duas narrativas em questão e as aproximarmos do texto no idioma original, aquele que foi publicado no periódico *Le Credit*, observamos que tais diferenças de tradução possivelmente se justificam, primeiramente, pelo fato de o enredo carioca, a nosso ver, se aproximar mais daquele publicado em França, daí a objetividade em relação ao romance d’*A Província*.

Lembramos também que o romance foi publicado em Belém com um número bem superior de capítulos se comparado às outras publicações. O texto mais descritivo e, nos arriscamos a dizer, floreado, pode ter sido traduzido dessa maneira como uma possível ferramenta que ajudasse a prolongar, mesmo que minimamente, os capítulos, posto que, veiculado em 96 fascículos, certamente necessitaria de todas as artimanhas editoriais mais

¹⁶⁵ “- Madame la vicomtesse fait ranger au salon le trousseau(?) et la corbeille, afin que mademoiselle lês trouve prêts en se revelliant(?). C’est (ilegível) soir la grande exposition(?); toutes les amies de mademoiselle, toutes les (ilegível) commaisances de madame viendront examiner nos belles choses”. Idem.

¹⁶⁶ “Cependant M. de Monza, muet et absorbé, lassait detacher de sa main droite son gant ensanglanté. Il avait encore répété avoix basse: *le malheureux!*”. Idem.

acessíveis para chegar a tantos números. Infelizmente, por desconhecermos o tradutor de ambas as publicações até o presente momento, não nos são permitidas as confirmações de outras hipóteses que não essas apresentadas até agora.

Mesmo assim foi possível constatar a partir dessas observações, que a tradução do romance publicada em *A Província do Pará* não se trata do mesmo texto presente no *Diário do Rio de Janeiro* e sim de uma tradução diferente. No entanto, nos foi possível também observar que, apesar das mudanças encontradas de um texto para outro, ambos mantiveram a mesma essência do enredo folhetinesco, isto é, não encontramos divergências ou modificações na progressão desses enredos, personagens, informações ou desfechos entre duas publicações até onde o material disponível nos permitiu realizar essa leitura.

Há ainda que se destacar que o levantamento dos dados que envolvem a publicação do romance nos remeteu a quatro marcos temporais: 1849, 1852, 1853 e 1876, períodos que, como sabemos, no que diz respeito à criação romanesca no Brasil, correspondem ao Romantismo¹⁶⁷. Isto implica observarmos que a circulação d'*A Marqueza* esteve inserida num cenário literário nacional que envolvia concomitantemente a publicação e leitura das obras estrangeiras, como é o caso do romance aqui estudado, e de obras brasileiras.

Sendo assim, optamos por traçar um breve panorama dos romances que foram disponibilizados no Brasil nos anos em que *A Marqueza Ensanguentada*, até onde sabemos, foi efetivamente publicada. Para tanto, escolhemos como pontos de referência observar os dados contidos nas obras das pesquisadoras Germana Sales¹⁶⁸, que em seu trabalho organiza uma cronologia que abrange a produção romanesca brasileira em geral de 1822 a 1900, Ilana Heineberg¹⁶⁹, Yasmin Nadaf¹⁷⁰ e Tânia Serra¹⁷¹, que se voltam especificamente para a imprensa jornalística, abrangendo a primeira a década de trinta até setenta do XIX, a segunda a década de trinta a cinquenta e a última, de trinta do oitocentos até 1950.

Com essa observação paralela da produção de autores brasileiros e das publicações em periódicos, temos o intuito de vislumbrar nesse cenário literário nacional uma possível oferta

¹⁶⁷ Cf: CANDIDO, Antônio, CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 15a. Ed

¹⁶⁸ Referenciar tese germana SALES, Germana Maria Araújo. *Palavra e sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)*. Campinas: UNICAMP, 2003. 387 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

¹⁶⁹ HEINEBERG, Ilana. *La suite au prochain numéro: Formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do comércio, Diário do Rio de Janeiro et Correio mercantil (1839-1870)*. Paris : Université de la Sorbonne Nouvelle, 2004. 400 f. Thèse de Doctorat – U. F. R. d'Études Ibériques et Latino-Américaines, Université de la Sorbonne Nouvelle.

¹⁷⁰ NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

¹⁷¹ SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Antologia do romance-folhetim: (1389 – 1870)*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997, 245p.

tanto de obras que estiveram efetivamente presentes entre o público leitor no Brasil nos mesmos anos em que, concomitantemente, o romance em questão também habitou as páginas dos jornais.

Em 1849, tivemos a publicação dos romances *Rosa*, de Joaquim Manoel de Macedo, *O filho do procurador*, *Pedro de Aguiar* e *As flores de uma coroa*, de Justino de Figueiredo Novais, *A feiticeira*, de Antonio Joaquim da Rosa, *Amélia*, de Lourenço da Silva Araújo, *Matta-cura*, por Joaquim José Teixeira, *O Corsário*, de Caldre e Fião e Amazonas, e *História dos Paulistas*, por Antônio Joaquim Ribas, informações levantadas a partir do trabalho de Sales¹⁷².

Nesse mesmo período, Heineberg nos traz as informações dos jornais do Rio de Janeiro nos quais foram publicados os seguintes romances: *Puylarens* (continuação), de Paul Musset, *A Casa branca*, de Paul de Kock, *Valcreuse*, de Julio Sandeau, *Uma Casa em Paris*, de Elie Berthet, *Os Posseiros*, Memórias de um emigrado, por Gabriel Ferry, *Lena*, de Charles Reybaud, *A cabra amarela*, de Paul Musset, *A Pombinha*, Henrique Berthoud, *Um casamento para o outro mundo*, por Miguel Masson e Frédéric Thomaz, *Sem dote*, por Carlos Reybaud, *Carmem*, de Proper Mérimée, *O Dr. Servas*, de Alexandre Dumas Filho, *Um Amor no Futuro* (continuação), assinado por Mery, *Mulher e tigre*, por J., *As Duas estrelas*, de Théophile Gautier, *O Gentil Hussard*, de S. Arnauld, *Os Invisíveis*, por Auguste Lafontaine, *Memórias de um médico* (Continuação), por Alexandre Dumas, *Stello* ou Os diabos azuis, do Conde Alfred de Vigny, *Sarrasine*, de Honoré de Balzac, *Os Sete pecados mortais*, por Eugène Sue, *A Ira*, *Os Três malfeitores*, legenda oriental e *A Espia* por Frédéric Soulie, *O Ninho de cegonhas*, de Elie Bethet, *Nelly*, por Ann Achard, *Gowrie* ou A conspiração do rei, de Cavalheiro G. P. R James, *A Dama das espadas* e *As Duas Amazonas*, da autoria de Mery.¹⁷³

Os trabalhos de Yasmin Nadaf e Tânia Serra trazem muitas semelhanças¹⁷⁴ com os dados de Heineberg sendo assim, destacamos aqui apenas os títulos que não se repetem: *O banquete do cemitério*, de D'Alincourt e *Magdalena*, por J. Sandeaus, mencionados pelas mesmas respectivamente.

Em 1852, vieram à luz, segundo Sales, os romances *Maria* e *Januário Garcia*, de Joaquim Norberto e *Uma zombaria do destino*, de Justino de Figueiredo Novais, *Mistérios del*

¹⁷² Cf: SALES, Germana. Op. cit.

¹⁷³ Elencamos neste trabalho as publicações veiculadas nos três jornais cariocas que fizeram parte do *corpus* da pesquisadora: *Jornal do Commercio*, *Diário do Rio de Janeiro* e *Correio Mercantil*

¹⁷⁴ As pesquisas realizadas por essas autoras apresentam semelhanças por coincidirem no uso de algumas fontes.

Plata, de Joana Paula Manso de Noronha, *Memórias de um sargento de milícias*, de Manoel Antonio de Almeida, *Maria ou a menina roubada*, por Teixeira e Sousa.

Ilana, por sua vez, nos mostra a publicação de *Deus dispõe* (continuação), por Alexandre Dumas, *Miss Mery* ou *A mestra*, por Eugène Sue, *Bella Rosa*, de Amedée Achard, *Deus e diabo*, Alexandre Dumas, *A Judia no Vaticano* ou *Amor e Roma*, novela contemporânea (continuação), assinada por Mery, *A Ponta da orelha*, de A. de Gondrecourt e *Os Mistérios do Povo ou História de uma família de proletários através dos séculos* (Continuação), de Eugène Sue.

Yasmin Nadaf traz os enredos já mencionados por Ilana: *Miss Mery* ou *A mestra*, por Eugène Sue, *Bella Rosa*, de Amedée Achard *Deus e diabo*, Alexandre Dumas, e Tania Serra não apresenta nenhuma publicação para este ano.

Para o ano de 1853, a cronologia de Germana Sales apresenta *Vicentina*, de Joaquim Manuel de Macedo, *Fernando e Margarida*, por Justino de Figueiredo Novais, *A Providência*, de Teixeira e Sousa.

Heineberg, por sua vez, apresenta os romances *O Cavaleiro de Estagnol*, do Marquês de Foudras, *O Bezerro de ouro*, por Frédéric Soulié, *A noite dos vingadores*, história contemporânea, do Marquês de Foudras, *A Mão do finado*, de Alfredo Possolo Hogan(?), *Mont Reveche*, por George Sand, *Um drama no mar*, por X. de Marmier, *Amor depois da morte* (tradição norueguesa), de X. de Marmier, *Miltona*, obra de Théophile Gautier, *A Derradeira Adini*, George Sand, também *Memórias de um sargento de milícias*, do autor Manuel Antonio de Almeida¹⁷⁵ e *Memórias de um caixeiro*, por Braz Fogacho. Nadaf destaca a já citada obra, *Bezerro de ouro*, por Frédéric Soulié e Tânia Serra menciona o também já mencionado *A Mão do finado*, de Alfredo Possolo Hogan(?)¹⁷⁶,

Por fim, já no último quartel do XIX, em 1876, os romances elencados por Sales são: *A baronesa do amor*, por Joaquim Manoel de Macedo, *Helena*, de Machado de Assis, *O cabeleira*, por Franklin Távora, *A filha do estancieiro* e *O anel e a carta*, de Argemiro Cícero Galvão, *História de amor*, de Damasceno Vieira, *A Heloísa americana; O barão, o comendador e o frade: typos burlescos* e *O romance de um sceptico*, todos de Bruno Henrique de Almeida Seabra, *A filha do estrangeiro*, por Argemiro Cícero Galvão, *Padre Belchior Pontes*, de Júlio Ribeiro Júlio, *Amor com amor se paga*, de Cesar Leal, *A cruz, Laurita*, a

¹⁷⁵ Por ser uma obra nacional publicada em folhetim nesse ano, acaba referenciada pelas duas autoras.

¹⁷⁶ Há controvérsias acerca da autoria desse romance, pois ele se caracteriza como continuação de *O conde de Monte Cristo* e tem sua autoria atribuída a princípio a Alexandre Dumas. Cf: SERRA, Tânia. Op. cit.

enfeitada, *Plebéia e pobre* e *Lucrecia*, todos os quatro de autoria de Hugo Leal, *Mattascuro*, *Angelica*, *As aventuras de Braz* e *A sobrinha do cônego*, de Joaquim José Teixeira.

A partir da década de setenta, das outras três pesquisadoras, apenas Yasmin Nadaf nos apresenta dados sobre a circulação de obras, as quais, segundo a mesma, em 1876, foram publicados *A volta de rocambole*, de Ponson du Terrail, *O segredo do doutor*, de Victor Perceval, *A comissão de pudor*, por Sacher Masoch, *Um mistério*, por Alberto Delpit, *O damnado*, de F. du Boisgobey.

Mediante os dados apresentados, observamos a presença das obras brasileiras, acompanhadas sempre por números relevantes de traduções de textos estrangeiros, sendo esses predominantes entre os romances veiculados aos jornais. Notamos também que em anos de grande número de publicações de romances estrangeiros, isso não anulou as produções nacionais e essas, por sua vez, quando tiveram um salto em número, totalizando 19 em 1876, não chegaram a eliminar a veiculação dos títulos estrangeiros.

A importância de reconhecer esse pequeno panorama de obras que circularam entre os leitores brasileiros nos conduziu às reflexões traçadas por Ilana Heineberg acerca da produção brasileira e suas matrizes. Segundo ela, “o romance-folhetim se impõe como uma passagem obrigatória para a compreensão da gênese do próprio gênero romanesco no Brasil, sobretudo no que diz respeito à construção de um público leitor”¹⁷⁷. A pesquisadora destaca que o romance brasileiro percorreu três fases de criação nacional que ela caracteriza como mimética, de aclimação e de transformação¹⁷⁸.

Tais fases são descritas Por Ilana Heineberg da seguinte forma: a primeira, mimética, como o próprio nome sugere, resulta da imitação dos romances estrangeiros que ela explica ter ocorrido “pelo desejo [...] de se confundirem com os textos importados que funcionam como modelos para a produção folhetinesca brasileira”¹⁷⁹ e que a autora situa entre 1839 a 1850. A segunda fase corresponderia “a uma nova geração, em que predominam o cenário brasileiro e o projeto de fazer uma literatura nacional, acompanhando assim a tendência nativista do romantismo.”¹⁸⁰ e que circularam entre 1850 e 1860. Por fim, a aclimação traz aos romances brasileiros,

¹⁷⁷ HEINEBERG, Ilana. *Miméticos e aclimatados e transformadores: trajetórias do romanc- folhetim em diários fluminenses*. In: ABREU, Márcia (Org.). *Trajetoórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado das letras/FAPESP, 2008. p. 499.

¹⁷⁸ Ibidem. p. 502

¹⁷⁹ Ibidem.

¹⁸⁰ Ibidem. p..507.

através da descoberta da identidade nacional [...] a ultrapassagem da reprodução do simples molde importado.[...] É precisamente pela tomada da consciência de seus procedimentos e da constituição do público que o romance de rodapé se emancipa de seu modelo e pode se afirmar.¹⁸¹

Essa última fase, afirma a pesquisadora, se desenvolve entre 1860 e 1870.

Iana destaca também que, embora tenha elaborado essas três fases de classificação acerca do romance brasileiro, não há uma homogeneidade e, sendo assim, tanto a criação brasileira antecipa ou mesmo resgata os romances das fases anteriores, bem como as produções estrangeiras continuam circulando entre os leitores brasileiros.

Esta última questão nos interessa particularmente, pois podemos observar em relação ao romance estudado nesse trabalho que o mesmo esteve presente entre os leitores brasileiros tanto na fase mimética, podendo perfeitamente tanto quanto os outros romances estrangeiros, compor esse modelo que influenciou os escritores de romances nacionais, quanto posteriormente, no momento em que o romance brasileiro já encontra-se estabelecido, ou melhor dizendo, transformado, encontramos novamente a presença d'A *Marqueza* em meio aos leitores brasileiros, o que para nós, certamente dá indícios da popularidade desse enredo e, por sua vez, justifica o interesse por sua pesquisa.

Isto posto, passaremos à observação da narrativa, enfocando no texto do jornal *Diário do Rio de Janeiro*, levando em consideração o fato de esse apresentar o romance praticamente completo, possibilitando assim sua leitura e análise.

3.2 – A *Marqueza Ensanguentada*: um romance no jornal ou para o jornal?

Quando nos deparamos com o romance *A Marqueza Ensanguentada*, imaginamos primeiramente, de que maneira um título como esse poderia impactar o seu leitor no momento em que esse se lançasse ao deleite do texto no periódico. O que o faria prosseguir na leitura dessas linhas?

Chegamos à primeira conclusão, de que o título seria, *a priori*, praticamente uma declaração explícita de fortes emoções garantidas ao seu público, posto que o termo “Marqueza” certamente remete a uma trama ligada ao universo da nobreza, aos costumes aristocráticos, ao luxo e à fantasia de fazer parte deste mundo. Por sua vez, o termo “Ensanguentada” pressupõe, no mínimo, uma trama ligada a crimes, perseguições, sofrimento

¹⁸¹ Ibidem. p. 514.

e até mesmo à morte, uma vez que a expressão nos remete a algo que esteja banhado em sangue ou uma situação sanguinolenta, gerada por alguma violência. Desta forma, o leitor estaria diante de duas expressões que causam curiosidade e atração.

Pronto! Um apetitoso coquetel sensacionalista de emoções oferecidas, desde o título, ao ávido público leitor de rodapés que se lançasse a essa empreitada.

E, estando correta a nossa suspeita de que esses leitores teriam aceitado embarcar nas promessas que jaziam no título, podemos constatar ao longo do enredo que eles certamente não se decepcionariam, pois “todo esse mundo elegante, luxurioso, galante, perfumado”¹⁸² estaria à disposição dos mesmos por vários meses, em cortes, com suas descrições sobre o modo de vida da aristocracia francesa, envolvendo os leitores numa teia de relações e acontecimentos, como veremos, claramente concatenados para desempenhar uma função pedagógica e moralizante – não necessariamente nessa ordem – perante a sociedade. Tudo isto representado sob a perspectiva de uma mulher da alta sociedade francesa – Condessa Dash – e regado com sangue, ambição, ciúmes, cobiça e mesquinha.

O romance *A Marqueza Ensanguentada*, a nosso ver, reúne uma série de estratégias certamente muito características da sua época no que diz respeito à sedução de leitores, afinal, no período onde o gênero romance era preferência inquestionável, a palavra de ordem era agradar.

Vimos então, ao longo dessa pesquisa, que a atmosfera na qual *A Marqueza*¹⁸³ está envolta tanto no que diz respeito à sua circulação quanto ao texto em si, acaba por aproximá-lo do que Marlyse Meyer identifica como romance-folhetim: o chamariz do título, as temáticas anunciadas no romance, as peripécias do enredo, os cortes em momentos de tensão, etc. No entanto, como a própria estudiosa dos romances-folhetins afirma:

o sucesso da fórmula [do romance-folhetim] vai generalizar também o modo de publicação da ficção, donde nova etiqueta que confunde: praticamente todos os romances passam a ser publicados nos jornais ou revistas *em folhetim*, ou seja, em fatias seriadas. Se isso afeta a fruição estética – logo recuperada pela subsequência retomada em volume –, facilita todavia o acesso à divulgação ao jovem, ou menos jovem autor. Mas se todos os romances, em média, passam a ser publicados em folhetim, nem todos são romances-folhetins.¹⁸⁴

¹⁸² DASH, Condessa. *A Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p.2. 23.10.1852. nº 9135.

¹⁸³ Utilizaremos também essa forma reduzida para nos referimos ao romance de Condessa Dash.

¹⁸⁴ MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 59-60.

Em outras palavras, conforme a sabedoria popular, “nem tudo que reluz é ouro” folhetinesco. Visto isso, entendemos como necessário compreender o que especificamente a autora estabelece sobre o romance-folhetim enquanto gênero:

[...] em 1838. É o *Capitaine Paul*, e com essa obra está definitivamente lançado, na sua glória, o romance-folhetim. [...] Dumas descobre o essencial da técnica de folhetim: mergulha o leitor *in media res*, diálogos vivos, personagens tipificados, e tem senso de corte de capítulo. Não é de espantar que a boa forma folhetinesca tenha nascido das mãos de um homem do teatro.¹⁸⁵

A fórmula apresentada por Alexandre Dumas na criação do romance supracitado e, posteriormente eternizada também por Eugène Sue¹⁸⁶ implicou numa transformação estrutural do texto para o jornal, que “vai se transformar numa receita de cozinha reproduzida por centenas de autores”¹⁸⁷. No entanto, como vimos acima, nem todos os romances publicados nos jornais são produzidos a partir desse modelo, embora o rodapé do jornal tenha se tornado parada obrigatória a todos os romancistas que desejassem ter seus textos publicados posteriormente em livro, servindo como um teste de popularidade.

Tomamos, dessa maneira, duas classificações defendidas por Marlyse Meyer para tais publicações: o *romance-folhetim*, gênero criado a partir das peculiaridades correspondentes ao próprio suporte, e o romance de folhetim ou em folhetins, aquele que é veiculado no jornal e que, no entanto, não foi criado para atender às especificidades do mesmo, mas repartido para figurar no espaço da seção.

A respeito do *romance-folhetim*, Marlyse Meyer apresenta três fases para o desenvolvimento do gênero que ela organiza a partir de acontecimentos históricos na França e que influenciaram na criação, função, produção e tematização dos romances-folhetins. São elas: a primeira, de 1836 a 1850, ocorre logo após as revoluções burguesas de 1830, em pleno romantismo e em meio a um crescente público leitor oriundo do processo de democratização do ensino na França. Esse é um período de afirmação da burguesia e o romance-folhetim é filho da mesma. Nele, as temáticas principais estão voltadas ou para o romance histórico, que mistura os fatos históricos à ficção, ou para o “realista”, que remete os enredos às situações contemporâneas; o triângulo herói, vítima e vilão, a exaltação das qualidades dos estereótipos importados do melodrama, temáticas por meio das quais alguns autores como Eugène Sue trazem à tona o lado marginal da sociedade francesa como forma de denúncia.

¹⁸⁵ Idem.

¹⁸⁶ Ibidem. p.63

¹⁸⁷ Idem.

A segunda fase do romance-folhetim é estabelecida entre 1851 a 1871, durante o 2º império, período em que Luís Napoleão Bonaparte, após um golpe de Estado, governou a França buscando manter um forte controle ideológico, inclusive sobre a imprensa. Ocorre a nítida separação entre as classes burguesa e operária. Os romances, que durante algum tempo foram suprimidos do jornal por ordens do governo, retornaram com a condição de serem esvaziados de conteúdo político e social. Essa é a era das grandes aventuras fantásticas, imprevisíveis de incontáveis peripécias, crimes, disfarces, ressurreições, histórias em série, etc. Momento que propiciou o surgimento do ícone dos folhetins, Rocambole, do já escritor de romances Ponson du Terrail.

A terceira fase (1871 - 1914) é marcada em seu início pela Comuna de Paris (1871) e a derrubada de Napoleão e seu império e o surgimento da Terceira República. Uma França rica, porém comandada sob a égide dos industriais, que rechaçava a classe operária e se fechava à mobilidade social. Essa sociedade serve de combustível para a criação do romance “desgraça pouca é bobagem”¹⁸⁸, no qual a pesquisadora defende que há um retorno aos moldes da primeira fase, mas não mais com o mesmo direcionamento. Volta-se a falar das questões sociais em outra perspectiva: não mais se exalta o herói e se avilta o vilão; as personagens são reais, o homem bom que sobe na vida pelo trabalho honesto, o homem invejoso que seduz, mata ou rouba, as personagens vitimadas tendo que lidar com reveses da vida, principalmente as mulheres, sujeitas às seduções, perda dos filhos, injustiças, etc. O que se encontra nesse momento, são enredos que pregam a moral burguesa de manutenção da virtude e da família em uma sociedade na qual o justo e trabalhador triunfa, o mau paga e à vítima, será feita a justiça, lógico, sendo realizados os devidos sacrifícios para a manutenção da ideia de moral.

No que concerne aos romances em folhetim ou de folhetim, Marlyse afirma que quase toda

a ficção em prosa da época passa a ser publicada em folhetim, para então depois, conforme o sucesso obtido, sair em volume [...] sem que no entanto tais romances sejam romances-folhetins.[...] o próprio caráter comercial [do jornal] haveria de beneficiar os autores: [...] Ele assume mais facilmente as despesas que um editor isolado hesitaria em ter para lançar um jovem desconhecido. Todos têm chances iguais, Gonzales, condessa Dash, Balzac, Soulié, Sue, Bernard, Scribe.¹⁸⁹

¹⁸⁸ Ibidem. p.218.

¹⁸⁹ Ibidem. p.63-64.

Sendo assim, Marlyse Meyer estabelece que embora nem tudo que se publica em forma de romance na coluna Folhetim seja *romance-folhetim*, pois tal corresponde a uma estrutura própria, isso não significa que o romance de folhetim não tenha sofrido também adaptações para circular no suporte em questão:

É evidente que tal modo de publicação, com suas exigências próprias de cortes de capítulo, de fragmentos que todavia não destruam a impressão de continuidade e totalidade, haveria que influenciar a estrutura de todo romance a partir de então. George Sand se queixa de não saber cortar direito o romance, ao passo que Balzac, que tem a maior admiração por Eugène Sue, não hesita em pedir-lhe conselhos.¹⁹⁰

A coluna Folhetim tinha espaço de sobra para todos os vieses do gênero romanesco e audaciosos escritores que conseguissem uma vaga para mostrar o seu trabalho, o que abrange certamente nossa romancista em questão, a condessa Dash.

A partir do posicionamento de Meyer, nos lançamos à observação do enredo na busca de estabelecer qual o lugar d'*A Marquesa Ensanguentada* no mundo dos romances publicados na coluna Folhetim e, para tanto, nos concentramos em dois aspectos: a fruição temática do enredo e os cortes dos capítulos.

Em relação ao enredo, o romance ambienta-se, a princípio, em Paris e tem início no dia da apresentação à alta sociedade do enxoval da noiva Beatriz, a futura esposa de Amedée, marquês de Monza, ela, por sua vez, futura marquesa de Monza. Nessa ocasião, Beatriz recebeu de seu noivo a coroa de marquesa, adorno que seria mais um sinal do compromisso dos dois e objeto muito relevante na trama, tornando-se uma marca para a personagem Beatriz pois, para surpresa e terror de toda a sociedade parisiense presente na comemoração, a coroa quando depositada sobre a cabeça da personagem pelo noivo, estava encharcada de sangue, o qual escorreu por seu rosto como uma mancha.

Esse ocorrido marca o início de uma história de reveses e infortúnios que seguiriam a marquesa de Monza e seus entes próximos até o desfecho da trama, parecendo sempre que a primeira cena tinha sido um mau presságio sobre o porvir, circunstância que fica explícita na fala da própria personagem Beatriz:

Desde esse desgraçado dia, eu tive o pressentimento que existia entre mim e ella [a morta] uma ligação misteriosa, não sei que extraordinaria sympathia. Seu sangue, que manchou minha corôa de casamento, por assim dizer nos uniu uma á outra; [...] o incidente da minha corôa ensanguentada não pôde

¹⁹⁰ Idem.

sair da minha memoria e me causa terror. Um véo de luto parece que envolve a minha vida; eu creio nos pressagios, sempre acreditei n'elles e minha mãe tambem.¹⁹¹

Essa seria a primeira de outras ocorrências dessa natureza que se desenrolariam envolvendo a família de Monza.

O sangue que manchou Beatriz era de Sophia Hervé, moça pobre, filha do cambista do palácio, assassinada por Ernesto, seu amante e filho do tutor de Beatriz e, conseqüentemente, primo da mesma. Ele, um homem sem escrúpulos ou remorsos, é explicitamente apontado como o grande mau-caráter da trama. Mata a jovem para roubar, pois, mesmo sendo um nobre, devia uma alta soma em dinheiro perdida no jogo.

Conforme o tenebroso crime vai sendo apurado e Ernesto passa a ser procurado como o principal suspeito, o Sr. de Saint-Serve, pai de Ernesto, respeitabilíssimo homem da lei em Paris, além de ter de prestar esclarecimentos à polícia, acaba por confrontar-se com o próprio acusado, que se escondeu em sua casa e que revela toda a sua vilania e perversidade ao pai. A valorização da virtude e da moral aristocrática fica clara dentro do enredo neste confronto, pois, não suportando a vergonha de ver o nome de sua família achincalhado pela conduta do filho, o Sr. de Saint-Serve prefere a morte à desmoralização, lavando sua honra com sangue:

- Ides matar-me, meu pae? Perguntou Ernesto em voz firme, mas que pela primeira vez apresentava uma ligeira emoção.

- Vou fazer um acto de suprema justiça, vou fazer o que devo a todos aquelles que estão aqui (mostrando os retratos), e que Deus me perdôe, ele que lê no fundo de meu coração, ele que me impele a castigar-vos, por um novo crime, pelo maior de todos, talvez. Que Deus vos perdoe também, execrando instrumento da minha e vossa desgraça, a vos, a quem não tenho a coragem de amaldiçoar no momento em que de vós me separo. Que Deus vos perdoe, desgraçado!

Antes que Ernesto pudesse perceber qual era o seu designio, a pistola foi apoiada sobre a cabeça do ancião, o tiro partiu, e o desgraçado foi cair ensanguentado aos pés do parricida.

O assassino fugiu neste primeiro momento sem deixar pistas, mas reaparecerá em momento estratégico.

No seguir da trama, o casamento se realizou dali a meses. Já na igreja, no momento da cerimônia para a união de Beatriz e Amedée, uma das pessoas que acompanhavam enlace do belo, jovem, conveniente e vantajoso casal de nobres aristocratas era Christina Orthy, uma menina órfã, pobre, que recebia educação pela caridade de um benfeitor e, testemunha de tão

¹⁹¹ DASH, Condessa. *A Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 07nov1852. nº 9149.

feliz matrimônio, passa a questionar sua condição e suas desgraças e a ambicionar para o futuro, a beleza, a felicidade e a condição social da linda noiva Beatriz:

N'esse dia ella comprehendeu, com maior desgosto de que o ordinario, quanto era dolorosa e humilhante a parte que tinha na vida. Ella olhou para seus vestidos usados, muito curtos para seu corpo, comparou sua unica amiga, sua guarda, com a côrte perfumada que cercava Melle. de Chamarante; comparou sua miseria a esta riqueza, seu isolamento a essa reunião de familia, e perguntou-se porque Deos havia feito tanto por aquella e tão pouco por ella.[...] D'esse momento começou um nova era e bem importante na vida de Christina Orthy.¹⁹²

O romance segue já passados alguns meses na vida doméstica do casal, quando começam a ser amiúde apontadas as fraquezas de Beatriz enquanto dona do lar, esposa e mãe, questões que serão exaustivamente demonstradas ao longo do romance, bem como as falhas as de seu marido em não ter atitude mediante os caprichos da esposa, sempre cedendo quando ambos decidem as questões domésticas, às quais o narrador faz algumas considerações que antecipam o futuro do casal:

Assentada junto a uma mesa, no seu quarto de dormir, tendo diante d'ella um livro de contas [...] nós a encontramos [Beatriz] no meio de uma d'essas coleras de menina caprichosa, **tão encantadoras no tempo da lua de mel, mas que encerrão os germes de muitos pesares.**

- Meu charo Amedée, sinto bastante, porem vós fareis estas addicções; isto me dá dores de cabeça, não quero encommodar-me por tão pouca cousa.

- Minha chara Beatriz, não tendes a menor paciencia.[...]

-Sim, para agradar-vos eu deixei meus doces costumes de preguiça, consenti em aborrecer-me diante d'esses algarismos estupidos, estudei contas de cozinheiro! E vós, o que tendes feito por mim? Nada, quereis ser senhor de vós, sem que mesmo eu tenha o direito de fazer uma observação.[...]

- Beatriz, não tendes razão, **arrepender-vos-hei mais tarde; é necessario tomar outros costumes! Sê senhora em vossa casa.**

-Estima-me mais ser tua senhora, isso é mais difícil. Meus creados me obedecerão mais ou menos; sempre me furtarão mais ou menos; mas tu, eu não posso, não quero nem devo mudar-te, repelir-te, prefiro submeter-te já.

O marquez deu um grande suspiro.¹⁹³ [grifos nossos]

Os embates do casal se repetem ao longo do romance frequentemente, mas não sem, junto com a pintura das cenas, trazer uma “despretensiosa” reflexão do narrador¹⁹⁴, ação de

¹⁹² DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 09nov1852.

¹⁹³ DASH, Condessa *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1.10nov1852.

¹⁹⁴ O narrador, ao longo do texto, alterna inúmeras vezes o seu posicionamento, em alguns casos, colocando-se como onisciente ou não, assumindo a figura de mulher, ou não. Em alguns momentos ao longo do texto, nos referenciaremos a tal como “narrador-narradora”, por conta dessa especificidade.

extrema importância, pois revela sempre um claro enfoque pedagógico na tentativa de conduzir o leitor a refletir junto, no mesmo viés de raciocínio da moral que está sendo mostrada:

E a discussão durou deste modo mais de duas horas, até que enfim o marquez fatigado **deixou-se arrancar essa palavra, que anuncia grande tempestade porém que as mulheres não compreendem:**

-Fazei o que vos parecer, porém deixai-me tranqüillo.

Beatriz contentou-se com esse consentimento forçado[...]¹⁹⁵[grifo nosso]

Ao longo da narrativa, os costumes caracteristicamente aristocráticos, como viagens, ou as reuniões familiares para o divertimento de todos são mostrados, embora não sejam minuciosamente descritos com frequência. Em um desses encontros familiares, os Monza recebem a visita da duquesa d'Alagny para o convívio, essa que tentou doutrinar a marquesa e de quem Beatriz era extremamente ciumenta. A experiência tornou as duas antipáticas uma à outra, um fato acerca do qual o narrador não poderia deixar de se pronunciar:

A duquesa não percebeo, apesar de toda a sua finura. Cega, pelo seu desejo de moralizar, ella não percebeo que semeava n'um terreno antipatico a seus princípios. Não erão mesquinhas teorias que se tornavão necessárias a uma alma tal como a de Beatriz, **erão palavras sagradas, filhas do dever e da religião, erão princípios invariáveis que sós podessem apoiar solida e inabalavelmente nas circumstancias difficeis. Era preciso convencer o coração, e não offuscar o espirito; era preciso, emfim, um guia christão, um guia fiel, aquella que uma incompleta educação tinha deixado sem crença certa.** Este guia ella não o encontrou junto a si.¹⁹⁶[grifo nosso]

Os infortúnios continuam se sucedendo na vida da família de Monza. Durante a visitação da duquesa d'Alagny, Flávia, a filha de Beatriz e Amedée, adoeceu gravemente, contraindo bexigas¹⁹⁷, para o extremo desespero da mãe, pois além da doença, fica claro o apego da menina a todas as pessoas da casa, o pai, a avó, os empregados, a governanta, com exceção dela, o que era motivo mais que suficiente para despertar a ira de seu ciúme.

No desenrolar dessa parte da trama, Flávia se recupera, mas a mãe de Beatriz, a condessa de Chamarante, adoece gravemente e pressentindo a morte, solicita a Amedée, seu marido, e a Roberto, seu primo quase irmão, a promessa de que cuidem de Beatriz.

O tempo segue, o casamento de Beatriz só piora e o enredo traz para a casa da família de Monza como governanta, algum tempo depois, uma personagem já vista na primeira parte

¹⁹⁵ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 2dez1852.

¹⁹⁶ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p.1.22nov1852.

¹⁹⁷ A forma popular como era chamada a Varíola na época.

do romance, secretamente indicada pela duquesa d'Alagny para atormentar Beatriz: a senhorita Christina Orthy, a menina que assistiu ao casamento dos Monza, agora uma mulher bela, competente, bem instruída, honrada e ativa.

Apesar de ser chamada pelo narrador de “filha do povo”, demonstrando sua condição social, a personagem é demasiadamente exaltada por sua educação e conduta moral, comportamentos que lhe renderam a admiração do primo de Beatriz, Roberto de Chamarante.

Ao ser contratada, Christina passa a cuidar de Flavia em todos os aspectos, tais como vestuário, comportamento e educação e assume também, a pedido da própria patroa, todas as outras atribuições de Beatriz na gestão da casa.

No entanto, apesar da conduta impecável, a senhorita Orthy tinha um segredo: havia pecado uma única vez contra sua a virtude ao conhecer um conquistador, coincidentemente o inescrupuloso Ernesto, que se aproveitou de sua inocência, ceifou-lhe a pureza e passa a persegui-la mesmo na casa da família de Monza.

Para se proteger da perseguição do malfeitor, Christina resolveu contar seu segredo ao senhor de Monza, que tomou para si a defesa da moça, mas na verdade essa revelação desencadeou nele uma violenta paixão que a partir de então passou a corroê-lo, que o tornou indiferente à sua esposa e que foi a perdição de todos nesse círculo amoroso que se delineou.

Concomitantemente a isso, o amor de Roberto de Chamarante por Christina também crescia, o que era muito conveniente e que ela alimentava no intuito de concretizar seus ambiciosos planos de casar bem e ter um nome nobre, mesmo não o amando ainda.

Para distanciar Christina das perseguições de Ernesto, seu rival, o marquês Amedée, ordena uma viagem ao castelo de Monza, sob os protestos da marquesa que, mesmo sem um motivo plausível, não gostava do lugar:

- Eis este lugar tão formidável, Roberto, disse o marquez pondo o pé em terra. Vossa prima não é doida de lhe ter assim horror? Há um lugar mais bello no mundo?

- O certo é que não sois justa Beatriz, replicou o mancebo olhando em torno de si; tudo isto é magnifico.

- Conheço-o, conheço-o meu primo, mas não posso explicar-vos donde vem minha antipathia por este praser, que não obstante acho admiravel. Cada vez que nelle entro, um frio glacial peneira minha veias. Senti esta impressão logo que nelle puz o pé, quando te trasia em meu seio, pobre Flavia! Nunca mais a pude vencer.¹⁹⁸

¹⁹⁸ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 6jan1853.

Lá chegando, reunidos Amedée, Beatriz, Roberto (que a essa altura também já era considerado um rival), Christina e Flavia, o próprio marquês contou a lenda que envolve o castelo, ocorrida precisamente na torre onde se encontravam reunidos e onde a marquesa havia escolhido estabelecer seus aposentos.

A lenda tratava sobre a história de um nobre que, motivado pela esposa ciumenta, assassina cruelmente sua amante e o frade com quem ela havia se envolvido, tendo jogado o rapaz de cima da torre e cortado com sua espada a amante, que sangrou até a morte.

Encontramos novamente aqui a presença do mau presságio, seja pelo desgosto de Beatriz para com aquela propriedade, seja pela lenda, cujo crime supostamente ocorreu no quarto que Beatriz ocupava, é notória a criação de uma atmosfera funesta que antecipa o trágico desfecho da história.

Posteriormente, o príncipe de Monza, pai de Amedée, teve um problema de saúde e a família foi até sua morada em França para visitá-lo. Ao chegarem, Amedée cada vez mais tomado por sua paixão, enviou Christina à Paris a pretexto de resolver negócios seus e retornar no outro dia. A governanta seguiu a ordem e foi para a morada dos Monza em Paris.

No meio da madrugada a porta do seu quarto foi aberta. Era o marquês. Ele instou, implorou pelo amor de Christina, mas ela manteve-se impassível e pediu que ele fosse embora. E quando Amedée deixava o palácio esbarrou em Ernesto, que também vinha ao encontro de Christina.

Nesse encontro os dois conversaram como cavalheiros a respeito do amor de Christina e Ernesto contou ao parente sobre as circunstâncias do assassinato de Sophia. Essa conversa influenciará o marquês no desfecho da história.

Antes de deixar Paris, Christina recebeu também a inesperada visita de Roberto que veio lhe confessar o amor que nutria por ela e a pediu em casamento. A governanta, primando por sua moral, contou o segredo de sua vida a Roberto, que já havia pertencido a outro homem. Roberto não hesitou e manteve o pedido e a vontade de desposar Christina. Mediante à demonstração de amor que Roberto lhe deu, ela aceita, com a condição de que ficarão noivos por um ano em segredo.

A governanta volta à morada do príncipe de Monza, pai de Amedée. Dias depois eles souberam que o navio no qual Ernesto seguia para Londres naufragou. Dias depois, Amedée enviou Christina e Flávia para um convento, mandou Roberto em uma demorada missão e seguiu para Monza com a marquesa.

O marquês já transtornado pela paixão que o consumia há tempos, levou Beatriz de volta ao castelo que ela tanto detestava e a prendeu na torre. Ela pressentindo que o fim estava

próximo, ornou-se com a coroa que havia sido manchada de sangue. Isso assustou e irritou o marido.

Na conversa decisiva, Amedée tentou convencer Beatriz a deixá-lo livre, a viverem apenas de conveniência, ela se recusava, enfrentava Amedée, o provocava, insistindo que Christina não o amava e que ele, por ter desprezado o amor que a esposa o devotava, morreria sozinho e abandonado. O marquês não resistiu: em um acesso de raiva apunhalou Beatriz, que morreu presa na mesma torre da lenda que havia sido contada, com seu sangue jorrando aos borbotões, tais quais as predições ao longo do enredo nos fizeram desconfiar.

Christina chega em socorro à marquesa em Monza, mas já é tarde. Ela encontra a horripilante e só lhe resta limpar e preparar o corpo. Em meio à uma discussão entre ela e Amedée, reaparece Ernesto.

Por fim, para conservar a honra de sua filha, Amedée decide suicidar-se, mas não sem antes inocentar a governanta, que havia sido acusada no testamento que Beatriz escrevera antes de morrer, documento que exigia como último pedido que Flávia se casasse com Roberto e que não permitisse que Amedée vivesse com Christina.

Depois da tragédia da família Monza cumpriu-se a vontade dos mortos: Flávia casou-se com Roberto, Christina resignou-se a isolar-se do mundo e permaneceu internada num convento. Ernesto desapareceu solitário. Aqueles que cometeram faltas pagaram alguns com a própria vida perdendo-a ou isolando-se. Os que se mantiveram limpos de coração gozaram da paz e da tranquilidade da vida que seguia.

As temáticas desenvolvidas ao longo do romance transitam entre a primeira e a terceira fases delimitadas por Marlyse Meyer. Da primeira, o romance traz, apesar de superficialmente, situações históricas que vez ou outra servem de pano de fundo para as questões do casal:

- O Sr. de Mamira sera talvez mais amavel do que vós; elle me revelará, penso-o, esse grande negocio que eu adivinho.
- Vós adivinhaes?
- Sem duvida. Bem vejo que se trata do vosso projecto da embaixada.
- E quando assim fosse?
- Oh! vós sabeis perfeitamente porque vos occultaes de mim. Sabeis muito bem que eu não consentiria nunca.¹⁹⁹[...]

- Tu és pois feliz, chara menina?

¹⁹⁹ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 14Nov1852.

- Feliz minha mãe? Acima de tudo! Amedée faz tudo que eu quero; hoje ainda agora mesmo ele me prometeu renunciar a embaixada. Eu não lhe dei o meu verdadeiro motivo, porém nunca me consolaria em vel-o servir o actual *regimem*²⁰⁰.

- E eu também não.

Não o deixeis adivinhar as vossas idéas, minha mãe, ele se ofenderia, talvez, por causa de seus antecedentes; ele desola-se já por que não vou ao castello.

- Ah! essa é boa, ele bem sabe que eu não consentirei nisso. Estaes tu certa, e bem certa que nada mais há de temer por causa dessa embaixada?

- Perfeitamente eu vol-o asseguro. Elle vio quanto eu estava effectada, não me causará pois esse pesar. Uma embaixada! E demais a mais em Munich.²⁰¹

- Daremos um baile?

- A que respeito?

- Para reunirmos todo o paiz, para firmarmos nossa reputação.

- Já a temos, e desde que eu tiver idade nomear-me-hão deputado, estou certo.

-Não faltaria mais que isso, deputado! deputado! vós a prestar juramento a Luis Philippe! minha mãe e minha familia nunca vol-o perdoarão.²⁰²

Não somente essas pinceladas históricas coloreem o romance, mas também as discussões acerca de questões sociais, nas quais, quase sempre há a predominância de exposições de pontos de vista dos quais a vida aristocrática é o referencial:

Em parte alguma é tão notável a aristocracia, como nas cidades a onde existem os banhos, aparentando sempre uma afabilidade enganadora. Não se podem ultrapassar limites que cada um impõe a si proprio ; este caminho trilhado por tantos viajantes é como um santuário impenetrável. Se não fizerdes parte da sociedade, de balde tentareis introduzir-vos nella, todos os vossos esforços serão baldados. Encontrareis uma polidez exquesisita, de apparencias encantadoras, mas uma muralha de bronze vos separará. Não se pode ir de encontro a isso; a boa companhia, em quanto existir, e que desgraçadamente pouca resta, a boa companhia ficará excluída. O talento, o espírito a belleza e a riqueza, obtem nella muitas vezes cartas de recommendação mas fora isso, nada de indulgencia, de salvação e de favor.²⁰³

²⁰⁰ O tempo presente no romance nesse momento se dá por volta de 1837, pois o romance se inicia em 1831 e esse episódio ocorre após seis anos do casamento. Temos um cenário pós-revoluções burguesas, no qual burguesia dominava o poder político da época. Lembrando que nosso romance se parra em meio à uma família aristocrata.

²⁰¹ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 18Nov1852.

²⁰² DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 19Nov1852.

²⁰³ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 12Dez1852.

Existem na sociedade pessoas que se ocupam especialmente em fazer mal; esses entes são temidos, procurados por isso mesmo, e muitas vezes, respeitados pelos que os procuram. A natureza humana é fraca em face de todas as más potências; ella não acha energia senão para esmagar os fracos; e, de todos os papeis, o mais fácil, bem como o mais salutar em desempenhar no mundo é o do caluniador.

No que concerne as características da terceira fase estabelecida por Meyer, acreditamos que o enfoque dedicado ao drama, os infortúnios que aconteceram ligados à família de Monza se afinam com a definição de romance “desgraça pouca é bobagem”:

- E foi n' este instante que teve lugar o crime?
- Ha cinco minutos.
- E de que lado?
- No palácio mesmo ao lado do portão!
- O que? Que dizeis? que aconteceu pois? repetirão vinte vezes do meio da multidão que aumentava.
- Ha, senhores, disse o narrador com voz forte, acabão de roubar tresentos mil francos ao cambista, no armazem que occupa na frente do palácio, e sua filha foi assassinada. (Continua)²⁰⁴

Os moços soluçavão; Beatriz estava anniquillada; ella cobria de beijos sua mãe, com risco de comunicar-se-lhe a infecção mortal. Ella não chorava mais, porém seu peito pareceu abrir-se com seus exforços delirantes. A agonia durou assim muitas horas; emfim, pela tarde, a Sra. de Chamarante morreu.²⁰⁵

Quantas horas se passaram? Não sabemos; o dia penetrando a travez das vidraças, aclarou uma scena lamentável e horrível. O cadáver de Beatriz, tendo ainda a coroa fatal, estava collocada em uma cadeira, conservava a apparencia de vida, mas uma larga ferida, donde o sangue sahia em borbotões e cobria seus vestidos, revelava o assassinio e clamava vingança.²⁰⁶

O enredo acaba “fazendo justiça” a todos aqueles que de alguma forma foram contra as regras e costumes que regem a sociedade dentro da “moral” e da “decência” aristocráticas. Sendo que, no final, aqueles que se mantiveram puros aos olhos da sociedade – Roberto e Flávia – tiveram a justa recompensa do amor, da riqueza e da felicidade, uma lógica que regou as temáticas dos romances da terceira fase e que, essa identificação, a nosso ver, justificaria a publicação desse romance nos jornais brasileiros, ainda na década de setenta, considerando

²⁰⁴ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 10out1852.

²⁰⁵ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 30nov1852.

²⁰⁶ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 28mar1852.

que esses periódicos seguiam ainda a tendência de publicações estrangeiras, apesar da já expressiva produção brasileira de romances.

Com relação ao segundo critério adotado para a observação da narrativa, o corte de capítulos, notamos que é recorrente finalizar cada número num momento de tensão o mais possível, no entanto nem sempre há essa isso se realiza. Em contrapartida, não encontramos no texto estratégias que remetam à recuperação de informações referentes aos capítulos anteriores. Observamos que eles estão organizados sempre numa sucessão corrida, sem explicações ou informações de qualquer natureza que esclareçam o número anterior como podemos ver nos exemplos que seguem:

[Último trecho do capítulo] Ao deixar as chaves, a mão de Babet tremia; ella entrou com passo mal seguro no immenso salão onde seu amo não havia apparecido desde a morte de sua mulher; pois retirando-se para a porta, deixou passar os agentes de justiça. O presidente caminhava atraz, ella o fez parar, e juntando as mãos na attitude de ardente supplica, disse:

- Senhor presidente, em nome de sua mai, não o entregueis! Elle está no pavilhão do jardim!

O presidente recuou dois passos. (Continua)

[Início do capítulo seguinte] A inesperada revelação da presença do jovem de Saint-Serve no palácio, feita em voz baixa pela creada, pallida, e tremendo angustiou o ancião. Elle lanço em roda de si um olhar inquieto, como para assegurar-se que estavam sós, e agarrando o braço de Babet apertou com força murmurando ao seu ouvido:

- Desgraçada! Quereis forçar-me a conduzir meu filho ao cadafalso?²⁰⁷

[Parágrafo final do capítulo] No momento em que ia entrar em uma nova família, não procurou nem subterfúgios, nem disfarces, ella se mostrou tal qual era. Agradou á marquezza, porque lhe pareceu pouco perigosa; admirou ao marquez tanto se achava superior ao que della esperava.

Entrando no quarto de Flavia disse comsigo:

- Ah! é a senhora que vi casar-se. Sinto em mim que nunca a amarei! Como parece feliz. (Continua)²⁰⁸

[Início do capítulo seguinte] A datar deste dia, Christina Orthy se estabeleceu no palacio. Ella revestiu-se logo depois de sua chegada, de uma actitude tão digna em face do marquez e dos criados, tão respeitosa submissa para com a Sra. de Monza, que immediatamente agradou a todos que na semana seguinte, se achou na senhora soberana, sem mesmo parecer.²⁰⁹

²⁰⁷ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 31out1852.

²⁰⁸ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 11Dez1852

²⁰⁹ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 11Dez1852.

Notamos que a narrativa segue corrente como um texto único que teria sido recortado para se adequar ao espaço do jornal. E que, não raro, as próprias expressões do jornal nos dão a ideia não de sucessão dos capítulos, mas de um texto único, escrito para ser lido correntemente, como nos livros:

[Primeiro parágrafo do capítulo] O **tempo passa e foge, levando consigo nossos pesares, nossas esperanças e alegrias**. Nós mudamos algumas vezes de uma maneira bem sensível, mas mudamos sempre. Se, depois de alguns annos, um espelho fiel representasse nossas extinctas impressões, acharíamos nossos corações, nossas idéas, nossos sentimentos, mais envelhecidos do que nossa phisionomia.²¹⁰ [grifo nosso]

[Início do capítulo subsequente] **Nós o dissemos, no começo do presente capítulo, o tempo passa para todo mundo** ; seu vôo igual leva com a mesma rapidez os dias do pobre e os do rico, os dias felizes e os desgraçados. [...] Nossa sorte está um pouco em nossas mãos, o destino é muitas vezes o que se o faz, algumas vezes tambem fatalidade nos dirige. Entretanto, se nós procurassemos bem atraz d'essa fatalidade cega, acharíamos quase sempre um ponto de partida que poderíamos ter mudado, ou ao menos modificar muito positivamente.²¹¹ [grifo nosso]

Neste último exemplo o narrador fala do presente capítulo, mas já se tratava do capítulo seguinte, e sendo assim, entendemos isso talvez como uma desatenção do tradutor que, por sua vez, acaba implicando num erro de continuidade.

Entendemos ainda que se tal texto tivesse sido escrito realmente inserido no gênero *romance-folhetim*, ele teria sido veiculado com exatos 55 capítulos de sua primeira publicação na França, nas publicações subsequentes, considerando que o enredo já teria as adaptações necessárias para o suporte jornal. No entanto, não foi isso que aconteceu, pois a diferença no número de capítulos de cada publicação é bem grande, 74 e 96 fascículos respectivamente.

Nossa opinião, a qual já fixamos anteriormente, é a de que os textos foram recortados e publicados conforme o interesse editorial de cada jornal: quanto mais agradável ao público, mais lucrativo e, sendo assim, publicado por mais tempo.

²¹⁰ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 10nov1852.

²¹¹ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 11nov1852.

E, a partir da própria narrativa entendemos ela foi publicada na coluna Folhetim, mas a princípio, frente aos indícios apresentados, que não foi escrita para tal, e sim para ser publicada integralmente.

Contudo, acreditamos que, independente de o romance ter ou não sido, *a priori*, escrito especificamente para o jornal, esse não seria o fator mais importante, pois, como vimos, muito embora a narrativa tenha circulado em outros suportes, encadernada, etc, ficou claro para nós que houve também uma bem-sucedida aceitação desse enredo nas páginas dos jornais brasileiros.

Dessa maneira, embora o romance não tenha apresentado os elementos textuais que o levariam a ser caracterizado como um *romance-folhetim* na acepção de Meyer, podemos afirmar que o mesmo tendo sido publicado na coluna *Folhetim* de diferentes periódicos e em condições diversas, achou-se tão bem ambientado nesse espaço ao longo do tempo, apresentou tão significativa aceitação do público leitor de jornais que, a nosso ver, ainda que possivelmente não tenha sido escrito para os jornais, a circulação, o comportamento da narrativa nos deixa pensar que ela se apoderou dos jornais como se o fosse.

3.3 – Damas de papel e tinta: perfis femininos, personagens folhetinescas.

Chegamos por fim ao derradeiro tópico, sobre o qual lançamos olhares em relação ao romance *A Marquiza Ensanguentada*: a clara intenção da autora, condessa Dash de, com sua narrativa, instruir, aparentemente, uma parcela de leitores em especial: suas congêneres, as mulheres:

Quantas dissensões, quantas crueldades, quantos crimes mesmo, o aborrecimento tem causado! As mulheres não se convencem assas desta verdade incontestável. Fião-se nas suas virtude e em seu amor, admirando-se depois que seus maridos as abandonam por rivaes sem amor e sem virtude. O segredo consiste nestas palavras: “As rivaes os divertem, e vós os aborreceis.” Certamente! seria muito mais bonito, muito mais digno, conter seus infieis consortes com os únicos prazeres, os únicos deveres da vida domestica; se os homens fossem perfeitos, não se teria a luctar com seduccões estranhas. Os homens são desgraçadamente mais imperfeitos que nós, porque tem orgulho de sua força e de seu poder. Procuramos pois, os meios de vencel-os e estes meios nós os possuimos, contanto que deles saibamos fazer uso. [...] Deos é justo, a santa causa deve triumphar. A elle pertence a emancipação das mulheres, e não teorias absurdas que se lhes prega . Ellas podem ser as rainhas de suas casas, podem ao mesmo tempo sustentar o sceptro de seu governo domestico e o de da sociedade. Deixemos ao outro sexo a preocupação da política e dos negócios; empreguemos nossa inteligência em dirigir destra e firmemente

nossa existência e a dos que nos são charos e depois deixemos vagar a barquinha publica. Simplesmente passageiros, occupemo-nos de tornar a viagem divertida. Teçamos corôas para os vencedores, e preparemos consolações para os vencidos; sejamos mulheres emfim na extensão da palavra, que significa ao mesmo tempo filha, esposa, amante e mãe; lancem para longe de nós rivalidades e loucas esperanças. Reunimos em torno de nós aquelles que se desviam. Podemos muito para o futuro do mundo; não dissipemos em questões e em tormentos o que Deos nos deu de seducções e attractivos; mostremo-nos dignas do lugar em que elle nos collocou, e ninguém nol-o disputará. (Continua)²¹²

A longa citação de condessa Dash, na voz do narrador-narradora do romance, explicita claramente a intenção pedagógica desenvolvida ao longo da trama: expor a forma mais “coerente” e mais “inteligente” de ser mulher dentro da moral da sociedade oitocentista. Destacamos, novamente, que essa moral é cunhada sob a ótica de uma escritora nascida em berço nobre, uma figura representante da aristocracia, logo, provavelmente defendendo os valores que lhe representavam: “Os padrões do Norte da França, no seu paternalismo dinâmico foram ativos mecenas para um grande número de autores dispostos a fornecer regularmente e abundantemente esses romances moralizadores.”²¹³

Para que esse possível intento se cumprisse com sucesso, a autora lançou mão de um artifício muito caro ao gênero romance: a moralização por meio do exemplo, a condução das personagens em um plano que sensibilizasse as leitoras ao ponto de tomarem as histórias como lições.

Propomo-nos a observar as duas personagens que, a nosso ver, são destacadas como os extremos do romance: Beatriz, a marquesa de Monza e Chistina Orthy, a governanta da família. As duas personagens encontram-se em polos opostos da sociedade, uma é filha da aristocracia, a outra, “filha do povo”, para usar a expressão do próprio narrador-narradora. Entendemos que ambas apresentam um lado conveniente, que é possivelmente bem visto e aceito e outro que não está de acordo com os preceitos estabelecidos da pela sociedade em que vivem e a respeito desse último, e pelas faltas em virtude deles ocorridas ao longo do enredo, elas serão “exemplarmente” penalizadas.

O resultado da coexistência dessas duas personalidades é o molde para a formação de uma terceira, Flávia, a filha da marquesa e discípula da governanta que, ao final da narrativa, encerra em si apenas as boas qualidades das duas personagens antagônicas do romance,

²¹² DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 28nov1852.

²¹³ ZILBERG-HOCQUARD, 1981 apud. MEYER, Marlise. *Seduzidas e Abandonadas*: condição feminina no romance francês da *Belle Époque*. In: As mil faces de um herói-canalha e outros ensaios. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. P.257.

constituindo, desse modo, o estereótipo da mulher perfeita para a época e a que encontra a “real” felicidade.

Passemos a conhecer, primeiramente, as duas personagens por ordem de aparição:

Beatriz, moça nobre, de família tradicional da França, os *de Chamarante*.

Já no primeiro capítulo do romance, antes de qualquer outra referência descritiva sobre a personagem, sua primeira evocação se dá do seguinte modo:

- M.elle ainda não está acordada, senhor presidente e vós sabeis o quanto a senhora viscondessa deseja que seu sono seja respeitado.
- **Creança mal acostumada**, murmurou o presidente levantando os ombros. Encontrarei por ventura alguém que me anuncie á sua mãe, ou os laçaios **tambem dormem como sua jovem senhora?**²¹⁴ [grifos nossos]

O primeiro contato do leitor com Beatriz acontece logo nas primeiras linhas e por meio da impressão do senhor de Saint-Serve, o tutor, a seu respeito. Opiniões como essa sobre a personalidade da moça serão repetidas outras vezes ao longo do romance:

Uma nova mensagem não tardou muito que o interrompesse outra vez. Trez outras vezes, no dia, e por motivos tão graves como a cor da caxemira, o fizerão voltar [o marquez de Monza, seu noivo, ao castelo] do mesmo modo. As duas primeiras voltou ele alegre e satisfeito. Tem tanta graça **os caprichos** de uma noiva! Enquanto se não vive junto, **esses arrufos de uma creança mal acostumada** tem tanta graça!²¹⁵

A caracterização da personalidade de Beatriz é uma preocupação muito mais premente dentro do romance em detrimento de seus atributos físicos. Acerca daquela, amiudadamente encontramos descrições, comentários e juízos de valor a esse respeito, tais como:

- Sim, meu caro Sr. de Monza[diz o tutor], eu conheço Beatriz, eu a vi nascer! Conheço seus defeitos lá, bem como suas boas qualidades: caprichosa, voluntária, espirito encantador e cheio de graças, de natural e de ternura, mas acanhado e preguiçoso... obstinação que ella toma por carater... uma indiferença inveterada, um ignorância completa dos deveres de casa; **a cega solicitude de sua mãe em evitar-lhe o menor cuidado, a menor pena... nada exagero!** Sua juventude, sua beleza real lançam sobre tudo isso encantadoras graças, porém a beleza e a mocidade passam... os defeitos ficão...²¹⁶ [grifo nosso]

²¹⁴ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 23nov1852.

²¹⁵ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 23out1852.

²¹⁶ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 25out1852.

Beatriz, caprichosa em toda parte, se obstinava em não tomar a sério, nem a vida, nem sua posição. Natureza boa e generosa, **ella devia á ilimitada indulgencia de sua mãe caprichosas vontades**, impossíveis a satisfazer, e uma necessidade de dominio que muitas vezes chegava ao egoísmo.²¹⁷

Percebemos então que nesses mesmos testemunhos é revelada a possível razão para tal personalidade: a educação permissiva que havia recebido da mãe, cuja frouxidão dos laços disciplinares, aos olhos de muitos, era o principal motivo de um gênio tão cheio de caprichos: “O Sr. de Monza não gostava muito da viscondessa; elle attribuía, **com razão**, a seu vicioso systema de educação os defeitos que estragavão a boa natureza de Beatriz. [grifo nosso]”²¹⁸

O posicionamento do narrador ao concordar com a opinião do marques promove a nosso ver, o descortinar da moral que o romance vem defender, a dos papéis que a mulher deve desempenhar em na sociedade (leia-se oitocentista) e dos lugares aos quais ela deve se dignar, começando pelo da responsabilidade da mãe em ser educadora de seus descendentes, mas não se encerrando apenas nesse, pois as atribuições femininas deveriam abarcar outros segmentos dentro da família e da sociedade, tais como o controle da casa, a apresentação própria e o casamento:

Não se ocupava [Beatriz] com sua casa, deixava á creada todos os privilégios de sua autoridade, apenas examinava de vez em quando as suas despesas. Uma vez que ella podesse escrever seus bilhetos de manhã, fazer ou receber suas visitas, ir á noite ao baile e dansar a seu gosto; uma vez que seu marido não a deixava e submetia-se ás suas exigencias, nada mais queria. Seu toilette mesmo ocupava-a pouco, era preciso que lho dessem prompto; sua creada de quarto dirigia seu guarda-roupa como a creada de cargo dirigia a casa. Descuidosa para tudo o que não fosse seu amor ou seus prazeres, ella seguia o caminho habitual ás pessoas do seu character, isto é, ella accelerva por todos os meios possíveis, e sem perceber, a destruição do seu único sentimento. Ciumenta até o delírio, atormentava incessantemente seu marido . Elle ainda se não queixava, mas ja sofria.

Beatriz, ainda mais negligente que a mãe, nem sequer chegava ocupar-se da educação da filha:

Em suas relações com sua filha a marquesa seguia o mesmo sytema. Ainda que amasse apaixonadamente, ella deixava aos estranhos os imperiosos cuidados reclamados por essa idade. Vi-a unicamente para brincar com ella como uma boneca; fazia- trazer par junto de si logo que a vestião, e mostrava-a a todo mundo, altiva pela sua belleza, mas contente pelas alegrias

²¹⁷ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 12nov1852.

²¹⁸ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 12nov1852.

infantis, ordenando-lhe sem cessar, que não machucasse seus vestidos, de não sujar seus sapatos e sua fitas. **Resultou d'isto haver entre a mãe e a filha um constrangimento inevitável; Flavia temeu, honrou sua mãe, porém amou-a menos do que a seu pai, direi mais , menos ainda de que as suas creadas e governates.** [grifo nosso]

O fim do excerto mostra que não há negligência sem consequência, assim como a omissão de Beatriz havia gerado como resultado o citado *constrangimento* no que tange à filha, nos outros seguimentos, tais como a falta de cuidados com o lar e o ciúme exacerbado do marido, as falhas como mulher geravam, ao longo do tempo, resultados permanentes em seu casamento:

[Amedée diz:] Abusais de minha paciência, Beatriz, de minha ternura, atormentaes-me horrivelmente. Eu não vos engano, nunca vos enganei, mas tenho vontade de fazer quando me fallais assim.

- Vós o confessaes!

- Confesso que perco a cabeça, que vossos perpétuos caprichos, vosso mutável character me deixam perplexo ante vós, compreendo a que principio me arrastais, sinto que deveria mostrar uma vontade firme para dominar a vossa. Pois bem, o desejo de evitar-vos pezares, a necessidade imperiosa de tranquilidade, forçao-me a concessões deploraveis para o nosso futuro. Beatriz, vós nos perdereis a ambos.²¹⁹

E assim, a educação falha, o gênio caprichoso e o ciúme doentio pelo marido vão conduzindo as relações da marquesa de Monza a um desfecho infeliz e trágico, que inicia a contagem regressiva quando seu destino é cruzado com o de Cristina Orthy.

Essa personagem aparece rapidamente no romance no dia do casamento de Beatriz e Amedée, no capítulo nove, intitulado LUTO E ALEGRIA, reaparecendo posteriormente no capítulo terceiro da segunda parte, O QUE É NOVO É BELLO, já como governanta contratada para trabalhar na casa dos Monza.

Christina nasceu sem berço e recebeu benefícios pelas mãos de um benfeitor ainda criança, tendo ele se compadecido da órfã. Diferentemente de Beatriz, apesar da excelente educação que recebera, a caracterização da governanta não se dá apenas pela descrição de seu gênio e de sua personalidade que assim como com Beatriz, são descritos com frequência, mas também por meio de detalhadas pinturas dos belos atributos físicos que a mesma apresentava:

De manhã, entre os numerosos espectadores, que a curiosidade attrahira, se achava junto de um altar separado uma mulher idosa, e uma menina de doze annos. [...] Grande para sua idade, bem proporcionada, pallida, com lindos

²¹⁹ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 20nov1852.

cabellos de ebano, **a natureza havia-a dotado de uma beleza fascindora, com uma d'essas bellezas fataes que muitas vezes destroem muitas existencias.** Seus olhos de um branco azulado, com duas sobranceiras pretas, guarnecidas de pestanas ainda mais pretas, brilhavam de um modo que era impossível sustentar o olhar. Reinava já n'essa fisionomia de criança uma indomável altivez, uma resolução energética; apesar de seus vestidos mais que simples parecia uma rainha, e muitos dos moços da brilhante assembléa fizeram atenção n'ella e mostrarão uns aos outros na passagem.²²⁰

Um defeito que muitas pessoas lhe invejarão, e que por minha parte [duquesa d'Alagny], eu lhe roubaria de bom grado.

- Mas enfim? [Amedée]

- Ella é muito bella.

- **Tendes rasão, é um immenso defeito em uma governante.**

- Sua belleza é muito original, o que a salva, os tolos, que são em grande numero, não a comprehendem. E' alguma coisa singular e desusada, um olhar de panthera e de tigre. Concedeis? A graça da gata e a ferocidade da leoa. Seus olhos mudam de cor segundo a sua vontade, elles brilham na escuridão; quando uma vez se veem nunca mais se podem esquecer; na idade media tel-a-hiam queimado por feiticeira.²²¹

Ella se lançou de joelhos; as lágrimas corrião lentamente de suas palpebras; seus cabellos cobrião-na quasi inteiramente; seu vestido estava aberto sobre seu ombro tão branco; toda a exaltação, toda a dôr de sua alma patenteava-se em suas feições. **Estava bella a tornar louco o próprio Platão.**²²²

Notamos que as descrições físicas feitas de Christina Orthy em três momentos diferentes do romance: o casamento dos Monza, em sua infância, a chegada na casa dos Monza para o trabalho de governanta e a confissão de sua falta à Amedée, demonstram um apelo sensual não visto em nenhuma outra personagem da trama.

Acreditamos que essas considerações possivelmente apontam para o fato de que a beleza pode não ser uma dádiva, mas um instrumento de perdição, como os próprios trechos em destaque ressaltam: “uma d'essas bellezas fataes que muitas vezes destroem muitas existências” e “Estava bella a tornar louco o próprio Platão”, essas servindo de certa forma como uma antecipação do desfecho do romance. Já na passagem “Tendes rasão, é um immenso defeito em uma governante.” vemos que essa característica pode ser um grande inconveniente para uma mulher de condição social humilde, assalariada.

²²⁰ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 05nov1852

²²¹ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 11Dez1852.

²²² DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 31Dez1852.

No entanto, entendemos que esse apelo sensual não chega a ser proposital, ou premeditado pela personagem, porque no que diz respeito à sua conduta moral, o romance inúmeras vezes a exalta:

Tudo se fez aos desejos do finado: trouxerão a menina aqui. Ella aprendeo tudo quanto se póde aprender, tornou-se excellente professora de musica e pintora distincta, sobe todas as línguas conhecidas, escreveu como Voltaire, e falou como Massillon;[...] Melle. Orthy seguiu uma de suas discípulas á Inglaterra, ás águas do Rheno, e não sei onde mais, terminou sua educação, e não a deixou senão no hotel; ainda assim não a deixaria se um parente da Sra., seu cunhado, julgo, não intentasse seduzil-a. Christina declarou este desígnio á família, e pediu queria voltar para a França, nunca houve virtude mais severa, vós o vedes. Em vão lhe supplicaram que ficasse; offereceram-lhe palácios e cabeças; ella tudo recusou, e chegou aqui aquinhoada pela generosidade de seus antigos amos, e procurando uma outra família, a quem podesse offerecer seus serviços.²²³

Havia nesta alma indômita uma espécie de ferocidade incuravel, um animo innabalavel, uma vontade de ferro e uma persistencia admirável; mas no fundo de tudo urdiam paixões contidas e encadeadas, affecções capazes dos maiores sacrificios. Christina era da tempera dos martyres, dos heroes, ou dos scelerados. Amava Flavia com uma indivisivel ternura. [...] Desejava fazer della o modelo das mulheres e diser depois: “eis aqui minha obra!” deixando a Deus o cuidado de recompensa-la. (Continua)²²⁴

Mas, apesar de todas essas qualidades reunidas na governanta, ela encerrava em si um segredo: havia cedido à dissimulação do sedutor Ernesto e sucumbido à paixão, entregando a ele sua virtude:

[...]Sem experiência, fui enganada; minha cabeça perdeo-se, minha iamginação exaltou-se, meu coração bateu a ponte de suffocar-me, e o momento em que reconheci minha inferioridade, tornou-se do da minha derrota! [...] Julgava-o imenso, Senhor, immenso como o mundo, e eu o fasia feliz, feliz por mim que nunca tinha dado a felicidade a ninguem, e que não a tinha igualmente recebido. As horas passaram-se como um encanto, julguei ser um sonho.

Esqueci completamente de minha falta em quanto elle esteve commigo; tel-a-hia commettido mil vezes para lhe dar a mesma felicidade, para ouvil-o agradecer-me com seus bellos olhos, com seus bellos labios tão cheios de alegria [...]. Mas no dia seguinte, ao meu despertar, quando a candida e pura menina que me estava confiada, se aproximou de meu leito, quando a vi, tão casta e tão innocente, no mesmo lugar onde, tão poucas horas antes, tudo o que em mim havia de innocencia, tinha desaparecido aos beijos de Ernesto,

²²³ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 10Dez1852.

²²⁴ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 15Dez1852.

então tornei a mim: senti todo o horror de minha queda, conheci-me indigna de ficar junto desta menina, e chorei profundamente.²²⁵

Temos então caracterizados até aqui os dois perfis femininos desenvolvidos por condessa Dash, que concentram virtudes e, principalmente, vícios a partir dos quais o próprio narrador-narradora busca tirar explícito proveito para a efetiva instrução de suas leitoras:

Talvez o estudo deste caracter offereça um vivo interesse e mesmo uma grande e salutar instrução.

A marquezia era o tipo de mulher nascida em alta classe, favorecida da fortuna e da natureza, vaidosa pela felicidade, tornada exclusiva e quase egoísta pela educação. Na posição de Christina, seu excelente caracter ter-se-hia precisamente desenvolvido. Constrangida a fazer sua posição, não a teria feito brilhante, mas ao menos tornal-a-hia suave e tranquilla. Teria vivido sem ambição, sem inveja, uma existência toda de afeição. [...] Filha do povo, Beatriz seria perfeitamente boa e feliz.

Christina, pelo contrario, recebeu nascendo os funestos dons de uma natureza apaixonada, de uma vasta intelligencia, de uma ambição sem limites, de uma fogosa imaginação. Não era muito para esta voraz actividade um reino a governar; ella sentia-se própria para tudo, aspirava a tudo. Sua altivez indomável lhe servia de princípios. Formava uma tão alta opinião de si, que não havia nada digno della[...]. Ella tinha sido franca em sua conversa, era-o sempre. Muito orgulhosa para mentir, mostrava e sem discimulação. Seu ídolo, seu culto, eram o dever, [...] um dever fácil não lhe parecia um dever, ella queria-o coberto de difficuldades e lagrimas, tornava-se algoz de si mesma.

As características dessas duas personagens engendram no romance o modelo da mulher perfeita, representada na figura de Flávia, a filha do casal de Monza:

Elles não tinham mais que uma filha, nascida no fim do primeiro anno de casamento e que se chamava Flavia, unico nome da Sra. de Chamarante. Essa menina, bela como sua mãe, recebera da natureza todos os dons que concorrem á felicidade dos outros com comprometimento da nossa. Ella era boa, doce, affectuosa; esquecia-se sem cessar de si pra ocupar-se d'aquelles que a cercavão; sua precoce intelligência dava ao seu coração tão nobre uma seducção ainda maior. Proferia d'essas palavras que tocam a alma e que fazem sonhar, quando parte de um ser tão joven. Ninguem se podia aproximar d'ella sem amal-a; tambem Flavia era o idolo da familia inteira. (Ilegível) já de sua educação, e ella prometia tornar-se uma pessoa muito notavel, com ajuda de um guia esclarecido.²²⁶

²²⁵ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 31Dez1852.

²²⁶ DASH, Condessa. *Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. p. 1. 12Dez1852.

A menina passou ileso por todas as vicissitudes vividas pelas duas personagens da trama aqui destacadas, não tendo sofrido nenhuma consequência em sua formação moral a partir disso, e elas expiaram, cada uma a seu modo, as faltas cometidas ao longo do romance.

Beatriz aos poucos perdeu toda a sua autonomia de senhora da sua casa, voluntariamente delegada à governanta, bem como foi privada de uma sincera afeição de sua filha. Por fim, a indiferença do marido e o desejo dele de liberdade para viver a paixão alimentada por Christina, o privam da lucidez e num ataque dele de loucura, ele assassina cruel e covardemente sua esposa.

Christina, pivô dessa paixão ensandecida, viu-se obrigada a abrir mão de sua maior ambição, que seria um bom casamento com o nobre Roberto e, não obstante, optou pela clausura de um convento já não se achando digna de viver entre os demais.

Ambas, no romance, acabam sacrificadas em virtude da manutenção da ideia de moralidade da sociedade: Beatriz, vinda de uma educação comprometida, uma mãe omissa, esposa exacerbadamente ciumenta e dona de casa preguiçosa, contrariava todos os moldes que uma mulher casada, frequentadora da alta sociedade deveria desempenhar.

Por outro lado, Christina, ambiciosa, voluptuosa e desvirtuada, por provocar nos homens paixões avassaladoras, perdeu-se ao ter dado seu mau passo contra a virtude, fato que nem mesmo toda a sua instrução pode remediar, restando a ela a clausura.

E, assim, antecipando Emma Bovary, personagem flaubertiana que paga por fugir dos padrões morais da sociedade vigente, ambas são punidas por seus erros, a marquesa, com a morte e a governanta com a necessidade de abrir mão do seu casamento com um nobre e o exílio no convento.

As observações feitas a partir do enredo *A Marquiza Ensanguentada* nos levam acreditar que a visão da autora, condessa Dash, acerca da sociedade para a qual ela compôs esse romance é de que a moral dominante da parte mais abastada da sociedade deve ser prezada e mantida a todo custo, nem que para isso, seja necessário o sacrifício, como foi, nesse caso, de imolar esses dois perfis de mulheres que não se encaixavam nos costumes que, possivelmente, a autora desejava demonstrar necessários a preservar.

Entendemos, dessa maneira, que a redenção da figura feminina no romance não se realiza por meio do perdão das faltas, posto que o “castigo” se faz “necessário”, mas da formação de um novo caráter, como o de Flávia, que ao final do romance, se transformou na fusão das boas qualidades das personagens vistas anteriormente, reunindo em si a beleza, a nobreza, a retidão, a virtude e a instrução e tendo, com tudo, isso se transformado num modelo de mulher ideal e plena, um exemplo a ser seguido, ainda que tenha enfrentado as

agruras da orfandade dos pais e mesmo tendo perdido a governanta que tanto amava, contraiu um exímio e vantajoso matrimônio e terminou o romance muito feliz, alheia aos vícios e às paixões mal quistos na sociedade e que se desenvolveram em seu redor na trama.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa literária em jornais, a nosso ver, pode, deve e merece ser descrita em uma palavra: desafio.

Seja por nos lançar momentaneamente em outra realidade, que não é a nossa, mas da qual possivelmente somos resultado, seja por descortinar bem diante dos nossos olhos processos históricos dos quais, em boa parte das vezes, só ouvimos falar, tais incursões nas fontes primárias certamente são uma experiência que efetivamente nos conecta sensorialmente ao passado.

É claro que a beleza de tal processo não anula nem as dificuldades e frustrações no que se refere às ausências de fontes, nem à exaustão de horas dedicadas a leituras e mais leituras de microfimes e textos digitalizados – dos quais, graças à tecnologia podemos desfrutar, mas que ainda não são regra. No entanto, a satisfação de nos depararmos com as descobertas que esses objetos nos proporcionam é indizível.

Este trabalho, que teve início a partir da localização do romance *A Marqueza Ensanguentada* n’*A Província do Pará*, foi permeado por esses momentos. Deparar-nos com a obra de uma escritora publicada em Belém no século XIX pareceu, a princípio, inesperado. Entretanto, perceber que esse não era um fato isolado, mas algo recorrente no jornal foi o que nos motivou a aprofundar essa observação, já que, se por um lado, os estudos canônicos que guiam nossa experiência acadêmica nos levam a crer que o século XIX não foi um espaço fértil para a escrita das mulheres, por outro, a pesquisa relacionada aos romances publicados em Folhetim nos falam da popularidade de muitos escritores benquistos pelo público de sua época.

Lançamo-nos então a descobrir qual seria o lugar de *A Marqueza Ensanguentada* e sua autora, Condessa Dash, em meio às discussões que envolvem a publicação de romances em periódicos e a produção de romances pelas mãos femininas.

Contudo, precisávamos começar por algum lugar. Optamos por começar pela imprensa. Fomos em busca dos processos que contribuíram para estabelecimento da imprensa no Brasil afora. Encontramo-la, receptiva e eclética, no século XIX na Corte e de Norte a Sul, relativamente barata e acessível, abrigando toda a sorte de publicações e promovendo espaço para todos os confiantes autores de qualquer coisa que merecesse a atenção do público. Isso incluía dois elementos muito caros à nossa observação: os romances e, sem dúvida, as mulheres.

Ideia que nos levaria ao segundo ponto de reflexão: a associação entre as mulheres e a escrita de romances. Por que, quando falamos de romance, associamos sua leitura às mulheres, mas não a sua escrita na mesma proporção? Assim, o segundo ponto de nossa empreitada nos levaria a conhecer que a trajetória que o romance percorreu para conseguir prestígio e reconhecimento foi muito próximo ao que as mulheres percorreram em busca da mesma coisa: desde antes mesmo do século XVIII, mas com mais força a partir dele, o romance dava sinais em busca de seu espaço enquanto gênero, assim como as mulheres também buscavam conquistar dentre muitos espaços e direitos, o de escrevê-lo com excelência.

Um contribuindo com o outro, o romance entretendo, instruindo e provendo o sustento de muitos escritores, dentre eles, muitas mulheres; elas, utilizando de sua vivência, valores e sensibilidade na escrita deles, fazendo-os serem lidos e relidos, publicados e republicados, promovendo-o e conquistando assim o direito de mostrar suas criações no espaço mais democrático já aberto ao romance: a coluna Folhetim.

E essa foi a deixa para muitas delas. Assinando com seus pseudônimos (femininos ou masculinos) ou usando o próprio sobrenome, elas deixaram nas páginas dos jornais as suas obras, as suas ideias e os seus valores, usando do talento para reunir tudo em um entretenimento que convencesse o público de que seus títulos valiam a pena, marcando seus contemporâneos com seus estilos e suas ideias.

Essa foi também a oportunidade de Condessa Dash, que o fez com maestria. Escritora de um número considerável de romances, teve a nosso ver, com *A Marqueza Ensanguentada*, resultados que muitos escritores passaram a vida tentando alcançar. A publicação do romance em 1849 dá início a uma circulação, e se podemos nos dar à ousadia, à uma peregrinação que, pelo menos até o presente momento, no que se refere à publicações em jornais, vem findar em Belém do Pará em 1879. Dentre esse período, as personagens dramáticas d'*A Marqueza* também deram o ar da graça na empoada Corte e entre os nossos irmãos farroupilhas do Sul do país. Sem dúvida, a *Marqueza* viajava bastante no período oitocentista.

Figurando entre as preferências dos leitores brasileiros, as traduções francesas, *A Marqueza Ensanguentada* provavelmente foi tão “andante” porque oferecia ao público leitor de romances o que ele procurava: emoção e instrução.

Apresentando um enredo permeado de lições que incitavam a preservação da moral, *A Marqueza* também se propunha a esclarecer a mulheres sobre uma série de questões relativas ao seu papel atuante na sociedade: a importância de desempenhar bem todos as suas atribuições, de mulher, esposa, amiga, etc.

A oposição das duas personagens do romance que foram destacadas, Beatriz e Christina, seus desfechos infelizes em virtude de suas falhas, seus desvios de comportamento, punidas com rigor, cada uma em seu devido tempo, deixaram transparecer a moral de como deveria ser fundamentado o comportamento feminino, a partir da educação dada pela mãe, que atribuições deveria assumir uma esposa e dona de casa, e como uma mulher jovem deve agir, não sucumbindo ao vício.

Às falhas e os vícios é devidamente aplicada a penalidade, e da personalidade das duas personagens é moldada uma terceira, Flávia, um exemplo irrepreensível de educação e humildade, por um lado e beleza e nobreza por outro.

Isso deixa claro que o texto da Condessa era explicitamente moralizante, no intuito de manter a organização social que, na perspectiva da autora seria a melhor escolha para a sua sociedade. E dessa forma, esse texto que circulou internacionalmente e, no Brasil, com bastante abrangência, deixou registrada uma criação nascida das mãos de uma mulher, texto que prega a manutenção de uma moral e que, provavelmente, para ter chegado à mão desses leitores, sua autora deve ter precisado quebrar regras e paradigmas morais da sociedade em que vivia.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação de leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2003.

ABREU, Márcia (Org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado das letras/FAPESP, 2008.

ARNOULD, Jean. *Qui se souvient de la Comtesse Dash?* In: Bulletin de La société archéologique, scientifique et littéraire du Vendômois. Paris. 1867-1992. ISSN 11532513. pág. 85 -87. Disponível em: <ftp://ftp.bnf.fr/581/N5819061_PDF_1_-1EM.pdf>. Acesso em 01/07/1014.

ARRUDA, Aline Alves et. al (org.). *A escritura no feminino: Aproximações*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. 425 p.

ASSIS, Machado de. *O Jornal e o Livro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BATALHA, Maria Cristina. *O lugar do folhetim traduzido no sistema literário brasileiro*. In: *Graphos*, João Pessoa, v.8, n. 1, jan/jun, 2006

Bibliothèque nationale de France: Gallica: bibliothèque numérique. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k426720s/f1.image.r=La%20Presse%20journal%22girar din.langPT>> Acesso em: 20/05/2014.

BRAGANÇA, Aníbal, ABREU, Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Unesp, 2010.

Escritora francesa. In: CONLEY, John, "Madeleine de Scudéry", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2011 Edition). Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/sum2011/entries/madeleine-scudery/>>. Acessado em: 14/03/2014.

CANDIDO, Antônio, CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 15ª. Ed

COELHO, Geraldo Mártires. *Letras & baionetas: novos documentos para a história da imprensa no Pará*. Belém: Cejup, 1989. 168 p.

COSTA, Maria Lucilena Gonzaga. *Gazeta Oficial: Periódico paraense noticioso e literário de século XIX*. 2008. 97 p. Dissertação. Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará. Belém, 2008.

DASH, Condessa. *A Marqueza Ensanguentada. A Província do Pará*. 30 de abril a 23 de dezembro de 1876. Folhetim.

DASH, Condessa. *A Marqueza Ensanguentada*. Diário do Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1852 a 13 de abril de 1853. Folhetim.

DASH, Comtesse. *La Marquise Sanglant. Le Crédit*. Paris. 13 de junho de 1852.

DUBY Georges, PERROT, Michelle (Orgs.). *História das mulheres no Ocidente*. Vol. 4. São Paulo: EBRADIL, 1991. (?). p.41.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

Encyclopedia Britânica On-line. Disponível em: <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/336003/Charlotte-Lennox> Acesso em: 14/03/2014.

GRANDEMANGE, Christophe. *Qui est Henry Gréville?* Disponível em <http://le50enlignebis.free.fr/IMG/pdf/Henry%20Gr%C3%A9ville.pdf>. Acessado em: 05/03/2013.

GORDINEAU, Dominique. *Filhas da Liberdade e cidadãs revolucionárias*. In: História das mulheres no Ocidente. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

HEINEBERG, Ilana. La suite au prochain numéro :Formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio Mercantil (1839-1870) . 2004. 285 p.. TESE - U.F.R. d'Études Ibériques et Latino-Américaines. Paris, 2004.

HOHLFELD, Antonio. Deus escreve direito por linhas tortas: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

KASTAN, David Scott. *The Oxford Encyclopedia of British Literature*. Oxford: Oxford University Press, 2006 Fonte: <http://www.oxfordreference.com/view/10.1093/acref/9780195169218.001.0001/acref-9780195169218-e-0294> Acesso em: 14/03/2014.

MACHADO, Ana Maria. *A audácia dessa mulher*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 224 p.

MESQUITA, Tatiana de Nazaré Costa Ramos. *A contribuição do jornal O publicador pareense no incremento da cultura letrada na provincial do Pará*. 2013. 72 p. TCC. Instituto de Letras e Comunicação. UFPa. Belém, 2013.

MEYER, Marlise. Folhetim: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORETTI, Franco (Org.). A cultura do Romance. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naif, 2009.

MUZART, Zahidé Luinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999. 960 p.

NADAF, Yasmin Jamil. Rodapé de miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

PAIVA, Aparecida. A voz do veto: censura católica à leitura de romances. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

- ROCQUE, Carlos. *Antônio Lemos e sua época*. Belém: Amazônia Edições Culturais. 197[?].
- ROCQUE, Carlos. *História de A Província do Pará*. Belém: Mitograph Editora LTDA, 1976.
- SADE, Donatien Alphonse François, conde de. *Os crimes do amor e A arte de escrever ao gosto do público*. [Tradução: Magnólia Costa Santos]. Porto Alegre: L&PM, 202. 206 p.
- SALES, Germana. *Palavra e sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas*. 2003. 387 p. TESE. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- SALLES, Vicente. *Marxismo, Socialismo e os militantes excluídos*. Capítulos da História de Belém. Belém: Paka-Tatu, 2011.
- SALLES, Vicente. *Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará*. Belém: CEJUP, 1992. 319 p.
- SANTOS, Edimara Ferreira. *Dumas, Montépin e du Terrail: a circulação dos romances-folhetins franceses no Pará nos anos de 1871 a 1880*. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2011. Programa de Pós-Graduação em Letras.
- SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000. 152 p.
- SILVA, Alan Victor Flor. *Um escritor da coluna folhetim: Os contos de marques de Carvalho na jornal A Província do Pará*. 2010. 104 p. TCC - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2010.
- SILVA, Shirley Lianne Medeiros. *Os caminhos dos romances-folhetins*. Relatório Técnico-Científico (PIBIC/FAPESPA/UFPA), 2009, Pará.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983. (3ª. ed.).
- SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. 2007. 203 p. Tese – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2007.
- SWARCS, Lilia Moriz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- VAPEREAU, Gustave. *Dictionnaire universel des contemporains : contenant toutes les personnes notables de la France et des pays étrangers... : ouvrage rédigé et continuellement tenu à jour avec le concours d'écrivains et de savants de tous le pays (Cinquième édition)*. Vol 1. Paris : L. Hachette, 1880. 68 p. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2992011.r=comtess+dash+biografie.langPT.swf> acesso em 10/03/2014.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII. São Paulo: Boitempo, 2002

_____. A formação do romance inglês. São Paulo: Aderaldo&Rothchild, FAPESP, 2007.

VASCONCELOS, Sara. *A prosa de ficção n'A Província do Pará*, Relatório Técnico-Científico (UFPA/CNPq). Pará, 2012.

WATT, Ian. *A ascensão do Romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Presença de Mulher: ensaios*. Rio de Janeiro: Lidador, 2004.

TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetim no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades. 1994. 99 p.